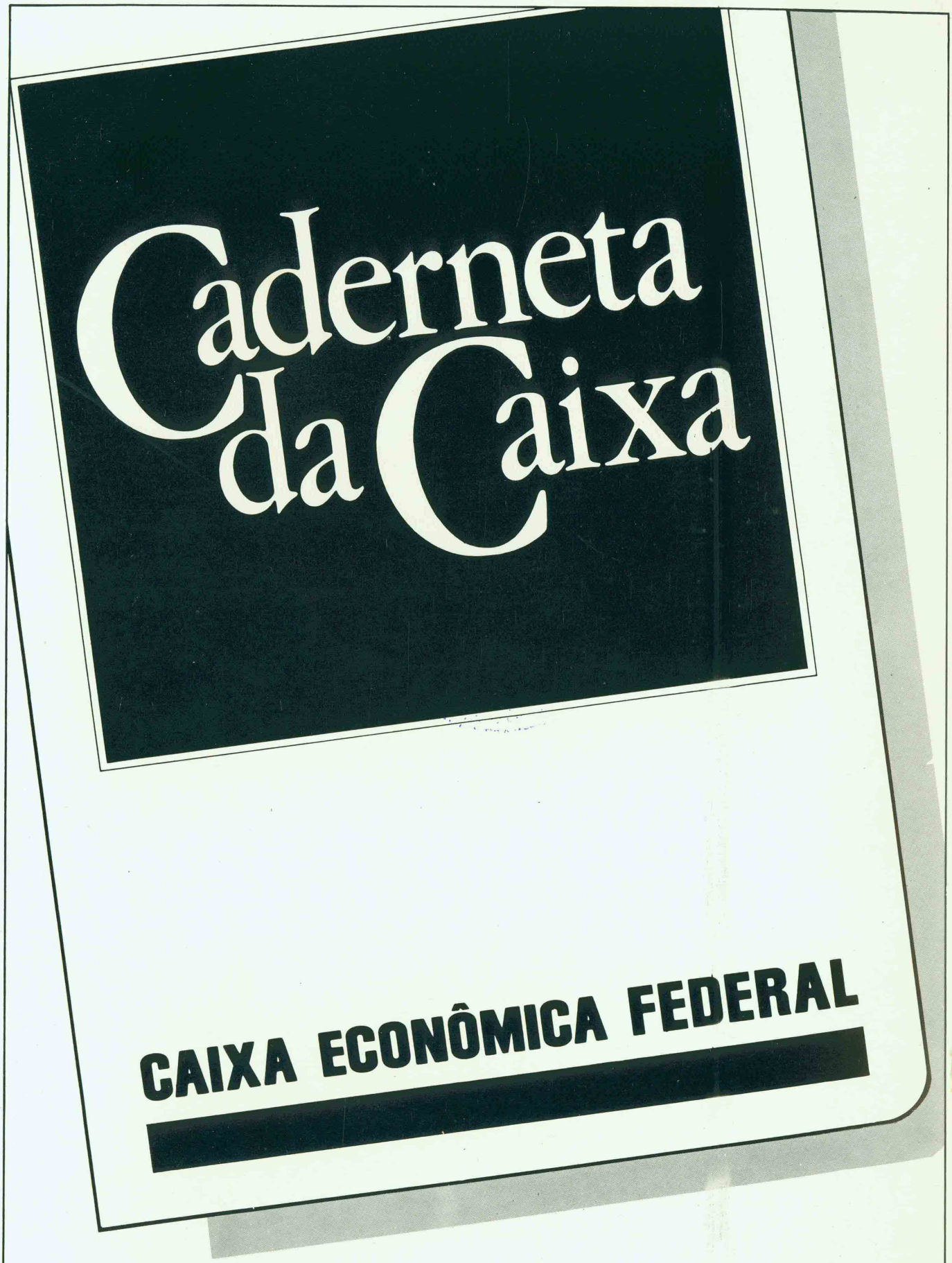
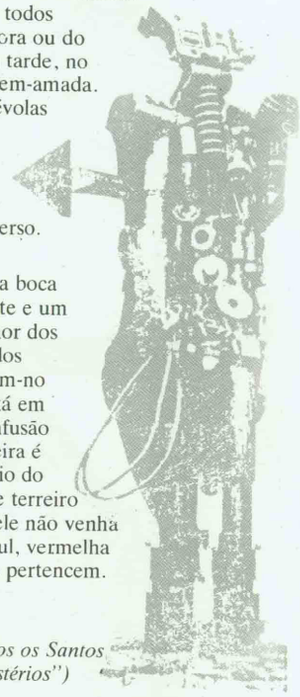

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO
9



Esta é a maior, melhor e mais segura caderneta de poupança do País.

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arreliento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.



Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

Fundação Casa de Jorge Amado
Divisão de Pesquisa e Documentação
Col. nº 3

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente) Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos, James Amado, João Jorge Amado, José Carlos Capinan, Paulo Tavares, Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Carlos Jorge
Fotografia: Walmir Pinheiro
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impressão: Bigraf

Exu é uma publicação bimestral da Fundação Casa de Jorge Amado Largo do Pelourinho s/n, Salvador, Bahia, CEP 40025. Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores Os originais não serão devolvidos

Publicação de acordo com a Lei Federal n. 7505/86 (Lei Sarney)

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda, José Paulo Paes, Ricardo Ramos *(São Paulo)* Afrânio Coutinho, Antônio Torres, Eduardo Portella, Sônia Coutinho, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem Braga, Sônia Coutinho, Bella Jozef *(Rio de Janeiro)*, Paloma Amado Costa *(Brasília)*, Nádia Gotlieb, Oswaldo França Júnior *(Minas Gerais)*, João de Jesus Paes Loureiro *(Pará)*, Marcus Acyolli *(Pernambuco)*. Sérgio de Castro Pinto *(Paraíba)*, Janaina Amado *(Goiás)*, Antônio Holhefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha *(Rio Grande do Sul)*, Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino *(Argentina)*, Isabel Allende *(Venezuela)*, Gustavo Bustamante *(Colômbia)*, Miguel Bustos Cerecedo *(México)*, Gregory Rabassa, John Dwyer Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas Colchie *(Estados Unidos)*, Alice Rayard, Francis Combes, Jean Orecchioni, René Depestre *(França)*, Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio, José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro *(Portugal)*, Xela Arias *(Espanha)* Antônio Olinto *(Inglaterra)*, Theodor Popoff *(Bulgária)*, Pavlá Lidmilová *(Tchecoslováquia)*, Kostas Assimacopoulas *(Grécia)*, Jorge Kaluguim, Vera Kuteichicova *(URSS)*, Jorge Alfama *(Cabo Verde)*, Luandino Vieira *(Angola)*, Rui Nogar *(Moçambique)*, Osamu Kumasiro *(Japão)*.

9

maio/junho/1989

São caminhos múltiplos. E isto já foi dito quando do primeiro número. Com este jeito chegamos ao número nove, homenageando um dos escritores de maior talento da Bahia, falecido ano passado, Ariovaldo Matos, com um de seus contos inéditos. Outros dados relevantes nesta edição são: em primeiro, um texto inédito de Jorge Amado sobre o bicentenário da Revolução Francesa; depois, sob o título Cantar de Amigos, vários escritos que recebemos, do Brasil e exterior, dedicado a Jorge; e, por último, reunimos o grupo mais novo das artes plásticas da Bahia para com seus desenhos, pinturas e esculturas ilustrarem as páginas deste número. É a nova geração se impondo, ganhando espaço, buscando afirmar-se. A EXU amplia assim seus horizontes e mantém seu caminho como campo livre para a criação e o pensamento.

Capa: EXU, de Humberto Vellame

3 JORGE CALMON ENTREVISTA

6 ARIOVALDO MATOS Guido Guerra

9 GIL FRANCISCO

19 CANTAR DE AMIGOS

25 JORGE AMADO

29 BETTY MORTON

30 BÉU MACHADO

32 REGINA COELI

34 DULCE FERRARA

36 ANTONIO RISÉRIO

38 MARA DE LA ROCHA

39 EDUARDO CARRANZA

40/41 CHARLES d'ORLEANS MALLARMÉ Tradução de Claudio Veiga

42 LUISA MERCEDES LEVINSON Tradução de Franklin Jorge

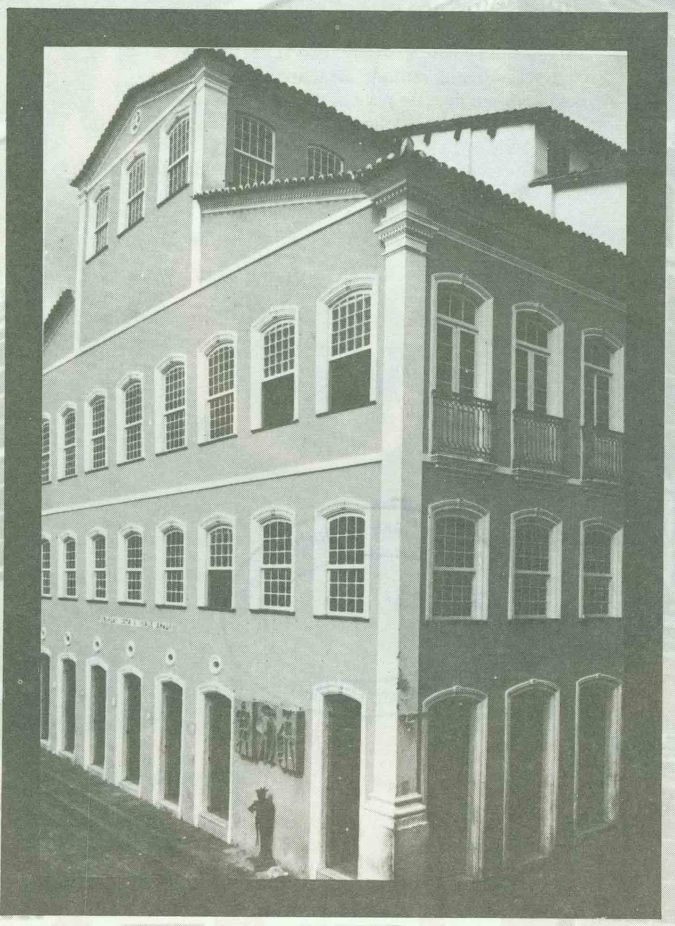
44 LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES

46 NELSON DE ARAÚJO

48 JOÃO JORGE S. RODRIGUES

52 REGISTRO

Poster Pintura de Lygia Sampaio Texto: Claudius Portugal



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga
Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto
Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado
João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa
Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.
Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.
Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A
Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim
Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.
Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A
Transguarda / Nitrocarbono / Construtora Mendes Júnior
Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER
Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A / Fundação Banco do Brasil
Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Jorge Calmon



Figura das mais importantes e atuantes no mundo baiano, Jorge Calmon é o entrevistado deste número. Diretor Redator Chefe de A Tarde, jornal de maior circulação do Norte Nordeste, a EXU indagou desta sua participação na vida política, jornalística e cultural da Bahia, e obteve por escrito suas respostas. Seguem as luas, na sua totalidade, para que o leitor possa melhor absorver e entender o que foi perguntado e o que foi dito.

1 — Seja na área Jornalística, Cultural, Política, a sua atuação é sempre relevante. A partir disto como avalia agora a Bahia em todos estes campos (Jornalismo, Cultural, Político) e se é possível um paralelo deste momento com outros de sua trajetória?

2 — Como sente nesta sua trajetória o Jornal A Tarde. Será que a atuação deste tem a dimensão do número de seus leitores? Esta responsabilidade está sendo efetiva? Disto, poderia também discorrer sobre a imprensa de um modo geral? A Baiana? E como vão os Jornais Brasileiros hoje? Como vê a televisão neste confronto?

3 — O senhor foi um dos criadores da Escola de Comunicação da Bahia. Qual o resultado hoje, na prática, para a imprensa Baiana a existência da escola? Será que o jornalismo cresceu tendo saído das redações para os bancos escolares?

4 — A Cultura Baiana foi sempre da maior relevância no panorama nacional. Hoje, isto continua no seu modo de entender ou não há mais esta situação? Que caminhos vê nesta Cultura?

5 — Voltando aos jornais. Por que estes não dão espaço a Cultura? Este está dentro de Caderno de Variedades. Qual a razão de não existir Editoria de Cultura? Seguindo esta pergunta, por que A Tarde acabou seu Suplemento Literário, que teve grande importância, e se não há idéia de retorno? A falta de anunciante para o Caderno, desculpa sempre dada, não será uma falta de desejo de realização?

6 — O senhor é um dos participantes ativos da Academia de Letras da Bahia, do Instituto Histórico, de outras Instituições. Por que isto fica meio escondido? Este mecenato não seria de grande valor para as Instituições que viesse à tona?

7 — Para finalizar, o senhor tem escrito sobre a barbaridade, o atentado que é a destruição da Biblioteca Simões Filho em Cachoeira. Mas aqui em Salvador, o Centro Histórico continua com seus mesmos problemas, sendo destruído. Este bem da Humanidade que é a Bahia Histórica não poderia ter uma luta mais efetiva, impedindo esta ação destruidora?

1 — Sua delicadeza é excessiva... Sem falsa modéstia, não considero que minha presença nas áreas a que se refere tenha sido "sempre relevante". Discreta, na verdade, é que sempre foi. Talvez menos no jornalismo, que tem sido, em longos 55 anos, meu principal campo de trabalho. Colaborador eventual da cultura é que venho sendo, quando disponho de tempo para escrever alguma coisa mais consistente, aproveitando as pausas que o serviço do jornal me permite. No que se refere à política, minha intimidade com ela ocorreu na mocidade, época em que fui deputado estadual, e, mais tarde, durante o governo de Lomanto, como secretário do Interior, cargo que me fazia estar em contato frequente com os políticos. Afora esses períodos, meu relacionamento com a política tem decorrido da função que ocupo no jornal e que

me obriga, junto com os companheiros, a assumir e manter posições — e oposições — a que é impossível fugir, tratando-se de um jornal tradicionalmente opinativo, sempre se tendo colocado na defesa do lado que julga melhor, quer para ganhar, quer para perder.

Mas, além de resumir minha atuação nessas três áreas, você quer que eu trace um paralelo entre o que nelas acontece hoje e o que sucedeu em outros períodos vividos por mim.

Satisfarei sua vontade e vou falar com absoluta sinceridade.

No tocante ao jornalismo, acho que o que se pratica presentemente nada fica a dever ao passado, sob diferentes aspectos. É claro que o estilo de comunicação mudou muito, e diria que mudou para melhor, sendo a linguagem jornalística atual mais objetiva, menos literária, mais ao gosto do leitor. Hoje, a notícia vai diretamente ao fato, sem rodeios ou comentários, pois estes têm seu espaço próprio. Por outro lado, o jornalismo dos nossos dias distingue-se do jornalismo de outros tempos pela isenção que deve guardar, quando fornece a informação, ao contrário do jornalismo antigo, essencialmente político. O leitor de agora exige a notícia imparcial e correta, não obstante o que o jornal pode, na parte opinativa, apresentar seus pontos de vista sobre qualquer assunto, os quais o leitor aceitará ou não. No passado, praticamente não havia essa distinção. O jornal engajado num partido, ou envolvido numa campanha, tanto manifestava sua tendência na notícia como no comentário editorial, e seus exemplares circulavam, em sua maior parte, no âmbito da facção de que era porta-voz. Para fugir a isso, o jornal da atualidade tem de ser descompromissado, ao menos no que se refere à função informativa, porquanto seu usuário, o leitor, faz questão da notícia imparcial e correta, ou, se não a encontra, ou a encontra destorcida, deixa de comprá-lo, prefere outra gazeta. Porque — convém lembrar — o jornal é, entre os principais meios de comunicação de massa, o único que é pago pelo usuário. Sendo pago, tem de retribuir conforme a expectativa do leitor.

Esse é o sentido que orienta o jornalista que hoje exerce a profissão.

Vamos agora para a parte cultural.

Nesses domínios decaimos sensivelmente. A Bahia já teve — o famoso "já teve"! — fases de animação cultural muito melhores. Nos cinquenta e tantos anos de minha vivência, várias fases; no tempo da Ala das Letras e Artes, com Carlos Chiacchio; com Edgard Santos e os núcleos que ele plantou na nascente Universidade da Bahia; com o governo de renascimento civilizatório de Octávio Mangabeira; com o trabalho de Fernando da Rocha Peres na Fundação Cultural; com as iniciativas de Luiz Fernando Macedo Costa, na Universidade, sobrepondo-se à falta de recursos. E outras. Hoje, o que se observa é a debilidade do apoio oficial, agravando a quase completa carência de meios. Salvam a situação, aqui e ali, esforços isolados, povoando ilhas como a Academia de Letras da Bahia, em que Cláudio Veiga (com Carlos Cunha á ilharga) está sempre promovendo coisas; a Casa de Jorge Amado, com Myriam Fraga à frente, criativa, fugindo ao banal; o Museu Eugênio Teixeira Leal, dirigido por José Calasans, seu auditório frequentemente aberto para palestras; a Fundação Pedro Calmon, onde Afonso Maciel Neto supre a escassez das verbas com o aproveitamento do mínimo disponível para organizar cursos e concursos; o Instituto Histórico, espaço da luta de Jayme de Sá Menezes contra as goteiras do telhado, e de outra luta para manter um programa de conferências e cursos, enquanto não chega dinheiro, para as publicações planejadas; o Museu Carlos Costa Pinto, modelarmente mantido pelo zêlo permanente de Mercedes Rosa, e onde acontecem cursos ensinando tradição e bom-gosto; a constância editorial da Contemp, de Luiz Ademir Souza, publicando livros que nem sempre são bons, porém que valem pela oportunidade aberta a jovens escritores e poetas; o surto de redescoberta e recriação da cultura negra, gerador de novos ritmos musicais, coreografia, estilos de moda; a produção dos escultores (Mário Cravo, Tati Moreno) e dos pintores que não emigraram — e algumas ilhas mais. Que seriam muito mais numerosas, que deixariam de ser lugares esparsos, para se tornarem um continente, caso houvesse amparo do poder público, sob a forma de estímulo e dinheiro.

Mas foi de propósito que vinculei a nomes de pessoas às entidades que procuram alimentar ou produzir cultura em nossa terra. Fiz isso para sublinhar que se trata, em todos aqueles casos, bem como em outros, que não me ocorrem no momento, de um esforço individual, quase que qualificaria de heróico. Esforço individual e, portanto, não de grupos, muito menos de famílias culturais. O que significa, exatamente, ausência de condições para um amplo movimento de revitalização.

Creio que se pode comparar o panorama cultural baiano, nestes dias, à paisagem quieta e desalentada da caatinga nordestina, ensolarada e imóvel, na sua suposta infertilidade de semi-deserto. Basta, no entanto, uma chuva mais demorada que a caatinga desperte, mude de cor e viço, recupere bruscamente as forças adormecidas no solo. Para a nossa dormente cultura, o equivalente da chuva seriam a atenção oficial, e os recursos. Tão logo estes fatores se fizessem presentes revelar-se-iam as potencialidades latentes nos vários campos que atualmente não têm como expandir-se. Potencialidades que existem nos muitos grupos vocacionados para o teatro, o cinema, a literatura, a ciência, a dança, o folclore, a pesquisa histórica, as artes plásticas, enfim para todos os espaços compreendidos no que se convenciona chamar de cultura. Em quase todos esses espaços o que se observa é um imobilismo forçado. Por que? Simplesmente porque não têm como trabalhar. Se você quizer um exemplo, será suficiente lembrar que, ainda há poucos dias, o cineasta Guido Araújo informava à imprensa que está na iminência de ser cancelada a Jornada Internacional de Cinema na Bahia por falta de suporte financeiro. É ou não é desalentador?

Não ignoro o empenho de José Carlos Capinan, em sua Secretaria de Cultura, para reanimar, aqui e ali, esse "gigante adormecido". Porém, com que dinheiro ele tem contado? Ao que se sabe, pouquíssimo. Os nossos parcimoniosos secretários da Fazenda são mais dos números do que das letras. E não dão a mínima, tampouco, para artes e idéias.

Aparentemente um paradoxo, já que as duas coisas são aparentemente opostas, a verdade, no entanto, é que sem dinheiro não se faz cultura.

Demandaria dinheiro, por exemplo, um dos empreendimentos que, no meu modo de ver, viria a ser extremamente importante para resgatar o provincianismo da literatura baiana e projetá-la no cenário do País. Esse empreendimento consistiria na fundação de uma casa editora, pólo de difusão capaz de realizar aqui o que fez em Porto Alegre a Editora Globo, na época de Érico Veríssimo e outros escritores gaúchos, com suas excelentes edições, infelizmente interrompidas. Graças àquela editora, durante algum tempo o Rio Grande do Sul esteve presente, com muito realce, no movimento cultural brasileiro. Coisa semelhante poderia fazer-se aqui. Mas é empreendimento dispendioso, requerendo capital de retorno demorado, mas sobretudo uma organização verdadeiramente empresarial, avessa a igrejinhas e favoritismos, operando segundo o apetite do mercado. Para efetivá-lo, indispensável seria o apoio financeiro do Estado, ou de suas instituições de crédito. Que teriam de juntar-se à sorte do empreendimento, considerando-o com olhos diferentes dos com que encaram as empresas de sentido puramente econômico.

Uma variante da fundação de tal casa editora — bastante competente para formar e manter uma rede de distribuição nacional —, poderia ser a aquisição de alguma editora do Rio ou São Paulo, das que vão mal das pernas, financeiramente, porém que possuem bons títulos, e sua transferência para Salvador.

É apenas uma idéia, uma sugestão, que deixo para consideração dos candidatos a esse tipo de heroismo.

Observo, entretanto, que falei muito sobre cultura e não abordei, ainda, sua terceira provocação, relativa ao quadro político baiano em confronto com aquele que existiu no passado — no passado recente, emendo, pois não sou tão velho assim...

Também sob esse aspecto a Bahia já foi melhor servida. A diferença é muito grande. Se é irrecusável que a política sempre teve o seu lado sórdido, e disso as circunstâncias, no passado, não escaparam, a verdade, contudo, é que, de um modo geral, havia mais espírito público, especialmente entre os dirigentes de partidos, homens do porte de José Marcelino, Severino Vieira, Seabra, Góes Calmon, Simões Filho, Pedro Lago, Moniz Sodré, Octávio Mangabeira, para citar apenas alguns. Entre eles e as pessoas de que se cercavam, merecedoras de sua confiança. Abro exceção para algumas figuras da política baiana atual. Mas, afora essas exceções, o que se vê, no comum, é o mais baixo fisiologismo, ou a preocupação com a politiquice municipal, além das manobras de espertalhões e arrivistas para quem só importa a concretização de suas ambições, às custas de quaisquer métodos. Assim sendo, tenho realmente receio de que algumas boas figuras que ainda restam na cena política venham a ser anuladas pelos sabidórios de plantão, e afinal desertem da vida pública, como já aconteceu com tantas outras pessoas, que preferiram a lisura e a tranquilidade dos seus afazeres profissionais ao tipo de política com que, entre nós, se vai liquidando a confiança do povo no regime representativo. Esses mercadores do templo são, fora de qualquer dúvida, os maiores inimigos de nossa democracia.

2 - Sinto meu trabalho em A Tarde como o senti em qualquer outra época, no curso deste mais de meio século. Quero dizer, com o ânimo de sempre. Porque gosto de fazer jornalismo. Quem não gosta, burocratiza-se, cai na rotina, deve largar a profissão. E estimaria fazer um jornal ainda melhor, apesar de que os leitores parecem estar satisfeitos, já que continuam preferindo o jornal que recebem e cuja circulação paga é em média de 80.000 exemplares, chegando a 120.000 aos domingos, uma circulação que é mais do dobro de qualquer outro, do eixo Rio - Belo Horizonte para cima. Com o pedido de perdão para esse "comercial", volto a dizer que estimaria contribuir para que o jornal fosse melhor. Para isso, o grande impedimento é a limitação do espaço editorial. A publicidade, conquanto bem-vinda, não permite a colocação de maior volume de matérias. Dessa maneira, muitos projetos têm de ser postos de lado, à espera de melhores dias. E estes dias, acredito, não deverão tardar. Virão com a instalação de novas rotativas, já encomendadas, pelo nosso superintendente, Renato Simões, e com a construção de um anexo do edifício atual, para onde se deslocarão alguns serviços, já atrofiados presentemente, pois o "lay-out" de 1975 (quando o jornal se mudou da Praça Castro Alves para o local de hoje) está em grande parte superado.

Isso, no que se refere a A Tarde. Quanto aos outros jornais de Salvador, penso que também vão crescendo. Sua concorrência é útil, porque representa estímulo. É, felizmente, uma concorrência cordial, civilizada. Respeitâmos-nos.

Com referência aos jornais brasileiros, especialmente os das grandes capitais, considero-os excelentes. Nossa imprensa nada fica a dever à de países ricos. Ao menos nisso não somos subdesenvolvidos.

Claro que a televisão é, de certo modo, uma competidora. Mas, só para os que se satisfazem com as manchetes, as notícias resumidas dos jornais televisivos. Quem quer saber do que acontece, no Mundo, no País, na sua comunidade, tem de ler jornal, ou se dispõe a ignorar os acontecimentos. Seja como for, a realidade é que a imprensa aprendeu a transitar em espaço próprio, tanto quanto o rádio, inicialmente ameaçado também pela telvisão, igualmente tendo aprendido qual o seu lugar na comunicação de massa.

3 - Somente tenho razão para achar que procedi acertamente quando colaborei para a nova criação do Curso de Jornalismo da Universidade. Comprovo isso, diariamente, ao acompanhar o trabalho dos profissionais que se formaram naquele curso, os quais são atualmente a maioria dos jornalistas de A Tarde. Vocacionados para a carreira, entusiastas, competentes, conhecendo, mesmo sem maior profundidade, todos os setores do jornal, além da Redação, ganham longe para muitos dos jornalistas de outros tempos, recrutados apenas porque tinham jeito para escrever, mas que procuravam na imprensa um degrau para subir na vida, a outrem servindo, ou da imprensa se servindo.

4 - A longa resposta que dei à pergunta número 1 abrange esta indagação.

5 - A Tarde dá o espaço possível às manifestações de cultura. Destina-se a isso o seu 2º caderno, além de cadernos especiais, que em algumas oportunidades acompanham suas edições, a exemplo do suplemento recente sobre a Revolução Francesa. É pouco e eu gostaria que fosse bem mais. Assim, não é verdade que não haja "desejo de realização". O que há é indisposição dos anunciantes para terem sua publicidade estampada em caderno de cultura. Nem o caderno 2 eles querem, quanto mais o dedicado exclusivamente à cultura. Ora, o jornal tem de orientar-se, a bem do seu equilíbrio econômico, pela proporcionalidade entre a matéria editorial e a matéria publicitária. Se a publicidade refuga a matéria cultural, não há como conceder-lhe o espaço necessário, a despeito das boas intenções nesse sentido. Boas intenções que não sensibilizam a gerência administrativa, nem a financeira, às quais o que mais interessa é a saúde econômica da empresa. No entanto, há planos para de algum modo alterar essa situação. Irão sendo efetivados logo que possível. O crescimento do volume de publicidade, muito embora preferindo outras partes do jornal, será um fator para a execução dos projetos existentes.

6 - Na realidade, não há mecenato, no rigor da palavra, na minha ajuda a essas instituições. Nem se trata, no caso, de bancar o "anti-herói", como Jorge Amado, com a bondade que Deus lhe deu, me qualificou. Apenas utilizo o meu relacionamento para colaborar com o trabalho que vêm fazendo Cláudio Veiga, Jayme de Sá Menezes e outros amigos igualmente empenhados em tocar para a frente as entidades que dirigem. Nada mais que isto.

7 - O caso da Biblioteca Simões Filho, de Cachoeira, foi, de fato, um episódio de inconcebível estupidez. Destruiu-se a melhor e mais bem servida biblioteca do interior baiano. Que seria transferida para a cidade de Simões Filho - pois isso eu já providenciara - se não fosse a decisão da Coordenadoria das Bibliotecas do Estado de aceitar a acomodação do acervo no local em que hoje se encontra e em que parece estar a salvo pelo menos da chuva e do cupim. Destruição de algo que deveria ser zelosamente conservado, o episódio do despejo da biblioteca pública de Cachoeira é bem típico do desapreço com que muitos na Bahia vêem as coisas de cultura. Como acontece também com o Centro Histórico. Sobre este não vou repetir o muito que já se disse. É um problema enormemente mais complexo que o episódio da biblioteca de Cachoeira. Para dizer melhor, é um amarrado, uma penca de intrincados problemas. Se fosse comentá-los, encheria, talvez, as páginas restantes da revista. Limito-me, por enquanto, a um crédito de confiança às novas propostas de trabalho da Fundação Gregório de Mattos, agora entregue a um homem dinâmico, prático, viajado, Francisco Pessoa. Se não o atrapalharem com interferências indevidas, será bem sucedido, assim espero.

ARIOVALDO MATOS

Noite

O Pequeno e frágil bimotor, vencendo espaços a caminho de Santos (São Paulo, Brasil), sobrevoava colinas e montes, sacolejando, e soava mórbida, para o rapaz barbudo, a conversa do cincoentão sentado ao seu lado:

— Retorno do enterro de minha mãe.

— Não entendi, senhor.

— Disse que retorno do enterro de minha mãe.

— Meus pêsames.

— Foi em Guaratinguetá.

— Guaratingue-o-quê?

— Guaratinguetá.

— Sei, já ouvi falar que isso existe. Quanto a mim confesso que não gosto de voar em pequenos aviões quando de noite. De dia eu topo qualquer parada. De noite só de "Jumbos" para cima. Aceita um uísque?

— Obrigado, mas não bebo e nem fumo.

— Renovo meus pêsames.

Um tipo soturno, de colarinho e gravata, escuro o jaquetão, sobrancelhas espessas (lembrando as escandalosas de Brejnev), barbeado com esmero. Um desses sujeitos da classe dos "distintos", bons modos, voz pausada, figura típica de indivíduo que sobrevive, mantendo austera solenidade, a um enterro.

— Ela se foi, minha mãe, como sonhou. Religiosíssima, feneceu rezando exatamente na hora do Ângelus, ajoelhada diante do nicho.

— Comovente, senhor, comovente.

— É como interpreto. Eu me comovo com velhos hábitos que algumas cidadezinhas ainda preservam.

— O senhor é historiador?

— Não, sou farmacêutico, mas tenho certos dons de observador. Observo, memorizo e em casa costumo anotar o observado. Nas cidadezinhas as famílias bem constituídas têm nichos *("Deus do céu", pensou o rapaz, "lá vem de novo a morta!")* e há igrejas de sinos que plangem anunciando a hora da "Ave-Maria". Gosto imensamente da do Gounod.

— Quando eu era garotinho preferia a de Shubert, se é que o nome dele é mesmo este. O senhor sempre viaja neste aviãozinho sacolejante?

— Não, é a primeira vez. Gosto das duas, mas prefiro a de Gounod. De qualquer forma as duas são muito bonitas, profundas, enleantes. Não que eu seja católico, nem adepto de qualquer outra religião. Sou um cético, filosoficamente. Essa condição é que me dá meios de encontrar belezas nas diversas religiões. Fico de bem com todas elas e se um dia a "graça" chegar eu a agasalharei sem surpresas. Estou sendo incômodo?

— De jeito nenhum. Dadas as condições atmosféricas instáveis e escrotas, talvez seja "uma boa", em noite tão vagabunda, conversarmos sobre coisas alegres. Venho de reler a vida de Marco Polo e...

Duas alianças em dedo da mão esquerda — viúvo, portanto, viúvo —, um anel de pedra vermelha-rosa na mão direita, o cincoentão ou sessentão disse:

— Coisas alegres? Agradeço, mas não se preocupe. Estou bem no meu luto. Como já disse, não foi uma morte triste a de minha saudosa mãe. Desejo considerar que não foi sequer uma morte, dada a ausência de dores ou sofrimento espiritual. Foi um passamento, na opinião de Júlia, a empregada, também muito religiosa. Passou, como eu disse, na hora do Ângelus, enquanto orava.

— Ao por-do-sol.

— Não alcancei o significado do comentário. Por-do-sol?

É que lembrei versos de uma canção ouvida na Eslovênia. Sugeri, então, que a senhora mãe do senhor não morreu e sim ausentou-se de um santuário. Os versos eslovenos dizem que os anjos-guias dos pastores da região acordam com as auroras e adormecem ao por-do-sol. E, adormecidos, ausentam-se da vida, ressurgindo nas auroras seguintes.

— Lembrando anjos.

— Dizem lá que são anjos-guias. Gostaria de uma centena deles nesta noite, neste avião. Que tal um brinde aos anjos de todas as partes do planeta?

— Não bebo. Nunca bebi. Mamãe bebia uma taça de champagnhe nas festas de Ano Novo. E morreu com 79 anos, mansamente. Rezava e foi derreando, sem dores, segundo a descrição de Júlia, a empregada. Como uma pessoa que desmaia aos poucos e vai pendendo para um lado, se esvaindo quanto às forças vitais. Júlia viu tudo. Viu quando reposou no assoalho, envolta pelo último sono. É difícil de entender porque não carrego tristeza?

Outro cigarro e o rapaz disse:

— De modo algum, até porque o senhor se baseia nas informações de dona Júlia, testemunha ocular. Sinto-me como se ouvisse, de viva voz, o depoimento de Júlia: a ausência total, na calmaria de quem parte sem pecados pertubadores. Já uns sujeitos que conheço morrerão gritando tanto que assustarão todos os demônios do céu e da terra. Para o bem ou para o mal, há casos em que a vida imita a arte. Ou doidamente procura imitá-la, como se isso fosse possível. Em geral as duas loucas se açoitam, ora nos santuários, ora nos *bas-fonds*. É uma porra, doutor, é uma porra.

— Será que o amigo não está bebendo demais?

É sempre assim, em circunstâncias idênticas.

— Vôos noturnos em céus sem estrelas...

— Aviões pequenos, que sacolejam, metais rangindo, motores pipocando... Quero uma morte decente, angelical, como a da senhora mãe do senhor, sem deixar de reconhecer que tenho uma porretada de pecados mediante confissões e convenientes absolvições.

— Eu gostaria de morrer na cama. Em torno, minhas filhas, os genros, os netos. Morrer sem dor, ou uma dorzinha suportável, morrer aos poucos, e eles me assistindo, eles valorizando o que fiz e faço com meu trabalho, meu suor, meus conhecimentos especializados, minha determinação de vencer.

Fui um pobretão. Novinho ainda, comecei vendendo apólices de seguro-de-vida para poder pagar meus estudos. E sou alagoano, vim de lá. Papai, que morreu jovem, dizia: "tostão é tostão e chuchu de pobre é mamão".

— Mamão? Mamão está custando uma fortuna, senhor. Segundo ouvi dizer o sábio Ministro Símonsen responsabiliza o mamão pelas altas taxas da inflação.

— Esse é outro mamão. Falo do mamão alagoano verde, arrancado no pé. Como manda a sabença nordestina, corta-se em pedacinhos, ferve-se e vira chuchu o que era mamão.

"Papo" chatíssimo — mamão fantasiando-se de chuchu, inflação mamão também em saladas, doces do bicho, mamão bom prá digestão em virtude de enzimas naturais; nas Alagoas, menininho, o farmacêutico se divertia e ganhava tostões fabricando caveiras com mamão verde — o rapaz murmurou "ora, vejam só, mamões ou mamãos?" e perguntou a queima-roupa:

— Após toda essa mamãozada o senhor resolveu morar em Santos? É importante que eu saiba disso.

— Há mais de 30 anos moro aqui.

Aqui? Que aqui? Aqui é esta porcaria deste aviãozinho.

— Já me sinto em Santos, meu caro rapaz. Mais uns minutos. Por que esse medo? Cheiro os ares de Santos apesar desta tempestade. Aqui me realizei como profissional e hoje sou dono de cadeia de farmácias, 15 até agora. Não quero mais. Aqui contraí matrimônio, aqui nasceram minhas quatro filhas, nestas terras os ossos de minha adorada esposa, aqui respiram e crescem fortes, sadios, meus 11 netos.

— Todos homens?

— Não, felizmente. Oito garotinhos e três garotinhas. É uma mescla que aumenta a alegria.

— Todos comendo mamão verde como se fosse chuchu.

— Não. Ganho o bastante para comprar chuchu. Aliás, não gosto de chuchu. Compro porque todos compram. Por que a idiosincrasia para comigo?

— Inveja, para ser franco. Estúpida inveja. Mãe santa, pai jovem e morto, filhas, genros, netos. É isso, inveja. Não sei de nada alegre sobre família.

— Ponho-me às ordens do jovem amigo. Meu motorista espera-me, com certeza. Algum problema?

— Meu problema é puramente espacial, relacionado com uma casa de dois ou três andares, não me lembro bem, em rua cujo nome esqueci.

— Não alcancei o significado desse "espacial" do amigo, embora saiba, por ler jornais todos os dias, que ultimamente os políticos de esquerda usam muito a palavra espaço.

"Bom", o barbudo rapaz pensou, "é a hora do salto". E saltou:

— Abomino políticas, políticos, americanos ou russos. Eles que se fodam. Estou "na minha" e meu problema é afetivo. Preciso reencontrar, com máxima urgência, uma pequena pen-

Ariovaldo Matos legou-nos uma das mais representativas obras literárias, em que se destacam os volumes de contos "A Dura Lei dos Homens", "Últimos Sinos da Infância", "Colagem Desvairada em Manhã de Carnaval", textos teatrais como "A Escolha" ou "O Desembestado", "A Engrenagem", "Irani" ou "As Interrogações", além dos romances "Corta-Braço" e "Os Dias do Medo". Sua obra inédita — de que constam contos, peças teatrais e romances — requer publicação imediata, em edições à altura de sua grandeza estética e de seu alto valor intelectual.

Enquanto jornalista, caracterizou-se por aliar a alta competência à generosidade, particularmente no sentido de passar tudo que sabia — e não sabia pouco, mas muitíssimo — a quem se dispusesse a aprender — sendo, por isso mesmo, diretamente responsável pela formação de duas gerações, a de Gláuber Rocha e a que se seguiu. Pelas páginas de **Sete Dias**, *semanário que fundou no final da década de 50, revelou um irado crítico cinematográfico: Gláuber Rocha e um bem humorado cronista: João Ubaldo*

são de duas irmãs portuguesas. Pensão "Duas Américas". Ali, como se diz em Lisboa, a honra não mora, ali a honra habita. Duas irmãs, pessoas do maior respeito. Que "minha", porém, que "minha"?

— Fale mais baixo, jovem, controle a exaltação.

— Estou num mato sem cachorro, pois, como o senhor vê, por medo deste pequeno avião, tanto fumo, tanta bebida, posso me embananar, posso não achar a pensão.

— Temos bons hotéis de três e quatro estrelas.

— Preciso da pensão, doutor, porque nela há oito anos deixei esboços de desenhos que me são agora importantíssimos. Rostos de uma mulher. É isso, rostos de uma mulher. Preciso deles.

Sem aviso, medroso para livrar-se do cinto-de-segurança e dirigir-se a todos os demais passageiros, embrutecido por sentimentos profundos, o rapaz disse versos de Villaurrutia traduzidos por Érico Veríssimo: "Sonhar, sonhar a noite, a rua, a escada/ e o jeito da estátua dobrando a esquina./ Correr para o muro e tocar num espelho". E disse ao espantado vizinho.

É isso que a pensão é: muro e espelho. É importantíssimo arrebentar o muro para encontrar o espelho.

— O jovem amigo é poeta?

— Não. Sou arquiteto.

— Enigmáticos mas belos versos. São do jovem amigo?

— Não. São de um mexicano

— México. Teria a maior alegria em conhecer o México, mas nunca saí do nosso Brasil. Sequer conheço o Paraguai.

— Falta muito para este porrinha deste avião colar na terra firme?

— Calculo que uns 10 minutos. Será que a pensão existe? Santos mudou muito nesses últimos anos. Onde havia singelas casas surgiram enormes edifícios.

— Se as irmãs portuguesas estiverem vivas, e tenho rezado que sim, a pensãozinha estará lá. Pensão "Duas Américas". São dois ou três andares, fachada amarela, mas, de noite, como se diz, "todos os gatos são pardos".

— Onde o amigo conseguiu tantos frasquinhos de uísque?

— Ah, são miniaturas... Essas em comprei em São Paulo, outras eu trouxe de Roma. Sempre ando abastecido para emergências como esta. Não apelaria pera o senhor, quanto à descoberta da pensão, se a Helda viesse comigo.

— Helda?

— É minha amante belga, uma mulher craque em atualidades e realidades. Ela é estátua e andróide, astuta, expedita, aliciadora, destemerosa... Este porrinha deste avião parece estar descendo. Está?

— Está. É Santos à vista.

— Tomara que este porrinha desça sem problemas.

— Está descendo, descerá. Quem é a mulher dos esboços tão essenciais?

— De minha mãe, doutor.

— Morta?

— Morta é apelido. Ela foi assassinada. Não quero falar disso.

O sessentão pensou "Agora entendo a aflição deste jovem", mas, em verdade, não entendia nada. Seja como for, ajudou-o. Às três horas da madrugada descobriram a rua e a pensão, de nome "Brasil-Portugal", nada a ver com "Duas Américas". Guarda, até hoje guarda, miniaturas de uísques bebidos e frases de poemas que nunca conseguiu decifrar.

Ribeiro. A **Folha da Bahia**, *outro semanário que dirigiu no período de 1963 até o golpe de 1964, completaria a* **escolinha** *que inaugurou no* **Jornal da Bahia**, *pela qual também passou este velho aprendiz.*

☆☆☆

Parece que foi ontem, mas faz um ano, a 8 de julho, que morreu Ariovaldo Matos. Sobretudo por laços de ternura, coube-nos selecionar, dentre seus inéditos, um texto que se ajustasse a publicação em revista. Tarefa duplamente difícil, antes pelo comprometimento afetivo, depois porque, mesmo no exercício do conto, raramente Ariovaldo produziu **histórias curtas**. *"Ostras" e "A Construção da Morte", para citar duas narrativas já citadas, aproximam-se das 40 laudas.*

Dentre os inéditos que o autor me confiou, certamente me inclinaria, em termos de estrutura novelística e realização estética, pela "Morte da Senhora Cega", não fosse uma limitação natural: o espaço que uma revista reserva a cada gênero, segundo um projeto de abrangência cultural. Escolheu-se, portanto, um conto **menor**, *em número de páginas e, ao mesmo tempo, que representasse um dos últimos instantes da ficção de Ariovaldo Matos. Corre-se aí, porém, um risco, o de ter optado por um texto que o autor não liberaria sem submetê-lo a uma redação final, como era de seu feitio.*

A princípio, uma idéia imediatamente afastada, a de pinçar trecho de capítulo de romance inédito — ele deixou dois, **Anjos Caiados** *e* **O Quinteto de Ondina**. *Isso a rigor, nos pareceu discutível: até que ponto um episódio isolado se manteria de pé como se fosse uma peça independente? Preferiu-se, a correr o risco de narrativas fragmentadas, uma história curta e com unidade temática: no caso, o conto* **Noite**, *do qual se encontrou, na pesquisa de originais inéditos, outra versão ampliada, sob o título geral:* **De Volta a Santos**, *de modo que não se sabe se, aqui, se publica um texto já retrabalhado ou apenas um esboço de conto, posteriormente desdobrado. Pode-se acrescentar que o papel, em que* **De Volta a Santos** *está datilografado, está bem mais envelhecido que o de* **Noite**, *o que permite sugerir que* **Noite** *seria a redação mais enxuta, não a definitiva: em Ariovaldo Matos, era uma prática comum somente datar um texto quando o considerasse acabado. Entre as desvantagens da morte — não sei de vantagem alguma — some-se mais esta: a possibilidade de o autor ter sua vontade contrariada, mesmo para lembrá-lo.*

Guido Guerra

***Guido Guerra**, jornalista e escritor, é autor dos livros* As Aparições do Dr. Salu; Percegonho Céu Azul Poente; Lili Passeata; Ela se Chama Joana Felicidade.

GIL FRANCISCO

Pedro Kilkerry, Maldito entre Malditos: Um Estudo Introdutório

I. Sua obra possui uma iluminação técnica, é toda uma escala de sons, cores e imagens que foram os componentes de sua criação, e esta musicalidade é constante e manifesta-se de várias formas. Sua obra é monstruosa em grandeza e nos seus enigmas. É uma poesia moderna e atual, que pode ser compreendida e sentida como a de um contemporâneo, fato que conseguiu despertar o interesse pelos críticos atuais. A arte de **Pedro Kilkerry** é de nível universal, satisfazendo a exigência de todos os leitores até os sofisticados críticos da poesia moderna.



Soube o poeta exteriorizar seu sentimento rebelde de tristeza cósmica e de sinais abertos para a imaginação, imergindo na sombra, porém não se limita, vai além dessa descoberta com seus poemas intrigantes, profundamente marcados pela desolação existencial e nada fica a dever aos mestres do simbolismo: **Mallarmé**, **Verlaine**, **Rimbaud** ou **Baudelaire**. Numa época inebriada pelo perfume venenoso de **Les Fleurs du Mal**— 1857; **Une Saison en enfer**— 1873 ou **Un Coup de Dés** — 1897, quando a poesia chega a um estado de grande rigor e hermetismo, convertendo-se e uma jóia rara e preciosa. Pois bem, Kilkerry é um discípulo retardatário da escola simbolista e um dos primeiros pre-

cursores do pré-modernismo, uma espécie de "Prosa do Observatório", que nesse ambiente de decadência, atingido pelas transformações econômicas, sociais e políticas, acumulou esta carga elétrica que o faz abandonar as formas clássicas, a estrofe regular, o verso metrificado e a rima obrigatória, usando assim uma nova linguagem poética, E deste modo ensaiando sobre a imensidade do universo, aspecto ainda incipiente na poesia brasileira.

A presença de Kilkerry no quadro histórico-cultural brasileiro é nítida, e nenhum crítico literário poderá esconder esta sensualidade íntima, não encontrada em nenhum outro poeta desta fase; em suma, uma coisa inteiramente nova. Este jovem poeta baiano é o mais simples do grupo, mas excede as previsões, é a criação mais lúcida, a mais celebrada ressonância da época, porque seus contemporâneos estavam imersos em seu clima estético e moral. O poeta foi o único capaz de abandonar a constelação terrestre, no sombrio elenco poético da época, para viajar e elevar seus movimentos à celebração. Sua lírica é essencialmente metafísica e hermeticamente contundente, representada pela hipérbole do cogito, em busca das ilusões perdidas, seguridade na perfeição e na forma, nascida sob o signo da desconfiança própria, devido aos grandes modelos da literatura francesa vigente. Pedro Kilkerry é um poeta moderno, atual e atuante na nova concepção da poesia, possui uma poesia brlhante, rica de inovações e rítmos, estranhamente musical, tão sóbria na sua própria opulência vocabular, onde o poeta é seu próprio limite. Seus significados se fazem múltiplos, ambicioso na máxima claridade dos novos horizontes, numa espécie de jogo transcendental, vividos dentro de um universo fantasmagórico, transmitindo algo de mistério e de magia verbal. Mas sua ascensão era vista por muitos com horror: boêmios, irresponsáveis, degenerados, loucos, viciosos e decadentes; era uma literatura excitadamente enfebrecida, uma espécie de divórcio entre a arte e o grande público.

Sendo o mais jovem desta grandiosa geração de poetas, nasceu Pedro Kilkerry em Salvador-Ba, a 10 de março de 1885, descendente de inglês da parte de pai, o engenheiro João Francisco Kilkerry e da mestiça alforriada baiana, Salustiana do Sacramento Lima. Em Salvador, mora com a mãe, avó e irmã na Rua do Cabeça nº 13, onde viveu, por muitos anos, num pequeno quarto, entregue às leituras de Homero, Dante, Shakespeare, Poe, Verlaine, Baudelaire, Rimbaud e outros. Matriculado no Colégio Sete de Setembro para estudos preparatórios, trava os primeiros contatos com o grupo da **Nova Cruzada**, onde estréia em 1906 e colaborou por muito tempo.

Sobre o poeta, diz Jackson de Figueiredo: "Alto, magro, feio, feíssimo mesmo, mas de uma feiúra distinta, singular, quase bonita, às vezes, em que como que se distinguia uma luta entre o tipo norte europeu, de que descendia, e o mestiço brasileiro, que ele era". Já Carlos Chiacchio, ao se referir sobre o homem, o vê como: "Cabeça enorme. Cabelos ruivaços. Implantados em represálias do penteado acima. Branco na pele. Mestiço no pelo. Testa larga, ampla, em arremessos de chapa batida em riste para trás. Orelhas, que se humilham, pequenas e ávidas, como conchas marinhas. Olhos minúsculos, inquietos, rolando entre pálpebras, levemente empapuçadas. Nariz à feitura de seta invertida, direito, firme, descendo a pique, num conflito de raças, entre o aquilino anglo-celta de Irlanda e o emplastrado indio-luso-negróide da África. Boca escancarada de demônio faunesco, rindo um riso largo de marfim sinistro, com serrilha roaz, entre os agudos recuos fortes das comissuras satânicas. Pescoço longo, num deglutido de contínuo engasgo do pômulo de Adão, ainda referto da última dentada paradisíaca do Éden".

Há poetas que concitam em vida admiração e os fervores do público, outros, porém, só depois de mortos atraem a atenção para a sua obra. E a este grupo pertence Kilkerry, que não deixou nenhuma obra editada, mas publicou poemas, prosas, traduções e artigos em jornais (Jornal da Manhã; de Notícias; A Tarde; Gazeta do Povo e no Jornal Moderno), onde publicou a maior parte de sua prosa, além das revistas da época editada em Salvador, órgãos simbolistas da segunda fase do movimento existente na Bahia: (A Voz do Povo; Nova Cruzada — 1901/11 e Os Annaes — 1911/14, tendo como precursor o poeta Pethion de Villar — 1870/1924, seguido de Durval de Morais 1882/1948; Francisco Mangabeira 1879/1904; Antonio Viana 1884/1952; Artur de Salles 1879/1952; Pereira Caldas 1884/1922; José Leoni 1882/1950 e Carlos Chiacchio 1884/1947, os que mais se destacaram nas letras e nas artes da Bahia.

O pouco que se conhece sobre a obra e o poeta "maldito", já algum tempo revelado, foi escrito pelos dois primeiros biógrafos do poeta, Jackson de Figueiredo, amigo e colega de faculdade, que publicou o livro **Humilhados e Luminosos,** em 1921, e **Carlos Chiacchio,** crítico e poeta modernista que viveu na Bahia, e publicou, primeiramente na seção **Homens e Obras** do jornal A Tarde, quatro artigos intitulados **Pedro Kilkerry**, 28 de abril, 5, 12 e 19 de maio de 1931 e na **Revista da Academia de Letras da Bahia** nºs 2/3 deste mesmo ano; 4/5 em 1932 e 6/7 no ano seguinte. Tais trabalhos ficariam na obscuridade se não fosse a descoberta do crítico Andrade Muricy, que publicou parte dos textos e poemas de Kilkerry in **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro** em 1952. E mais tarde (1970), sua redescoberta pela vanguarda concretista na pessoa de um dos seus melhores críticos, pelo espantoso levantamento crítico feito por **Augusto de Campos,** in ReVisão de Kilkerry, publicado graças à Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, tendo como propósito apresentar às novas gerações um dos grandes valores da literatura brasileira.

Tendo ingressado na Faculdade de Direito da Bahia em 1909, recebeu ele o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 9 de dezembro de 1913. O convívio de novas amizades o leva à boêmia e em suas andanças pela província destacava-se pelo seu improviso, pela textura de declamar seus próprios versos. Conforme depoimento da época, Kilkerry passava noites em claro lendo e escrevendo, possuía uma capacidade inigualável e um interesse diversificado pelos assuntos e uma ânsia de saber cada vez mais, incontrolável. Traduzia do grego, latim, inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e começara a aprender o árabe. As imagens kilkerrianas condensam, na busca da autenticidade, uma decisão existencial, fecundando etapas no processo. Apesar de não existir uma atmosfera de confusão e de violência, é abundante e denso este lirismo, tão literário como musical, com sua força misteriosa, narrado com objetivo e pontualidade como nos poemas **Harpas Esquisita** e **É o Silêncio**, os mais elogiados do autor. Vejamos da "Harpa" estes dois quartetos, 1º e último, escritos à maneira sousandradina.

Dói-te a festa feliz da verdade da vida...
Tanges da harpa, em teu sonho, almas
ou cordas, cantas,
Bóiam-te as notas no ar, a asa
no Azul diluída
E, assombrados, reptis — homens, não!
tu levantas.

x - x

Ah! os homens percorre um frêmito.
Num choro...
Move oceânica a espécie, amorosa,
amorosa!
Mais que um dervixe, és deus,
que morre, a irradiosa
Glorificação de ouro e o sol de ouro...
à paz de ouro.

Há em seus versos uma autenticidade irradiante, impossível de separar de sua pessoa, um contraste com a imagem gasta do seu tempo, buscando com um estilo que lhe é próprio antecipando seu tempo. Mas este poeta temido, magro e autêntico resistiu às pressões e, hoje, volta, felizmente, a ser público e sua figura está sendo reabilitada. De qualquer forma, é preciso uma tentativa de descrição crítica mais aprofundada em

torno dele, para se dissecar toda sua imaginação plástica, que será ampla conseqüência para a compreensão textual de sua obra. Vejamos a beleza mordaz, a pureza da síntese e a elegância harmônica dos versos do poema **O Verme e a Estrela**, o esmero com que Kilkerry busca em suas rimas, raríssimas, próprias da estética simbolista, não encontrada em nenhum outro poeta da língua portuguesa desta época.

Olho, examino-me a epiderme,
Olho e não vejo a tua luz!
Vamos que sou, talvez, um verme...

Estrela nunca eu te supus!
Olho, examino-me a epiderme...
Ceguei! ceguei da tua luz?

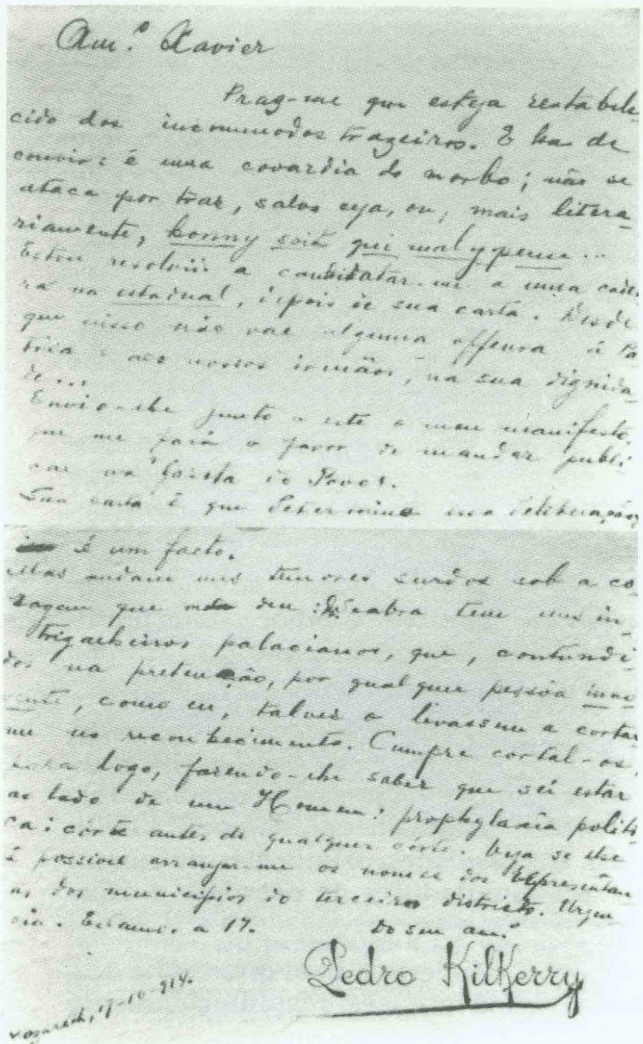
Portador de turberculose pulmonar, fora o poeta internado no **Hospital Santa Isabel**, onde submeteu-se a uma cirurgia de traqueotomia, realizada pelo cirurgião Heraclio Menezes, acompanhado pelo interno doutorando Francisco Prata, não resistindo, veio a falecer em 25 de março de 1917, às 12h30min, em decorrência de asfixia pulmonar. Seu enterro foi feito por Gustavo Ramos de Cerqueira Lima, amigo da família, saindo o féretro às 10 horas do dia seguinte de sua residência à Rua do Sodré, nº 21 — (2 de Julho), para o Cemitério do Campo Santo, tendo seu corpo descansado na carneira nº 1020, quadra nº 09. O Hospital Santa Isabel pertencente a Santa Casa de Misericórdia vivia de doações, estava destinado a atender à população de renda mais baixa e seus funcionários, era de "indigência". Este quadro mostra-nos em que situação financeira se encontrava o poeta, apesar de trabalhar como 1º escriturário no Tribunal de Contas do Estado e possuir escritório de advocacia em Santo Antônio de Jesus-BA. Morreu aos 32 aos de idade, solteiro, solitário e esquecido.

Vitimado por novos impulsos voluntários e insustentável fermentação, mesmo sob as nuvens do seu tempo, Pedro Kilkerry estranho e de ousada expressão, é a mais nova luz crepuscular, a figura mais singular do simbolismo brasileiro. Mesmo sendo sua produção fragmentada e levado uma vida turbulenta, seu luminoso rastro nasceu do fundo de cada paixão. A textura mallarmaica é o peso da realidade, um inventário social de sua própria inspiração, uma ilustração sociológica de sentimentos humanos, que ultrapassa o nível de superfície do sentido, utilizando a força da imaginação como domínio e assimilação desta realidade. Mas esses componentes sobrenaturais revelam um bom caminho percorrido e saciado em várias fontes, desde **Homero** a **Bilac.**

Pedro Kilkerry possui seu próprio ponto de iluminação, é uma personalidade ímpar na **História da Literatura Brasileira,** assim como **Sousândrade, Trasíbulo Ferraz** e **Qorpo Santo** quase ignorados e desprezados pelos contemporâneos. Este é o perfil de sua miragem, uma das vozes mais originais do nosso simbolismo que viveu quase que totalmente desconhecido em sua época, a ele coube o desafio de dominar e expressar movido por certas ambições ou um aspecto universalista. É **Pedro Kilkerry** uma das expressões mais vigorosas da poesia brasileira o qual vem recebendo apesar de tardiamente, valiosa críticas, apesar de muito está por se fazer ainda sobre sua obra.

II.

Fosse Pedro Kilkerry vivo, estaria completando cento e quatro anos. Hoje, encontra-se infelizmente, ausente, mas elevado de glórias, como um dos maiores poetas simbolistas brasileiros notoriamente reconhecido pela crítica especializada, co-



Am.º Xavier

Praz-me que esteja restabelecido dos incommodos trazeiros. E has de convir: é uma covardia de morbo; não se ataca por traz, salvo seja, ou mais literalmente, *honny soit qui mal y pense.*

Estou resolvido a candidatar-me a uma cadeira na *estadual*, depois de sua carta. Desde que nisso não vae alguma offensa à Pátria e aos nossos irmãos, na sua dignidade...

Envio-lhe junto a este o meu manifesto, que me fará o favor de mandar publicar na "Gazeta do Povo".

Sua carta e que determina essa deliberação, é um facto.

Mas andam uns temores surdos sob a coragem que me deu: Dr. Seabra tem uns intrigalheiros palacianos, que, contundidos na pretenção, por qualquer pessoa *innocente*, como eu, talvez o levassem a contar-me no reconhecimento.

Cumpre cortal-os, para logo, fazendo-lhes saber que se estar ao lado de um Homem: prophylaxia política: córte antes de qualquer córte. Veja se lhe é possível arranjar-me os nomes dos representantes dos municípios do terceiro districto. Urgencia, Estamos a 17.

Do seu am.º
Pedro Kilkerry

Nazareth — 17-10-914.

Nota: **Este cartão foi doado por Ruth Xavier Marques, filha do autor de Jana e Joel, à Academia de Letras da Bahia, sob a Presidência do Prof. Claudio Veiga.**

Pedro Kilkerry viveu na mais profunda inquietação e esta figura solitária, soube manejar toda sua poética buscando em todas as partes os melhores recursos para seu ideal poético, utilizando os rítmos mais variados. Esta tendência inovadora em constante mudança caracterizada pelo próprio momento histórico, na busca de novos caminhos, de novas fontes inspiradoras, já que os principais e jovens expoentes desta fase, não tiveram aceitação do grande público, mas foram capazes de sobreviverem à intensa série de transformações. **Pedro Kilkerry** é um dos grandes poetas do movimento simbolista, apesar de não conseguir o amoroso fervor de **Augusto dos Anjos.**

Sua imagem poética funde-se simultaneamente na cosmovisão vocabular de cada palavra, marcando um estilo próprio e espantoso pela forma com que o manejava, notabilizando-se pelo rigoroso sentido rítmico das palavras, provavelmente pela grande dosagem de sentimento humano de infinda sensibilidade, vivendo uma ilusão que o mundo lhe daria, navegando com todos os sentidos. **Kilkerry** merece realce por sua explêndida criatividade poética e certamente permanecerá na fileira entre os maiores da literatura brasileira. Apesar de resistir ao tempo com sua abertura poética para o universo, nele existe uma concepção preestabelecida do mundo, mas não fora compreendido por sua geração. Sua vida e sua obra não se encontram no mesmo tempo, é doloroso saber que continua a existir lacuna imperdoável na **Literatura Brasileira**, devendo haver por parte dos historiadores literários, críticos e editores, uma maior preocupação em torno deste grande poeta baiano, mas raros são os críticos ou biógrafos que se lançam a tal missão. Pela atual crítica é possível mantê-lo vivo. O poeta continua quase que totalmente desconhecido, ou melhor, pouco lido, mas felizmente ressuscitado para preencher o lugar que lhe cabe.

III. A

breve vida literária de **Pedro Kilkerry** iniciou-se quando este, muito jovem ainda, travou os primeiros contatos com os grandes clássicos da literatura universal. Com o impacto dos acontecimentos e a fermentação ideológica, ele catalizou de suas leituras a plena criatividade prematura e permanente da existência literária; na verdade sua vocação amanhecera antes do sol. Mas este poeta maldito transforma a dinâmica das palavras em ação, dinamizando os versos e a através de sua óptica descobre significativos temas hábeis e personificados com suas imagens originais e recursos formais próprios, manejando-os com muita habilidade os variados rítmos e formas de suas

naram pouco e pouco o sangue, na indiferença e desmandos e postergações de autocracias podres, um tonico ha, de certo que os transfigura e lhes tinge, como agora, a confiança que parecera morta.

São, nem mais, nem menos, de tal poder creactivo esses momentos em que, por uma attitude invariavel, uma phrase, um gesto de clima exprimem a anciedade em synthese de um periodo alongado, a espectativa cançada do melhor.

O governo que findo foi um romper de habitos politico-administrativos que iam entrando de petrificar a vontade do povo, para a ironia de sua perfeita direcção, sem um protesto, um gemido, uma voz da alma soffredora.

A attitude prevenida, sem desfallecimento que se coroou de lume eloquente da "política da Bahia se ha de fazer na Bahia" já é vitalisação, do mesmo passo que consciencia desperta do que, entre nós só se comprehenderá adiado por delicto consciente, á classica.

E o momentoso applauso dessa attitude sem meças, de todos os homens e todos os partidos, significa que de uma só phrase curta se soubera dizer uma necessidade longo, encanecida.

Dr. Seabra não trabalhou na fogosa imaginativa, convenhamos uma flor da rethorica; suprehendeu o mal e, visionando-lhe as consequencias agiu, subitaneo, opportuno, com a limitação requerida, mas, em boa hora, a romper com as velleidades ambientes.

Por isso ahi está seu substituto dr. Antonio Ferrão Muniz de Aragão, com a lei e a vontade geral, a dar physionomia, personalidade á larga esperança collectiva.

A borda do quadriennio que vae derivar, não nos assombra ou comove o mysterio negro.

Si todo o futuro é mysterioso, porque não ha passado predeterminante não nos atemorisa o mysterio que se doura do olhar da nossa confiança.

E seja bemdita ella, universalisada, porquanto se ha de fazer numa das causas mesmas de bom rumo á chefia do Estado.

A descrença afeleada a desesperança blasphemia com que, as mais das vezes, desiludidos, vencidos, incapazes saturam o meio social, são causadoras, não raro, do afronxamento de energias directivas.

Não cremos no só poder suggestivo da confiança do povo simultanea embora, da de políticos militantes, mas, ainda, nas qualidades do governo, se as tem para a determinar.

No homem que ora, o assume, ellas são uma firme esperiencia de nosso meio político, de seus elementos moral e intellectualmente prestadios, respeito á lei ser a superstição irrisoria da lei moderação intelligencia, visão clara das necessidades primordias de nossas rincões, em que preze a simuladores de prestigio e capacidade.

Esperar o bem que venha desse governo, com fundamentos que taes, reconhecidamente

positivos, tem seus matizes de certeza expectativa.

Nenhuns valores allucinnatorios, a subirem da terra que pisamos e amamos tanto, nos dão a voz das Pythias á predicção do que haja de ser ousahir das dobras do futuro, mas se aqui como em "Sartor Resartus", o facto é divino, elle mesmo nos crea o que verbalisamos somente.

Conhecemos que nada é impossivel a quem pode querer, entretanto amador antes das boas que das grandes, pomposas reputações como homem particular de que não há destoado o politico, o actual chefe de nosso Estado não sophismará sua vida preterida no retorcimento de uma ethica menos admiravel, pouco admiravel.

A bel-prazer estamos ao lado de Prada, peruano illustre; — o homem publico é corollario do homem particular, de certo. E longe estamos de Buckle pensando na impossibilidade de quem, perfeito politico, não seja criminoso.

Alongamo-nos, mais que nunca, da sabedoria insular do velho inglez nesta hora fecunda em promessas ao povo bahiano, e basta, para isso, o supponhamos curado da abolia que o prostrou até aos inicios do quadriennio extincto, e o creiamos certo de que o vindouro terá as bençans de sua alegria sagrada.

PEDRO KILKERRY



Nota **Infelizmente o único exemplar existente nos arquivos consultados em Salvador, está parcialmente danificado, não sendo possível obtermos o título da matéria nem as suas primeiras linhas. O texto foi localizado pelo autor deste ensaio no Arquivo Público do Estado e publicado na (Gazeta do Povo em 30.03.1916 — Ano XI nº 316 p.2).**

composições. Analisando seu círculo poético, pretendemos evidentemente esclarecer alguns pontos das experiências sublimadas pela permanência e durabilidade do núcleo infinito, nas suas numerosas ramificações em que se resume o processo de realização, expressar sobre ela alguns pontos de vista gerais.

A obra de Kilkerry reúne treze anos de criação, onde o clamor de justiça e liberdade, a revolta do homem forma um verdadeiro painel humano e social. Essencialmente composto de uma maneira nova, para transpor as condições que lhe permitam descolar o desenlance real dos utensílios de seu trabalho, sua obra é simples reflexão das contradições da época. Também apresenta formas de percepção final da realidade, é a irruptura da tradição, progressivamente e curiosamente envolvida nas condições da atualidade, como instrumento de investigação, repondo o tema no campo ideológico. Apesar da época ser determinada por uma contemporaneidade mecânica, Kilkerry canta suas aspirações revolucionárias, igualitárias do homem que luta pela renovação completa do poder, tentando emergir da sonolência com os meios de que dispunha para resolver as condições reais da vida. Fazendo surgir a evidência do seu sentido, visto que o sentido e a utilização da crítica, tornou necessário para o estudo das condições que tornam possível determinar uma obra.

A crise da poesia brasileira, nos últimos anos, vem se agravando gradativamente no panorama repressivo em que se encontra o país, em conseqüência dos influxos exteriores sobre o pensamento de nossa época, deixando de ser louvado, ou melhor de ser público, vertendo os mais íntimos valores da nova modernidade literária. A leitura de sua obra é mais uma contribuição à poesia moderna contemporânea, é um ciclo completo da vida literária do poeta, que se manteve no anonimato por todos esses anos. Sua poesia, como as crônicas se baseiam numa espécie de pesquisa-social e vem enriquecer conquistando um novo espaço na literatura brasileira, entre os novíssimos das primeiras décadas do século, período este estranho, contraditório e explosivo. Sua presença literária em nossas letras, está, pelo poder de captação e assimilação da cultura ocidental, com sua construção sólida, autônoma e expressiva, isenta de qualquer critério estético, mas de grande significação histórica.

É difícil sentir todas as qualidades dos poemas que compõem sua obra, pois eles apresentam uma imagem fiel da própria trajetória do poeta, sempre voltado ao ponto de partida, envolvendo objetos e sinais que constituem seu próprio universo, ilustrando a questão da utilização de um novo modelo.

mo um poeta de ampla receptividade, apesar de silenciado por muitos anos, não que em sua obra faltassem qualidades literárias. É preciso situar muito bem Pedro Kilkerry dentro de sua época, pois ele é o símbolo da rebeldia simbolista do movimento brasleiro, assim como **Augusto dos Anjos**, que tanto criticou o social e propagou sua insatisfação como forma única vital, para manter-se vivo, justificando-se sua agressividade diante da sociedade.

As razões de sua angústia atinge sua plena vitalidade, através de seu canto indecifrável e agônico, profunda emoção, produzida n'alma do poeta, que tão admiravelmente soube transmitir. Comovendo os alicerces nas suas imposições inovadoras, Kilkerry atende à todas as exigências, mesmo entre o alumbramento da sociedade de seu tempo, e a impossibilidade de sua permanência poética, vítima desta sociedade inflada pelos focos da dissolução. Fato que a sociedade baiana não tinha ainda consciência de sua identidade. Assim são seus versos, com sua aparente e clara uniformidade, com suas experiências doloridas e de ânsias angustiosas, sem esquecer da potencialidade de emoção humana. É uma atmosfera de serenidade, silêncio, suavidade e alegria, sempre em comunhão com a natureza, por relatar as coisas comuns, e esta característica múltipla manifesta-se num momento mágico. Eis Pedro Kilkerry como um todo, tudo se articula perfeitamente.

O início do romantismo no Brasil está marcado pela publicação, em 1836, dos livros **Suspiros Poéticos e Saudades**, do poeta Gonçalves de Magalhães, inicialmente procedente de Paris, versos insossos, melancólicos e fatigantes. Este movimento marca o começo da emancipação cultural brasileira, com os poetas Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Fagundes Varela, que souberam elevar a poesia romântica no Brasil, mas a grande voz poética desta época é indiscutivelmente **Castro Alves**. Apesar de não ter obtido, na época, a consagração da crítica e do público, a poesia simbolista no Brasil, foi qualitativa e quantitativamente rica, e exerceu influência na formação de uma consciência poética mais arejada e progressista. Portanto, o movimento simbolista veio trazer descobertas verdadeiramente revolucionárias ao processo cultural da poesia, através de explorações do inconsciente e subconsciente. Teve seu momento mais expressivo da poesia de vanguarda iniciada na França em 1886, com **Jean Moreas, Verlaine, Mallarmé e Rimbaud**, e se torna público no Brasil em 1893 com os livros do poeta catarinense **Cruz e Souza**, poeta maior do simbolismo brasileiro, **Broquéis e Missala**. De fato, os simbolistas procuraram exprimir todas as emoções de forma mais despojada de toda

Mais um ciculo de fecunda administração venceu hontem o progressista e democrático governo estadista que a três annos, ver felicitando a Bahia, mao grado a grita desesperada dos habituaes maldisentes.

Muito tem custado ao dr. J. J. Seabra, o desempenho de seus patrióticos desejos, devido aos entraves imprevistos no desbravar do caminno que s. exa. se impoz a percorrer até a realização dos seus grandiosos planos de elevação desta terra, quer materialmente fallando onde seus esforços têm sido hercúleos ante a deficiência de meios e quer moral e intelectualmente, para o qual muito tem contribuido os bons exemplos de honestidade, tolerância e justiça peculiares ao espírito culto de s. exa.

A impertubabilidade com que o dr. J. J. Seabra, tem sabido encarar os mais intrincados e emprevistos casos que se tem tão satisfactoriamente desfeito ás más conseqüencias annunciadas, prova á evidencia, o seu tino administrativo e a verdadeira comprehenção da rota que se traçou.

No decorrer de sua administração não se nota um acto sequer que demonstre o menor vislumbre de desfallecimento em sua forte organisação de luctador emerito e decidido pelas causas justas e honestas.

Por qualquer face que se encare a trabalhosa administração Seabra, há de forçosamente encontrar-se os vestigios de uma nova ordem de cousas completamente destoante daquelles antigos moldes á que se apegavam como ostras, ao rochedo os seus antecessores cujos moldes consistia unicamente no primovivere deinde pfiilosophare pouco se lhes dando cor os clamores da collectividade o rebaixamento de seus créditos.

Se o dr. Seabra não tem feito tudo quanto calculava fazer em benefício desta terra todo mundo sabe quaes as causas que concorreram para isso, causas completamente alheias a toda e qualquer previsão — guerra europeia rebentou como um terremoto fazendo ruir num instante todos os calculos possiveis em materia de finanças; não houve em todo mundo quem não sentisse mais ou menos os seus effeitos desastrosos, sendo a Bahia nesta emergência infelizmente attingida, por lhe ter faltado os recursos com que contava para o desenvolvimento de seu progresso e quiçá da remodelação de sua capital donde por certo, lhe resultaria grande somma de bem estar e consequente augmento de suas rendas para occorrer pontualmente todos os seus compromissos.

Mas, ainda assim, luctando com todas as difficuldades financeiras, s. exa., quando deixar o governo da Bahia, assignalará a sua passagem por um sem numero de beneficios que não acharão simile entre tudo quanto fizeram seus antecessores, em 20 annos passados.

No entanto, não é demais notar; todos elles encontraram o thesouro folgado em relação as necessidades daquelles tempos ao passo que o actual governo luctando com a deficiencia das rendas tem pago muitas dividas atrazadas, realisado muitos melhoramentos sem deixar de accudir em tempo aos compromissos da divida externa!

Poderão dizer: o dr. Seabra não fez tudo quanto pretendia fazer mas não poderão negar que fez muitissimo mais ao que esses parlapatrões que lhe antecederam e que hoje fazem quorum com esta oposição sistematica que não escolhe meios para guerreiar a situação actual.

Não escapará a história quando se ocupar do governo do dr. J. J. Seabra na Bahia de salientar também os valiosos serviços que lhe tem prestado seus leão e distintos auxiliares principalmente o dr. Arlindo Fragoso, cuja competencia em todos os misteres da publica administração é juntamente reconhecida por gregos e troyanos.

A Bahia, que se desvanece de ser pátria do dr. J. J. Seabra a quem vota acendrado amor e deve os maiores benefícios não pode deixar de exultar por tão assgnalados triunfos e fazer votos para que sua honesta e patriótica administração chegue ao terreno ao termino realisando todos os seus ideais de grandeza de prosperidades para este pedaço da Federação brasileira que se orgulha em tê-lo por filho.

PEDRO KILKERRY



Nota **Este manifesto foi enviado pelo poeta ao amigo Xavier Marques, o qual pedia-lhe que publicasse o mesmo na Gazeta do Povo. O texto foi localizado pelo autor deste ensaio no Arquivo Público do Estado, e publicado na (Gazeta do Povo em 30.03.1915 — Ano X nº 2875, p.1).**

eloqüência e se aproximam de maneira impressionante da música, pela musicalidade de sua forma.

Pedro Kilkerry apaixona-se e aproxima-se dos simbolistas, podemos perfeitamente identificá-lo desde seu início, ou ainda, encontrar em seus versos os vermes do poeta maldito **Baudelaire**, de terminologia ousada, de tremores alucinógenos os quais se aproximam-se dos rítmos rebeldes de **Kilkerry**. Desse gênio prematuro de imaginação audaciosa, com um riso fundido em bondade e melancolia, e uma poética tumultuária, até hoje é difícil assegurar todo seu valor poético e talvez essa dificuldade tenha mantido por todos esses anos o silêncio em torno de seu nome, injustiçado e esquecido. Insatisfeito com a deformidade social universal, o poeta adquire uma identidade nítida, buscando dentro de si energia para escapar à condenação social estabelecida, numa época de definir e localizar exatamente sua obra, onde sua linguagem inovadora situava-se na esfera mais alta do simbolismo, que estava desvendando a face oculta da burguesia nacional, onde a boêmia estudantil predominava. Como simbolista moderno no tempo, quebrou toda a estrutura da linguagem poética, o que mais tarde serviria de base ao modernismo.

O fenômeno kilkerriano apresenta um constante desenvolvimento, ativo dentro de um processo evolutivo ao desespero e agonia da clandestinidade de sua intensa carga poética, constituindo uma crescente renovação dos processos estilísticos. A rebeldia poética do baiano, poderemos afirmar sem receio que na busca ansiosa do patético, ele consegue a construção do fenômeno lingüístico, do qual subverte a linguagem, o que é visível em seus versos. Sua sublime angústia o fez alheio a seu mundo, e isolou-se feito um monge para cumprir sua missão, a de traduzir o seu mundo cósmico interior. O poeta viveu em perpétuo movimento, em constante conflito com seu próprio mundo interior, mas dotado de grande e requintada sensibilidade. Verte no universo místico e belo do simbolismo as aspirações reais da sua individualidade, marcada pelo amor e morte que iluminam seu itinerário.

A poesia rítmica e sonora de Kilkerry reaparece a cada momento numa evasão de inconformidade, com sua beleza plástica, natureza e humanismo, percorrida pela solidão e pela linguagem destes rítmos. De um modo geral, mesmo quando mergulhava na essência de sua vida interior, nesta viagem transcendental de solidão, sua poesia nos apresenta as mais variadas combinações rítmicas, prova de grandeza e singularidade da renovação poética, da simplicidade e sensualidade das novas imagens.

A poesia é para **Pedro Kilkerry** uma forma de conhecimento, a face oculta da linguagem onde desvenda a voz íntima do silêncio, abrindo as portas das perspectivas. Amordaçado pela máquina gasta do tempo, Kilkerry mergulha no seio infinito e os resultados foram aparecendo à medida que o processo se desenvolveu. Há, antes de tudo, uma contestação que põe em destaque a importância do verso, sobretudo em contexto que reflete mais diretamente o meio físico e social, possuindo uma verdadeira oficina onde a linguagem cruel estabelece o indivíduo e o meio, na busca incessante para mudanças de um novo clima, que a partir da convicção inicial, vai crescendo dia a dia, até descobrir a necessidade dos fatos acerca dos aspectos.

Seus textos atingem o mais alto grau de ressonância poética, talvez visíveis pelo próprio desejo em estabelecer as etapas de criação. O poeta é cuidadoso na arte do colher e dosar as impressões às vezes em desordem enigmática, mas de qualquer modo as palavras ligam-se ao fato textual. Toda sua obra é um trabalho mágico, que respira o novo ar do menestrel, discreta vibração "acústica", clara claralvejante em todas as formas, sob todos os ângulos, nascidas num universo misterioso, encantado e de certa maneira voltado sobre si mesmo, mas conserva para sempre o impacto de seus primeiros versos: amor, solidão e os conflitos existenciais, são variações e caminhos da fantasia. A ebulição revolucionária dos seus versos, transcende na fermentação pessoal para um anseio coletivo, é um canto de insurreição, filho dos sintomas da crise, portanto é um longo período galvanizado por inúmeras possibilidades, um canto para a transformação do homem. Para os poucos estudiosos da obra kilkerriana, ela constitui um dos acontecimentos mais importantes de nossa vida literária nos últimos anos. Seus **versus** corrosivos transbordam um segredo excepcional de sua própria significação e caracteriza-se por seu grande poder expressivo, no que dificulta estabelecer uma unidade no dimensionamento da interioridade.

Trata-se portanto de uma obra inteligente, exposta ao brilho e solidez numa variante de constatações fundamentais e sublimes onde vê-se forçado a confessar aos olhos dos amantes os múltiplos caminhos seguidos. Pois bem, há um denominador comum que explode a diferença do mérito, da forma elevada ao nível da linguagem, numa conduta que provoca demasiadas mudanças de tendências sonoras. Essa explosão desprende-se de sua adequação original, permitindo traçar características da vividez poética do seu instrumento conceptívo. A poesia kilkerriana tem grande amplitude e complexidade que não se pode discutir em poucas páginas, é uma criação autêntica que impressiona, assim foi nossa intenção esboçar uma análise literária, uma introdução, somente um estudo mais pormenorizado mostraria todos os aspectos de sua obra. A relação entre seu conteúdo, a realidade natural e sobrenatural, dada a própria natureza do fenômeno de inquietação e rebeldia que se manifesta num pessimismo constante, diante da vida e do meio que insere o quadro sociológico da geração, que iriam configurar-se na necessidade de reconstruir e incursionar pela política sedimentada, tentando investigar os motivos que impedem para retomar e dispor.

Esta concepção sobre o homem e a obra de arte é amplamente desenvolvida no poema **Harpa Esquisita**, que trás a marca dignificadora que ultrapassa o âmbito estético. A sensação simples deste poema transforma-se em idéia constante e cristaliza-se num universo paradoxal ao exteriorizar as palavras inexpressivas, como único elemento de representação simbólica, que não difere essencialmente nem se confunde. Assim é toda obra de **Pedro Kilkerry**, a própria simplicidade do poeta, marcado por uma tragédia interior que nunca se sentiu amado, mas soube cantar seu apaixonado desprezo, a solidariedade aos oprimidos e a reivindicação social para todos que lutam por um mundo melhor. Este monumental poeta etílico das noites modernas e mundanas é um proscrito dos inúmeros de nossa literatura, mais um signo estrelado buscando desesperadamente a liberdade de expressão, deixando suas impressões sobre as contingências que o comprimem. Sobretudo a influência da vida, dos vícios, das dores e dos eternos amores.

A boemia já teve suas noites de completo esplendor, frequentada por escritores, artístas plásticos, compositores, poetas, malandros, mulheres famosas e personalidades ilustres da sociedade, que percorriam o centro da vida noturna, com suas ruas estreitas e mal asseadas a caminho dos velhos casarões sombrios, para extravassarem seus sentimentos, as vezes ao som de violões, bandolins e entre braços e abraços de uma debutante, nos cassinos, cabarés, cafés e restaurantes famosos hoje não mais existentes. Numa boêmia sem vícios maiores, apesar dos antros de jogatina e malandragem, muitas vezes servindo simplesmente como ponto de encontro, onde reuniam os intelectuais jovens acadêmicos. **Kilkerry** caminhou em uma nova direção, estágio de excessiva experiência pessoal, com o autor e a poesia para demonstrar seu papel moderno. Pois para que ela não mais se confunda com a própria vida do homem, recolocando a palavra entre a estrutura econômica e política do poder, não como signos mas como fato concebível, num momento preciso em que ela se acha seriamente ameaçada.

É impossível divorciar a evidência de sua terra. Seus versos emergem desenvolvendo-se, instaurando e consolidando expandindo-se com vigor crescente, as vezes parece um deserto pedregoso onde não se vê nenhuma flor ou mesmo uma ave que cante, mas quem os ler consegue alí sobreviver neste inferno escaldante. São versos que vêm bordados de observações, não somente se destinam a reconstituir um aspecto da sociedade baiana, vai além disto buscando uma unidade social nos seus grandes momentos de ebulição, brotando os eventos com nova fisionomia, como um fio condutor que rompe o cortejo. Mas fanado pela voragem dos ventos, o poeta aproveita dissolução para entregar-se desbragadamente ao álcool, em dolorosa boêmia e com seus olhos negros, tristes e vagos com a noite que chega outra vez solidária com o homem. Sua obra alma enigmática de inquebrantável afeto, estática como a porte que tão claramente nos produz uma rara intensidade ou seja, seus versos encheram perfeitamente os corações desnudos, como ele próprio define:

Quando eu nascia
Tocava fogo em minha freguesia
Um barbeiro, meu vizinho
Cortava a veia ao pescoço
Porque no bicho perdia
Quando eu nascia...

Mudando sempre as investidas e transfigurando todas as revelações ao homem; uma ética, uma estética, uma filosofia de sua própria vida social, acreditou **Kilkerry** em sua época tanto no amor como na ilusão, movimentando-se na poeira dos tempos, no deserto negro de sua sombra. E por tudo isto é que estamos diante de um sinal anunciador, de uma descoberta. Em suas horas laboriosas estabeleceu as etapas de sua criação, onde o verbo reside no tempo preciso de sua conjugação, nos sintomas desta evidência pelos seus diversificados e múltiplos aspectos dos temas, evocando a angústia humana sem paralelos e algo o libertou do temor que lhe custou alto preço. Mas ele ressuscitará na negra serra, na mais alta e desabitada das montanhas do planeta e estremecerá o alicerce de nossa poesia, e com suas chagas vomitará em labaredas, desenhando em vôo ecocêntrico, como os morcegos que pintam as páginas das noites sedentas. Kilkerry extrai da alma angustiada todo antagonismo da moderna sociedade, cruel, impassível e corrompida, com seu canto libelo para todos os corações da terra. Mas, apesar da dor, ele amarga as inquietudes, revivendo do noturno cansaço um poeta de grande fôlego, que caminha dentro de uma intrigante paisagem, que ninguém o definirá

melhor, pois é o espelho do seu próprio reflexo.

Se a carne, em ti, soluça, reza...
E me atiras abraço nevoento,
— Nesse horizonte a que te
quero pressa,
Ardem oh fogueira branca!
oh! sofrimento!

Sua poesia tem valor social, histórico e político, que servirá para sempre como um laboratório de observação. É prova incontestável e pouco satisfatória, pois num período de transição onde os conflitos pessoais agravaram-se, mesmo assim o poeta tenta romper este laço que o liga as pressões sociais. Kilkerry canta num estilo novo, radical, onde a presença de **Rimbaud** e **Mallarmé** erigiram na sua formação, como suporte verbal do módulo ou com um hermetismo alegorizante, bifurcando-se num virtuoso impulso vertical da palavra. Intensificando com suas características próprias e originais, transformando o verso num realismo a serviço da sociedade urbana industrial, erguendo-se silenciosamente no horizonte numa feição específica e vigente, cantando o retorno do homem à sua perdida humanidade. Seus versos são a própria consumação esmagada pela solidão do homem, perdido e fechado entre si.

Pedro Kilkerry encontra na criação literária a única maneira de si mesmo, a verdadeira vida, encontrando a singularidade do sentido dos sinais, pondo o espectador em xeque para descobrir na vida dos outros os signos de rotação mas, jamais a sua. Esta figura cheia de vivacidade e talento luminoso em sua espiritualidade, é sólida na sua estrutura. Sua fragilidade emocional é em torno da problemática do homem, tonalidade cósmica que habita nos seus múltiplos agasalhos e no entanto foi dragado por ele. Sua obra irá celebrizá-lo no tempo, por lhe conferir um labor extremamente sensível por sua adversidade em atingir o âmago da angústia humana, havendo em sua obra um retrato atual amplamente orquestrado pelo fervor crescente, tanto nos poemas como nas crônicas e prosas. Kilkerry cria significações especiais para o significado de cada texto, lutando lado a lado com a palavra, onde se caracterizam sobretudo pela experimentação da linguagem, criando deste modo um novo encontro de significações em sua dimensão mais profunda da metalinguagem. Aqui o poeta recria sua própria linguagem, desprendendo do sentido o significado da criação poética, como se fosse uma colcha de retalhos.

Dotado de amplos horizontes, Kilkerry dá formas visíveis, impulsos objetivos e planos imaginários de arte, rebuscando a flor milenar, a nova rosa surpreendente que engajou na permissividade sexual. Uma das fontes de sua beleza poética, buscando na amplidão verbal situações e sentimentos fascinantes intermináveis, é a existência social de cada ser humano que frequenta a noite e cria realidades subjetivas. Mas possíveis onde as ações determinadas sobre o ambiente expressam novas realidades e estruturas, no comportamento social e psiquíco, nos fazendo ver e sentir um sentimento coletivo da responsabilidade cultural-social, desinterrando, ressuscitando e questionando este peso crescente. Finalizando, a obra de Pedro Kilkerry, cristaliza os sentimentos vitais do homem, pela sonoridade musical da saudade luminosa do poder verbal, de evocar fantasmas mentais, ou do silêncio das almas eternas. Kilkerry é o próprio cavaleiro do seu destino, caminhando atrás da memória saudosa, seguindo numa generosidade de simplificação metodológica. É um processo de renovação lingüística que vive em constante progresso, sabendo ele abraçar as noites negras com seu silêncio iluminado, tenebroso e inocente, envolvendo o céu pálido amortecido nas primeiras claridades do dia, escondendo-se e desenhando suas tristezas hipertrofiantes, visto que o modo significativo da modernidade de sua produção, ilustra perfeitamente o produto social, pela espontaneidade do estilo e simplicidade da forma. Não há dúvida de que estamos diante de uma obra que ficará pela sua qualidade literária e pelo seu vigor cênico.

IV.

Serenamente um homem polido, educado, tími-



do, modesto, sempre voltado aos estudos e para a criação literária, e com um coração cheio de grandeza, de temperamento discreto por natureza. Sua produção literária viveu num período comumente conhecido por **Pré-Modernismo**, termo citado por Tristão de Athayde para caracterizar o período que vai do início deste século, até a **Semana de Arte Moderna**, que reflete novas situações históricas. Avaliando devidamente sua importância revolucionária na vida cultural baiana do início do século, **Pedro Kilkerry** merece e continuará a merecer por muitos anos um carinho especial. Apesar de tudo, ele viveu com a forma de um homem livre, num tempo de escravidão. Mas, aqui está de corpo inteiro lançando-se com todas as energias em seus sonhos e projetos no universo circundante, apesar de uma vida tensa mas extraordinariamente emotiva, dividida entre amores, realismo e fantasia. Em torno do poeta **Pedro Kilkerry**, o consciente descobre a existência do seu próprio impulso, e este **ensaio**, constitui uma tentativa de penetração na lama poética do poeta, muitas vezes deturpada por conclusões apressadas, falta de clareza na informação, talvez movida por uma necessidade irresistível e na satisfação deste impulso tenta alcançar o seu objetivo.

Pedro Kilkerry é um dos pioneiros da poesia moderna assim como **Ezra Pound** (1885-1972), que com sua invenção vocabular é o pai da poesia contemporânea, ou **T. S. Eliot** (1888-1965) um dos grande expoentes da poesia e da crítica moderna. Mas seus versos assustaram pela liberdade original, sacudindo com sua sensibilidade os vazios odores e com a musicalidade delicada de um trovador, abrindo as primeiras flores de um novo jardim, exalam o perfume de todas as rosas na busca de milhões de corações aflitos, de calor e paixões. Não são muito, infelizmente, os poetas desta fase, porém nunca a Bahia tivera geração mais brilhante, intensa, criadora e inquieta. Foram anos poéticos e **Kilkerry** era o mais estranho padroeiro do simbolismo, a primeira projeção fecunda da poesia simbolista no Brasil. Sua evolução poética com sua espontaneidade e calor incandescente, através da luminosidade delira sobre o cáos do mundo que vive ambíguo e, por isso, deve ser lido cuidadosamente, porque sua poesia filosófica é o que vem sendo dito e repetido. Mas esta solitária voz tem suscitado o caráter essencialmente polêmico, através de estudos já feitos e em curso.

Sua visão de tempo é a própria linguagem poética, embora relativamente pequena sua produção, é uma das mais significativas da moderna poesia e de certa forma surpreende a crítica. Seu nome vem obtendo ampla e crescente aceitação, e inúmeros artigos sobre sua obra surgem a cada dia, sempre com notável receptividade. Este desejo ardente lhe persegue animando-o, mas a fatalidade brutal da morte o leva na flor dos anos. Kilkerry recebe uma herança cristalizada, com suas pulsações gregas e latinas, cuja fortuna se acasala com sua formação filosófica, integrando no presente e no futuro, uma busca incessante de tempo contraditório, cheio de violências e de outros espaços. Tal qual o mistério dos Planetas com suas noites silenciosas, o poeta baiano como muitos outros se preocupou com a criação do homem, do univrso, da arte e da poesia.

Não desejo concluir este **ensaio** sem reafirmar que **Pedro Kilkerry** pertence a todos os tempos, será sem nenhuma dúvida, lido por muitos anos. Sua poesia continuará a brilhar com essência, é um ato de liberdade, de invenções abstratas como jogo de sinais e seus sutis segredos os tornam inconfundíveis, revelando a técnica da versificação para que todos possam viver harmoniosamente entre galáxias. **Kilkerry** traduz a poesia mais individualista da cosmoagonia, com seus tormentos, complexidade e oscilações mas, os versos serão perduláveis com suas profundas revelações que pulsam ao sabor do ofício. Ninguém melhor para falar de sua poesia do que o próprio poeta, que dará devidamente ao universo a função exercida que lhe coube.

BIBLIOGRAFIA:

— Campos, Augusto de — Revisão de Kilkerry. Fundo Estadual de Cultura, 1970. 2ª edição Editora Brasiliense, 1985.

— Gilfrancisco — Kilkerry: Uma poética de Resistência, Diário Oficial do Estado da Bahia, 15 de março de 1985. Suplemento Literário de Minas Gerais, 25 de maio de 1985. O Povo-Fortaleza, 10 de setembro de 1985.
Pedro Kilkerry, Um cronista da Ruptura. Correio da Bahia, 8 de junho de 1985.

— Pedro Kilkerry, um poeta Maldito. Diário Oficial do Estado da Bahia, 20 de abril de 1989.

Gil Francisco é professor e jornalista. O texto aqui reproduzido é dedicado a Erthos Albino de Souza, redescobridor do poeta.

O "SUMIÇO DA SANTA"

e a saga bahiana de Jorge Amado

Termino a leitura de *O Sumiço da Santa* e vou pensando uma vez mais na longa companhia de Jorge Amado desde a minha juventude até agora, tanto caminho andado ou perdido, tanto caminho ganho com ele, primeiro com seus livros reveladores, mais tarde com o seu convívio humano, com o exemplo singular do seu caráter, da sua coerência, da sua bondade, da sua compreensão dos outros. Leio *O Sumiço da Santa* e com o extraordinário narrador é também a Bahia de Todos os Santos que me chega, vossa incomparável Cidade do Salvador da minha saudade e — por que não? — do meu amor, ela me toma e acalenta. De Jorge, nem sei já qual dos seus livros li primeiro, de tal modo os finais da década de 30 e os meus primeiros anos da década de 40 estão para sempre ligados a inesquecíveis títulos, *Mar Morto, Capitães da Areia, Terras do Sem Fim*. Então, vossas terras me chegavam entre o real e o sonho; por um lado a novidade do meio ambiente visto assim, vossas peculiaridades e cromatismo, a riqueza de figuras novas, palpitantes dessas que nunca mais esquecemos. E lembro-me de nomes e situações, de paisagens e comidas, lembro-me de Guma e de Livia, de António Balduíno, da floresta do Segueiro Grande, de Ester e Horácio e aqui já hesito a qual livro de Jorge os arranquei para esta evocação e penso que esse é também o gênio do escritor: deixar que o tempo liberte as grandes figuras do contexto romanesco em que ele as plantou para que mais tarde elas cresçam sozinhas, nos cresçam sozinhas, independentes do resto, do meio, da intriga, da peripécia, de tudo isso que é, afinal, o esqueleto, a moldura visível de corpos e almas. Em cada romance, Jorge, escritor, vai sendo também escultor: há quantos anos lemos os seus livros em cada um deles olhando como numa estátua o segredo ou o mistério tanto do tema como do seu criador. Só que na saga amadiana a estátua humana é de há muito monumento colectivo, monumento animado, o monumento e a luz, a alegria e a dor. E ainda ao acaso da memória — se é que há acasos na memória! — outras criaturas dos seus livros me vão chegando enquanto me deixo mais uma vez prender pelo "allegro vivace" dos episódios, situações e alusões da sua nova sátira. Aqui encontro o mesmo Jorge Amado de sempre nessa sua tão pessoal capacidade de inserir o grotesco no sério e até de aligeirar este dramatizando aquele, contraponto frequente na sua ficção pondo a rodar numa ciranda irresistível figuras reais e imaginárias. E volto a estas: como seria possível esquecer, por exemplo, o seu Quincas Berro d'Água ou o Comandante Vasco Moscoso de Aragão, a cabotagem não ao longo da costa, não à margem da terra mas antes sulcando o mar das nossas ilusões, verdades e mentiras? E Gabriela? E Dona Flor, "à beira do fogão, junto ao vatapá de peixe, consumida em fogo e em maldição" ou a outra Dona Flor, desmedida, cínica e romântica? E Tereza Batista, guerreira, filha de Yansã (e alguns da linda dedicatória a amigos brasileiros e portugueses foram ficando pelo caminho, porém ali sobrevivem, coração de Jorge...) e a saga inicial da terra grapiúna "Pródiga em riquezas e exageros, "com um copo de água se fazia um oceano" em *Tocaia Grande*... Agora, não se trata da cristalização de figuras e episódios por mais natural ela fosse neste "longo curso" do escritor imenso mas antes de mais uma des-construção sobre o real. Talvez porque a Bahia é terra de outros sincretismos, tão diferentes embora, eis que o romancista realiza na sua área própria essas misturas heterogêneas ou mesmo contraditórias que referi atrás, a da sátira mais implacável à da caricatura mais burlesca (que de tão caricatura não chega a bulir com a firme crença deste bem comportado leitor luso...), ás líricas evocações bahianas que ele, a meu ver, melhor que ninguém sabe sentir e explicar: "brisa nocturna, raio de luar, perfume de jasmim, refrão de toada popular, pélas de rosa, pássaro irisado..." O escritor nos *fala de* Oyá que se transforma em mil disfarces. Tal como no romance de Jorge Amado, só que o seu génio de romancista não precisa de cuspir fogo: sua escrita sempre foi, continúa a ser, chama no metal no ouro das suas histórias. Pois que na ficção tudo é ou tem de ser disfarce, seja o traço forte ou leve, mesmo as mais "possíveis" figuras ou situações e essa é uma das grandes artes de Jorge, a de conseguir formas de unidade narrativa para as diversas máscaras que inventa ou recria. Chega-se ao tempo deste livro de Jorge Amado e de novo somos convocados, quase sem darmos porisso, para muitas e fundas reflexões, condição do grande escritor na sua relação com qualquer leitor. Assim, com esta sua mais recente "História de feitiçaria", subtítulo que não pode passar despercebido para o bom entendimento da obra. E se narrar é uma forma de comunicação — e como é! — pois no-lo ensina a antropologia cultural, a mensagem tem sempre com a ficção de Jorge, o melhor e o mais eficaz veículo. Precisamente porque sob a sua aparência *comunicante* de oralidade não se oculta para o leitor mais atento ou mais virado para o mistério da criação literária (pois sou dos que acreditam nela haver mistérios) o apuro oficinal do artista que bem sabe quanto, é gratuita e antisocial a incomunicabilidade da escrita. Jorge é desde sempre um caso exemplar de feitiço na arte e de arte na técnica.

Luiz Forjaz Trigueiros

O VINÍCIUS TINHA ou RAZÃO uma coroa de amigos

O Vinícius é que tinha razão; tinha razão de ter compaixão de tantos e tantos amigos do peito que tinha ele na Bahia, e que devem trabalhar em condições reprováveis para qualquer amante da justiça. Ter que trabalhar em condições tão adversas: quando o sol, glorioso, teima em arrancar qualquer um das suas tarefas para contemplar tantas belezas insolentes que andam soltas na terra e no mar; ou se submeter a castigos para poder implorar uma vaga num precário saveiro para a procissão de Nosso Senhor dos Navegantes. São essas apenas algumas amostras da austeridade às quais se submetem os devotos de Todos os Santos.

Desta liturgia permanente e baiana, Jorge Amado é Sumo Pontífice, Grão Chanceler e Mestre. A obra dele se parece com cem filmes de Fellini ou de Buñuel conjugados. Entretanto, Jorge não inventou nada. E essa, certamente, foi uma das maiores dificuldades que o escritor encontrou: ter que desistir de imaginar para só olhar, com precisão, malícia e ternura, o dia a dia da Bahia e do seu povo. Além das peripécias narradas, Jorge torna presente o espírito da Bahia. Dá-lhe uma dimensão universalista. Daí ser a obra dele generosa e luxuriante, como os coqueiros dengosos de Itapoan. Portanto, repare bem, amável leitor, e note que, antes de mais nada, convém se curvar frente à Bahia, porque não se pode conceber Jorge sem a Bahia.

Porém, a justiça requer também que reconheçamos que Jorge contribuiu na criação da Bahia. Não teve que se dar o trabalho de inventar, mas *revelou* a Bahia. Jorge, nesse particular, é um "medium": revela aos baianos — e são muitos, espalhados mundo afora — não só o que a Bahia tem, mas o que a Bahia é.

Lá estava a Bahia a espreguiçar-se, indolente, na orla litorânea, quase que indiferente ao pipocar perpétuo dos seus adornos resplandescentes. Veio Jorge, e acabou aquela lânguida tranquilidade. A Bahia tomou consciência (como dizem os meus colegas filósofos) da sua fulgurante e descomunal beleza.

Portanto, se Deus fez o mundo, Jorge deu-lhe uma mão quando ele criou a Bahia. Pois sozinha, a beleza é frágil, precária. Chega às vezes a permanecer despercebida. A beleza sempre *merece* alguém que a corteja e festeja. Este é o ofício do Jorge: *dizer* a beleza da Bahia. Veio ao mundo para isso, para celebrar a Bahia: todos os seus pecadores e todos os seus santos - por sinal de igual número, como o sabemos por experiência própria.

É ele o poeta e o historiador, o observador e o desmascarador, o psicólogo e o sociólogo. Analizou a sociedade palco colonial com seu cheiro característico de suor e sangue. Denunciou a pobreza e a miséria com ternura e inconformismo. Celebrou todos os artesãos que brindaram a Bahia com um sem-fim de monumentos esplendorosos. Engajou-se, com impavidez, nas lutas do povo, cujos anseios estimulou. Projetou a fama da Bahia em todos os países do mundo, dando decivisamente à literatura brasileira uma dimensão mundial, que só lhe fora outorgada com parcimônia e até avareza.

Mas - que a Zélia me perdoe de antemão! — o Jorge é muito mais do que a obra prodigiosa e estupenda, que ele gerou. Atrás da sua timidez, o Jorge esconde um coração imenso, do tamanho do Recôncavo. É por isso que ele conseguiu não somente fantasiar personagens fascinantes, embora fictícios, mas sobretudo suscitar figuras de carne e osso que devem algo do seu ser aos feitiços do Jorge.

A riqueza de um autor não se mede apenas pela sua produção — monumental, no caso. Mede-se também do caráter estimulativo da sua personalidade. Tal é a obra do Jorge: já estimulou muitas adaptações cinematográficas, muitas novelas, muitas discussões. Mas a própria personalidade do Jorge, e mais precisamente o calor da sua amizade, deram um impulso decisivo à criatividade de muitos artistas baianos. Os rumos que toma a vida de cada um de nós depende muito de um estalo, de uma espécie de provocação, que têm a sua origem num desafio que nos lança um amigo.

Vejam e considerem os artistas baianos que — além de membros (como o Jorge) do fechadíssimo Clube das Baleias — são fregueses da minha *capelania*. Vejam o Carybé e o Calasans; vejam o Floriano Teixeira ou o Carlos Bastos; vejam o Jenner; auscultem o Frei Sante Scaldaferri e, peixe mais difícil ainda, o Bruno Furer; confessem — se conseguirem — James Amado e Dona Luiza, sua merecedora esposa: Vocês constatarão que na vida de todos eles, o encontro com Jorge significou um marco irreversível numa carreira fadada a explodir além dos confins da brasilidade geográfica. A Zélia é a mais peremptória

CANTAR DE AMIGOS

ilustração desses dizeres, pois se filho de peixe sabe nadar, verifica-se que Musa de romancista também sabe escrever — e como!

Confesso, porém, ter contraido uma dívida excepcional com Mestre Calasans Neto, Doutor Honoris Causa da Universidade de Louvain-La-Neuve e com sua Muy Digna Esposa, Dona Auta Rosa, Princesa incontestável do Abaeté. Foram eles que, de baianidade, me ensinaram tudo. Logo no início de minha primeira sessão de aculturação baiana, eles me levaram nos labirintos do Rio Vermelho, onde logo fui cooptado, na casa do Jorge e de Zélia, por uma coroa de amigos hoje confirmados, e consolidados em cada sessão de reciclagem. Era 1962, se não me falha a memória. E desde aquela época, cada estada na Bahia é uma festa deslumbrante dos olhos e, mais ainda, do coração.

Óbviamente, os membros da Irmandade acima aludida sabem que o capelão deles é padre católico, apostólico e romano, com todas as prerrogativas às quais faz juz este estatuto mirabolante. Mas alguns dos meus confrades acham um pouco suspeito esse gênero de frequentação. Dizem eles, e outras más línguas, que a freguesia dessa capelania mais se parece com a Tenda do Capeta do que com a Irmandade de São José.

Mas saber a verdade total e completa é um direito que indubitavelmente assiste aos nossos Benevolentes Leitores — aos quais, portanto, vou revelar um segredo. Dois, aliás. Pois — primeiro — como já ficou devidamente ponderado e esclarecido, experimentamos todos nós uma convivialidade robusta e tenaz entre o pecador e o santo. E Deus, que nos deu a liberdade de pecar, querendo e devendo ser lógico consigo mesmo, devia nos dar também a graça para sermos santos. Portanto — segundo — após algumas merecidas espetadas no purgatório, a perspectiva é de uma congregação geral e plenária no Céu. Nosso Senhor do Bomfim já foi devidamente conversado e instruído a respeito.

Quando, há alguns meses, entrei no mais fulgente solar do Pelourinho, não estranhei muito. Lá jorravam mil evocações que se chacoalhavam lugares visitados, livros devorados, objetos familiares, cartazes e documentos denticulados, fotos históricas ou que logo o serão, obras de arte, entre as quais se destaca um soberbo retrato de Jorge, obra primorosa do nosso irmão Calá. E depois, o Pelourinho, que se pode ver de qualquer janela e, com um pouco de sorte, um brinde imprevisto: os pivetes em plena e frutífera atividade roubalheira. Uma emoção estética que só se compara com a agilidade dos capoeiristas de Mestre Pastinha.

Suba, por favor. Após um percurso flechado num dédalo de escadas, chega-se na Câmara das Torturas, de onde preside, radiosa, Dona Myriam Fraga. Aqui, mais uma vez, me lembrei do Vinícius, mas não tive o topete de expressar os meus sentimentos. "Coitada da Myriam", andei pensando no meu foro interior! Será que ela vai conseguir mesmo, trabalhar, com essa vista intomável sobre um panorama de deslumbrante beleza, que a UNESCO justamente tombou, e do qual o mundo inteiro tem justa inveja? Será possível angariar concentração mental suficiente para gerir tão prestigiosa Fundação, quando o olhar fica aferrado pelas igrejas do Rosário, dos Passos, do Carmo? Pelo balançar dos tabuleiros carregados por baianas de fingida indiferença? E que não me conteste. Para fugir daquelas deliciosas distrações, ela se recolhe e refugia no solário da mansão — pois alí a tentação de *só* admirar se torna irresistível, pelo menos em se tratando de seres humanos de constituição normal, como é o caso de todos nós. Pois deste terraço coberto, apercebem-se o cintilar dos telhados, a Cidade Baixa, a própria Bahia com as suas naves rutilantes, o Forte de São Marcelo, e — contanto que a claridade o permita! — a igreja do Nosso Senhor do Bomfim.

Nobre poetisa, que imenso mérito conseguir trabalhar em condições tão adversas e tão pouco propícias! Acontece, porém, que malgrado essas solicitações distraentes que assaltam a sua diretoria, a Fundação Casa de Jorge Amado está sendo enveredada por ela para um destino excepcional na vida nacional e internacional. Lá se encontram todos os manuscritos do Jorge, as edições e as traduções dos seus livros, ampla parte de sua correspondência e demais textos inéditos, fotografias atestando a irradiação planetária da personalidade e da obra do Jorge. Além do mais, há o calor invulgar da acolhida, bem como a presença garantida de amigos que Jorge já aproximou ou vai aproximar.

Assim, a Fundação Casa de Jorge Amado há de se tornar logo um santuário obrigatório a ser frequentado não só pelos especialistas da obra de um escritor, que tem obviamente a estatura de um Prêmio Nobel, mas, de um modo mais amplo, por todos aqueles, brasileiros e estrangeiros, que pretendam investigar a fundo os problemas do Brasil contemporâneo, bem como o leque das suas mentalidades, das suas expressões artísticas, das suas mágoas e, acima de tudo, das suas esperanças.

Michel Schooyans

CARTA

A JORGE AMADO

¿Recuerdas, Jorge Amado?
Cuando nos conocimos éramos dos esqueletos flotantes,
narices largas y agudas, impertérritas lanzas
horadando los aires de la ciudad bravía;
ojos de avispa en celo mirando la belleza,
manos en vuelo raudo asiéndose del ritmo
de unos pasos ligeros que medían las calles:
el tiempo era delgado con las mismas edades
conjugando los sueños con el mágico verbo
que rondaba en la sangre para decir verdades.

México fascinaba tu corazón en punta fina
de penetrar su entraña desangrada y bizarra:
su imagen te cantaba un himno de violencia.

Anduvimos sus días y sus noches insomnes
hurgando en la ceniza de la miseria oscura.

Brasil te sacudía los nervios con su rumbo
y dialogamos siempre la esperanza del mundo.

Postdata:
seguimos esperando la victoria del hombre.

-3-IX-83.

Miguel Bustos Cerecedo

A JORGE AMADO

A um só gesto,
silencioso e rápido,
de teus dedos...
Ou, quem sabe, terias dito:
— Faça-se!

... e logo surgiu de tuas mãos um mundo.
Dessa vez inteiro, completo,
o mundo mágico baiano,
com seu mar e suas ilhas.
O cais, o mercado,
o casario de baixo
e as ladeiras
e o casario do alto.

Igrejas, terreiros, conventos,
o nunca acabar de ruas e becos
onde, se solta, se perde
e se envolve em confusões
uma santa egressa
de altar santamarense:
Santa Bárbara dos Trovões.

Mundo, a um tempo mágico e real,
fervilhante colméia de mulheres e homens
de todas as nações afro-baianas
diluídas, quase sempre,
em mil gradações de mulatismo
e morenez.

Mundo mágico e real dos personagens
criados, instruídos e ensaiados
pelo teu gênio
para viver magistralmente
essas histórias
que só na Bahia acontecem.

Mundo mágico (ou real?)
a que também mandaste
uma legião de amigos
como atores coadjuvantes,
ou simples figurantes,
de um grande espetáculo.

Está formado o elenco:
pais e mães e filhas de santo.
Bispos, padres, monges, freiras.
Pastores e crentes.
Magistrados, professores,
poetas de várias procedências,
médicos, políticos e pintores.
Sociólogos, jornalistas, operários,
pescadores, músicos, engenheiros,
pequenos e altos funcionários.
Advogados, motoristas, fazendeiros,
feirantes e estudantes.
Camelôs, jogadores, prostitutas
e tantos, tantos outros que agora
minha memória não alcança.

Derramas, então, sobre eles
o teu olhar magnânimo,
divertido às vezes,
às vezes irônico,
quando narras suas fraquezas,
ambições, vaidades;
as festas lúdicas, prazeres no esporte
e alegres transas sexuais.

Mas não omites os sofrimentos
dos que enfrentam todos os dias
a batalha desigual
pela sobrevivência.
Os que amargam recentes danos
de tortura, prisão e exílio.
As vítimas da fome e do abandono.
Os sequiosos de justiça
e os humilhados por preconceitos
e discriminações.

Ah! Eles confiam em ti
e reconhecem o quanto
receberam e recebem
de estímulo, inspiração
e amor solidário
expressos em tua obra
há mais de meio século,
para que não lhes faltem
coragem e esperança
nas lutas que travam
por um mundo melhor,
de paz e de justiça.

Assim, não importa uns poucos
que não querem ou não podem
— não lhes pergunto a causa —
decifrar os signos
de tua clara mensagem.

Epaminondas Costalima 10.11.88

LOUVAÇÃO
a Jorge Amado

Escritor Jorge Amado da Bahia
em que o poeta Castro Alves pôs
(mais alta que o condor) a poesia
(cuja arma-branca à luta-negra impôs)
quero cantar teu nome à luz do dia
onde o sol acendeu (quando depôs
a Noite d'Os Pastores) seu metal
em brasa ao teu *País do Carnaval*

(Brasil) a cor da árvore do sangue
(rubro *Cacau*) *Suor* de ouro (arara
encarnada de fogo) bumerangue
que volta o incêndio à lenha da coivara
(carangueijo escarlate sobre o mangue)
cicatriz-de-chicote (sim) *Seara*
Vermelha diz às *Terras do sem Fim:*
"sou a justiça (da vingança eu vim)

eis que as estrelas (*Capitães da Areia*)
Jubiabá (*São Jorge dos Ilhéus*)
A Estrada do 'Mar' Morto andava cheia
de saliva e seu cuspo até aos céus
era (*Tocaia Grande*) uma cadeia
que ao Norte me prendeu (mas) entre réus
cavei ao Leste (aos morros da cidade)
Subterrâneos para a *Liberdade*

(veio *O Mundo da Paz*) o *ABC*
e *A Vida* (*O Cavaleiro da Esperança*)
veio (à margem de tudo) acontecer
Gabriela e/ou *Dona Flor* (criança
o adulto foi em mim) como dizer:
a capoeira não é luta e dança?
(assim lutei e assim dancei) na página
A Morte e a Morte à *Quincas Berro Dágua.*

(fui d'O Amor do Soldado até a *Tenda*
dos Milagres e *Velhos Marinheiros)*
se o salto-imortal da morte a emenda
do soneto da vida (companheiros)
com a Farda (*ou o fardo*) *do* Fardão *de renda*
de Salvador (no cais onde os saveiros)
ficarei (comovido comandante)
fugido no meu tempo de estudante.

(Menino Grapiúna) entre Tereza
e *Tieta* (*Malhado*) olhando O Gato
com a *Bola* do *Goleiro* (na tristeza
que vem na raça — o banzo — e vem do mato)
desenhei (ó *Milagre* à correnteza
dos Pássaros no vento) este retrato
do meu país (um mapa) no caderno
de adolescente de colégio interno.

(dei *Sumiço* de morto ao homem-vivo
para o morto ficar vivo no povo)
uma *Santa* (a mulher) disse o que digo:
de tanto ser eu mesmo já sou outro
(fui Jorge e sou Amado) o precipício
(jamais a fonte) é quem atrai meu rosto
(só quando eu me debruço sobre o humano
é que me vejo à alma do oceano)

de Itabuna a Ilhéus e Itaporanga
ou Ibipiranga (biografia em i)
eu retirei (dobrada em minha manga)
esta magia-negra que escrevi
(não mais com a tinta da ibirapitanga
mas com o afro-carvão) *Bahia de*
Todos os Santos (sim) cuja memória
me fez no mundo um contador de histórias."

Olinda — 03.12.88

Marcus Accioly

JORGE AMADO

A Luz vinda da França

Uma luz vinda da França, li o verso em qualquer parte a propósito das lutas brasileiras nos tempos da colônia, uma luz vinda da França iluminando as consciências, uma luz.

A França era e é um ponto de referência para marcar toda a caminhada dos cidadãos das terras americanas sob domínio da coroa portuguesa no afã da liberdade, para significar os horizontes abertos no pensamento, a compreensão de um tempo novo, a nova era iniciada com a Revolução Francesa. O tempo se dividiu: antes e depois, as trevas do obscurantismo, o sol da liberdade.

A liberdade, tocha empunhada pelo povo, atravessou não apenas as fronteiras dos países europeus, cruzou o mar oceano num clarão de incêndio: a independência dos países americanos iria encontrar sua carta de princípios, seu discurso , seu suporte de causas e conseqüências: a revolução teve início na França mas logo se fez universal, comoveu a humanidade. Seu rastro de

luz nas lonjuras mais distantes, uma luz vinda da França: o verso de um poeta.

Existe uma balada popular dos tempos d'antanho, um coco das Alagoas, que testemunha melhor do que qualquer outra referência a importância da França na vida brasileira. Diz assim:

"O reis mandou me chamar
Pra casar com sua fia
O dote que ele me dava
Oropa, França e Bahia"

Eis que no imaginário popular, na avaliação dos valores, a França não é parte da Europa, tem condição e importância singulares, sem dúvida um significado diverso e maior. Europa: significava grandeza de bens materiais mas não se poderia desligar de seu conceito a condição colonialista das cortes enriquecidas com o ouro escravo das terras americanas, vivendo à farta a custa do suor e do sangue, do sofrimento de povos distantes, relegados à miséria. A França não cabia nesse conjunto de opressão e atraso, a França era outra verdade, sinônimo de humanismo. O trovador popular marcou a diferença e a distância, situou pólos opostos. Uma luz vinda da França, proclamou o poeta erudito: a trova popular, de rimas pobres, salientou, com sutileza, a particularidade a distinguir a França do resto da Europa. Para o Brasil, a França revolucionária teve e tem uma significação especial. Desde o tempo de antes quando ainda não éramos nação independente.

A Revolução dos Alfaiates, levante acontecido na Bahia nos fins do século dezoito, foi, sem dúvida possível, o mais profundo e conseqüente movimento libertário a comover a colônia portuguêsa. Não se tratou apenas de um entusiasmo de patriotas, de um sonho de independência, de um grito nascido em peito oprimido, o projeto dos baianos mulatos e pobres tinha uma outra amplitude: a visão dos conspiradores, bem mais complexa, era política e social. A luz vinda da França. Nos encontros dos revolucionários ecoavam em francês as palavras nobres e sonoras: liberté, egalité, fraternité, assim nos contam ficcionistas e historiadores. Nos marcos da História do Brasil a presença fulgurante da Revolução Francesa, delimitando os rumos de independência, ampliando-os com a reivindicação das conquistas sociais.

Se começo citando a Revolução dos Alfaiates, eu o faço porque as cores da bandeira da Bahia são as mesmas da bandeira da França e não por acaso assim acontece. Mas, antes da conspiração do cirurgião Cipriano Barata, um estudante brasileiro fora testemunha e discípulo



das teorias dos enciclopedistas e as trouxeram em sua bagagem para as terras da colônia portuguêsa. Foram as sementes iniciais da Revolução a aportar ao Brasil, delas nasceu a Inconfidência Mineira na qual os historiadores reconhecem o primeiro movimento pela independência.

Bem menos complexa em suas reinvidicações do que a Revolução dos Alfaiates, a Inconfidência Mineira não possui a conotação popular da conjura baiana. Se bem o alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, seja o símbolo da Inconfidência, merecidamente pois pagou com a vida sua generosa atuação, o movimento esboçado em Minas Gerais é um sonho de poetas — Thomaz Antônio Gonzaga, Inácio de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa —, romântico e desligado da massa da população. Denunciado, o movimento não chegou a vir as ruas, a transformar-se em ação: o martírio de Tiradentes, enforcado, esquartejado, concedeu a Inconfidência Mineira a dimensão da grandeza. Uma luz vinda da França, a tocha trazida pelo estudante brasileiro, o leitor da Enciclopédia.

Assim, passo a passo, a partir de então a França se mistura à história e à vida brasileiras, influi no processo que conduzirá à independência, à abolição dos escravos, à proclamação da

A Luz vinda França

República. Presença fecundante e generosa, impossível escondê-la e negá-la, impossível diminuir-lhe a importância, reduzir-lhe a influência e, em consequência, a ligação inequívoca que existiu e continua a existir entre as duas nações. Uma verdade deve ser dita e repetida para que não reste o menor resquício de dúvida: o povo brasileiro, fraterno em suas relações com os demais povos e pátrias, guarda em seu coração e em sua consciência um lugar especial para a França, existe um componente de amor que não diminui com o passar dos anos e as novas e diversas influências estrangeiras que estimularam a vida brasileira. A França é e será sempre símbolo do progresso e da cultura: liberdade, igualdade e fraternidade, ainda não se levantou bandeira mais apaixonante, não se inscreveram na reivindicação humana palavras mais ardentes.

A cultura, instrumento de ação revolucionária, arma para mudar a sociedade, criar novas condições de vida, construir o futuro. Na constante presença da França na vida brasileira, esquecida a fugidia passagem dos piratas na Baía de Guanabara ou dos visionários nas plagas maranhenses, existiram uns poucos militares — e a um deles, o general Labatut, voltarei a me referir pois comandou tropas baianas, soldados brasileiros, nas batalhas pela Independência. Mas o peso da influência determinante do pensamento e da ação deve-se aos homens de cultura, dos enciclopedistas a Victor Hugo. As idéias e a poesia, a luz vinda da França. Rompendo trevas e grilhões do obscurantismo, dando força e consistência à criação literária e aos sonhos de progresso, aos projeto de mudança, fazendo a sociedade avançar.

A batalha pela abolição da escravatura foi travada sobretudo pelos negros. Pode-se dizer que a partir do desembarque em porto brasileiro dos primeiro escravos trazidos da África nos navios do tráfico infame, os negros lutaram numa luta sem tréguas conta a escravidão, pela liberdade e pela igualdade.

Sabe-se, apesar da criminosa destruição dos documentos relativos ao tráfigo e à escravidão, como nasceram e cresceram as "repúblicas negras", os "quilombos", onde os escravos fugidos se reuniam e se levantavam em armas. O Quilombo dos Palmares é glorioso capítulo da História do Brasil no que ela possui de mais heróico. O maior dos quilombos resistiu durante quarenta anos ao embate das tropas governamentais e a figura de Zumbi, o lendário e invencível comandante, personifica a luta dos negros contra a escravidão.

Essa luta incontida e persistente dos negros teve, como não podia deixar de acontecer, o apoio da intelectualidade brasileira, um apoio total, a cada momento e no decorrer dos anos. Já falaremos do canto dos poetas e dos manifestos dos nomes maiores da cultura brasileira, mas logo deve-se dizer que não apenas a palavra escrita ou falada serviu à causa da abolição. Os poetas uniram-se aos negros para criar as "sociedades abolicionistas" cujo fim era dar fuga aos escravos desaparecidos dos engenhos de cana, das senzalas das casas-grandes, encaminhando-os para o combate nos quilombos. Esse aspecto da contribuição dos poetas à causa dos escravos é menos conhecido do que a poesia de protesto e de solidariedade que caracterizou o romantismo na literatura brasileira, mas não é menos importante.

Dois poetas brasileiros, um negro, Luiz Gama, um branco, Castro Alves, ambos baianos de nascimento, foram, a meu ver, as duas vozes principais que se elevaram contra a escravidão. Sob a inspiração da Revolução Francesa, souberam os dois e os demais somar poesia e ação, assim entendiam a grande mudança empreendida pelo povo francês. Luiz Gama libertou, através sua ação quotidiana, cerca de quinhentos escravos. Castro Alves participou em Pernambuco da criação das sociedades abolicionistas.

Através da campanha empreendida pela inteligência brasileira no seu compromisso de honra com a causa da liquidação da escravatura, mais uma vez se projetou a Revolução Francesa — idéias, inspiração, canto de protesto, afirmação superior de humanismo — na vida nacional, numa decisiva contribuição para que se formasse a consciência abolicionista, fazendo da causa dos escravos uma causa de todo o povo, imprimindo-lhe um ímpeto irreversível. Os poetas do romantismo, os jornalistas, os intelectuais mais diversos, banhados por aquela luz vinda da França, a luz da Revolução, fizeram-se arautos das palavras novas, liberdade, igualdade, fraternidade. Pode-se dizer que o poeta Victor Hugo teve destacado papel na luta contra a

escravidão no Brasil, esteve presente a cada momento da memorável jornada, foi voz e consciência.

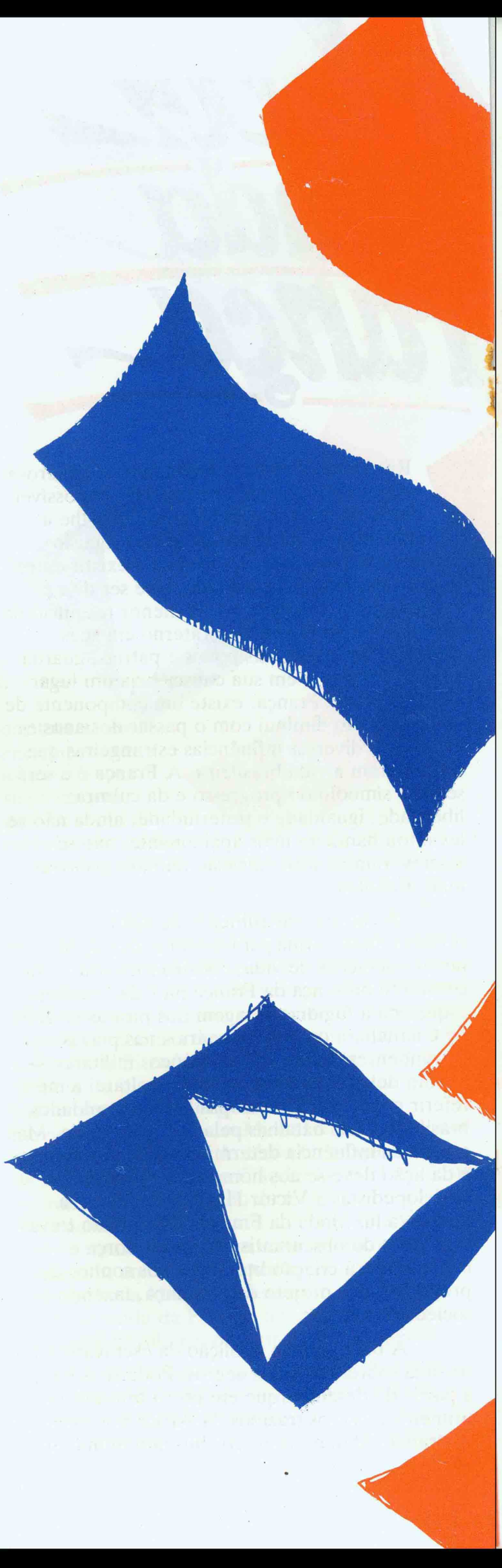
A influência da cultura francesa no Brasil, proclamada no correr do tempo, nos enriqueceu, nos engrandeceu. Cultura revolucionária contribuiu de forma notável para a formação da cultura nacional brasileira, cultura mestiça nascida da mistura de raças e sangues latinos, africanos e indígenas. Foi através dessa influência cultural que se criaram e se fortaleceram os laços — laços de amor, eu diria — que ligam o Brasil à França, o povo brasileiro ao povo francês.

Não se trata de uma perdida circunstância do passado, de uma realidade superada, coisa de ontem, lembrança para pesquisador, trata-se de um sentimento vivo que se mantém atuante apesar do desinteresse oficial que se fez sentir no após-guerra quando a presença francesa reduziu-se a um mínimo, deixando o campo livre à penetração das fontes de antihumanismo: a guerra, a violência, a negação dos direitos humanos. Nem assim deixou de existir e de se afirmar, sempre que possível, o elo de amor, o compromisso fraterno estabelecido entre a França e o Brasil. A luz vinda da França resplandece ainda hoje e a celebração do bi-centenário da Revolução Francesa é igualmente uma festa nossa, da cultura e do povo brasileiro. Também aqui, em distantes terras do trópico, ela se processou. fator fundamental do progresso, caminho do futuro.

A bandeira da Bahia tem as cores da bandeira da França. A Independência do Brasil foi proclamada em setembro de 1822 pelo príncipe Dom Pedro, nas margens do Ipiranga quando viajava do Rio para São Paulo. Mas as tropas portuguesa aquarteladas na Bahia resistiram e tentaram impedir que a independência se consumasse: os combates entre os voluntários brasileiros e os soldados portugueses duraram até julho de 1823. A 2 de julho, data final do processo de libertação, festeja-se na Bahia o dia da liberdade.

Os batalhões dos voluntários brasileiros, organizados pelos patriotas, bateram-se contra os portugueses colonialistas sob o comando do general francês Pierre Labatut. Mais uma vez viu-se a França misturada aos destinos do Brasil. Comandados por Labatut, os brasileiros expulsaram do solo da pátria as forças estrangeiras do colonialismo, da opressão e do atraso. A bandeira da Bahia tem as cores da bandeira da França, nada mais justo.

Uma história de amor, a das relações entre os povos do Brasil e da França. Uma luz vinda da França, a luz da Revolução. Libertando escravos, acendendo as consciências, criando a poesia. Uma luz vinda da França.



BETTY MORTON

E A RAUL SANDIC

Es difícil pensar em Raul Sendic como el jefe de los Tupamaros. Lo conocí antes, mucho antes de que la izquierda y la derecha se infiltrasen en el movimiento deturpándolo.

A Raul lo recuerdo con la sonrisa tierna que lo acompaño hasta el fin. Sentado a la intemperie, hablando con campesinos o presidiendo mesas estundantiles, su ternura conseguía siempre la unión de todos.

El subdesarrollo — afirmaba — no precede al desarrollo sino que es una consecuencia directa del desarrollo ajeno.

El movimiento Tupamaro surgió en Uruguay como una reacción contra la corrupción que existía en la época.

No tenía otra bandera a no ser el amor a la Patria.

Queríamos recuperar en la historia la imagem que nos robaron; afirmar nuestra latinidad, defender nuestra soberanía, y nos acusaron de todos los crímenes que otros cometieron!

Con la muerte de Raul Sendic, desaparece el último gran líder de América Latina.

El plano se ha cumplido: continuaremos a ser el gran celero del mundo.

Está proibido recordar. No sólo nos han robado nuestro futuro como también nuestro pasado, eliminando nuestras conciencias y nuestras dignidad.

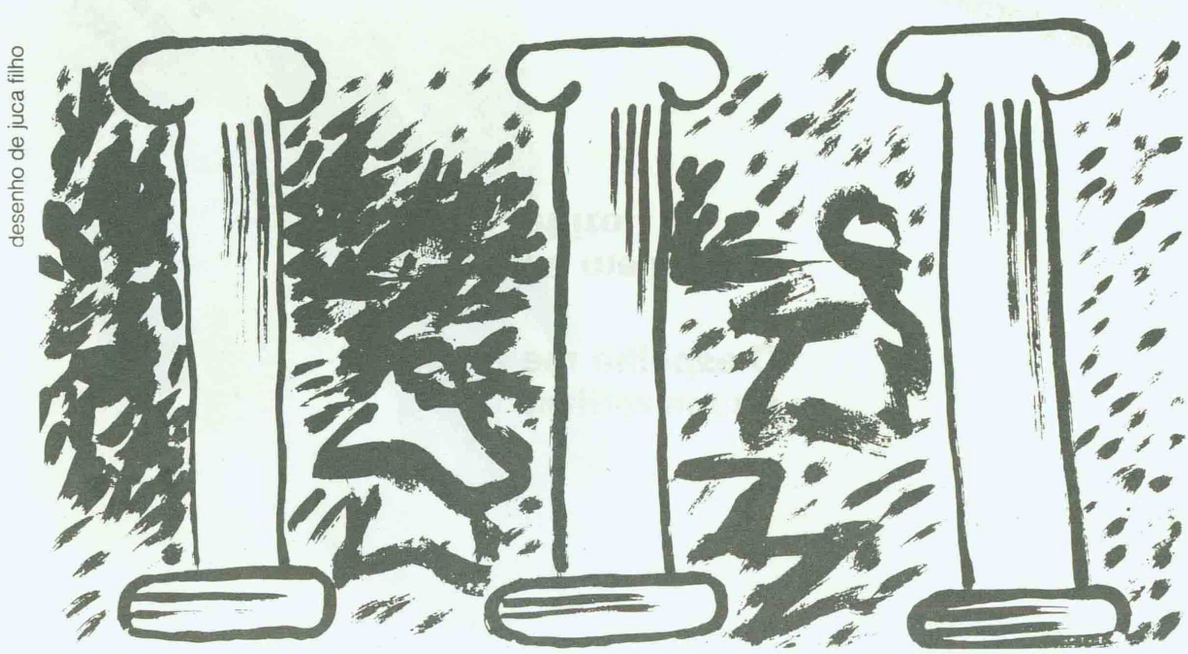
Te recuerdo como eras
Cuando éramos jóvenes
Y un gusto a pitangas
Nos endulzaba el corazón.

Héroe te llamaban unos
Otros: traidor
Eras un hombre
Apenas
Hecho y desecho
como un golen destruído
Abandonado por Diós.

Cierro los ojos. Algo está doliendo
Estos pobres niños viejos
En que nos transformamos
lloran en mí.

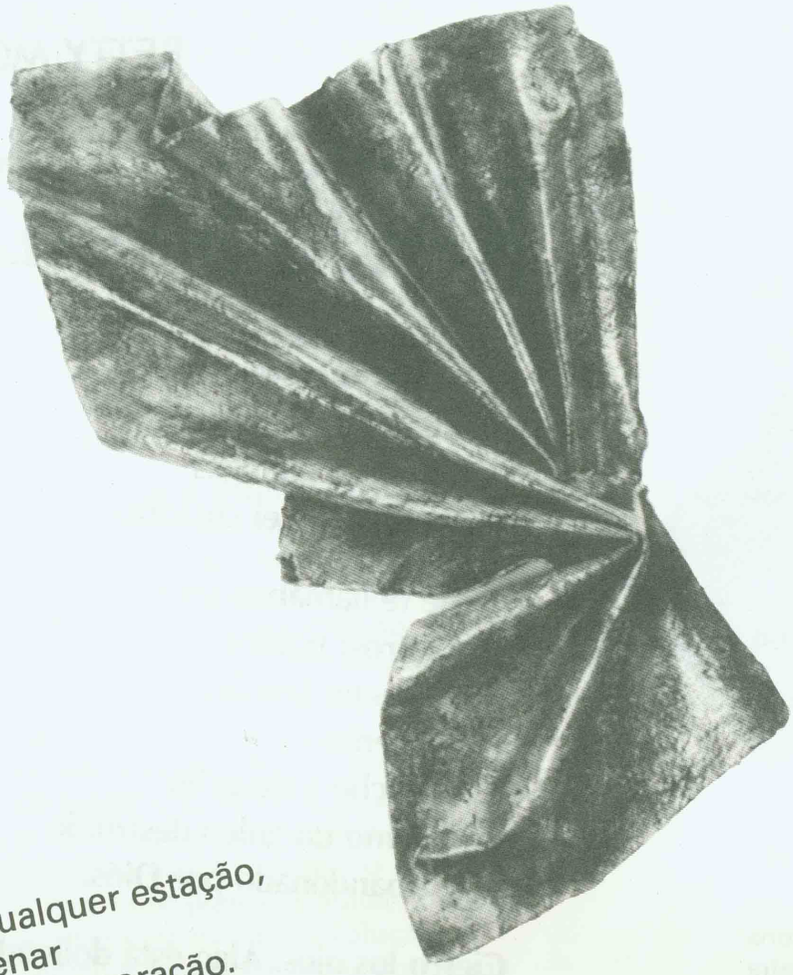
Cierro los ojos. Hay cenizas
Dentro y fuera.
Algo está muerto.
DEFINITIVAMENTE MUERTO.

Betty Morton é uruguaia, poeta, com um livro publicado.



desenho de juca filho

escultura de masrabel boere



BALANÇA

Em qualquer estação,
oxigenar
os fios do coração.

A natureza se apruma
no urubu que enche o papo
e no pavão que se empluma.

O relógio e o calendário
medem somente a passagem
do nosso todo no tempo.

Tempo que é o tempo
todo
— da eternidade ao momento.

A fera solta
se sente
presa segura
entre os dentes.

O espelho me repete,
eu me reflito.

O espelho me repete,
eu me reflito.

BÉU MACHADO

Com o corpo
crivado
de espinhas,
tento disparar pétalas
pela cabeça.

MAS HAI-KAI

Farsa o que digo:
disfarça o que faço.



escultura de masrabel boere

Béu Machado *é jornalista, letrista e poeta. Publicou* Frase Feita.

desenho de jô barreto

MULHER

Minha mãe nasceu prá ser esposa. De um homem só.
Minha avó para fazer ponto de
cruz.
Sua vida foi um belo monograma.
(A água da chaleira ferve o suor escorre.)
O bordado era feito num bastidor,
alí, armava-se um jogo que nunca compreendi.

CAVALO

Meu cavalo de azul, fôlego de cavalo louco,
de louco azul, as nuvens passageiras no seu dorso,
cavalo de crinas leves, leves crinas, de montes e terras leves
e águas cristalinas, molhar suas veias de viagem, galope de sangue nas veias,
como um passageiro sem bagagem, uma estrada de sol-posto,
uma montanha cresce no meio de tudo
(uma saudade)
e uma queda amortece toda a minha vida dentro de um rio.
Meu cavalo corte reto, um silêncio corta e uma foice corta nossos machados,
e por todos os poros escorre um suor vermelho, castanho, violento sangue de
nossas correrias, meu cavalo de azul, fôlego de cavalo louco, louco de azul,
corre nas veias um lençol de vento e
dentro do peito um sonho de à toda velocidade.

REGINA COELI

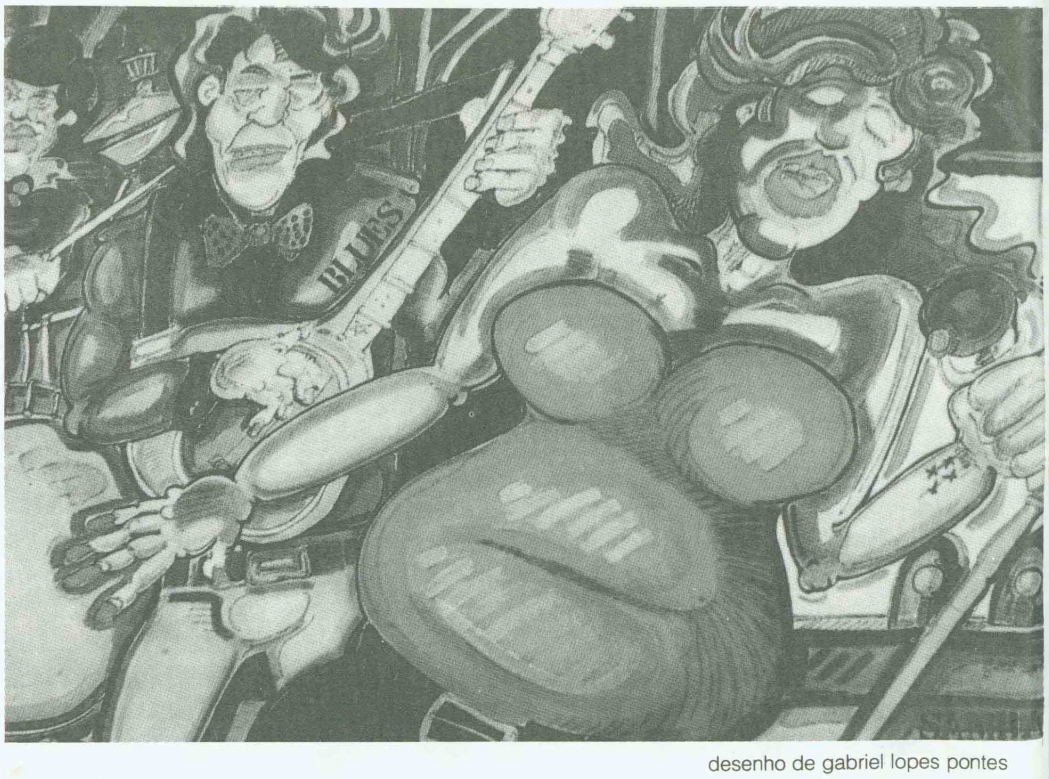
TEMA

Estou procurando um tema, na caixa
de velhos guardados desfio um terço
mas é do primeiro namorado que me lembro.
Os domingos de sol têm um sabor provinciano:
bairro, missa, padre, deus-me-livre!
Vestido novo, menino chupando manga.
As associações são fartas como peito de mãe parida.
O leite da vida escorre
e sugo para neutralizar os perigos.

Regina Coeli é jornalista. Inédita.

observo a vida
verso diva
prosa

obverso a diva
servo vida
prosa



desenho de gabriel lopes pontes



desenho de gabriel lopes pontes

a vida é *eco*
um ventre pando
no ar seco

a vida é átimo
framming do acaso
frio e rápido

__Dulce Ferrara__ nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo. Arquiteta de formação, é roteirista e produtora de tevê. Inédita.

ESSA PRESSA DE NASCENÇA A PRECE DA IMPRENSA

A PRESSA DA IMPRENSA

A PRESA DA IMPRENSA

O PREÇO DA IMPRENSA

A SENTENÇA

A RENDA DA IMPRENSA **A PRESSA DA IMPR**

A IMENSA PRESSA IMENSAPRESSA IMPRESSA NA IMPRENSA

SSA DA IMPRENSA PROMESSA

IMPRENSA

MEÇA A PRESSA DA EMPRESA

A MERDA MEÇA DEPRESSA DEPRESSA DEPRESSA CONFESSA

A PRESSA DA IMPRENSA

IMPRENSA A PEÇA DA IMPRENSA IMPEÇA

PARECENÇA

A PROSA DA INPREMÇA A PRENSA

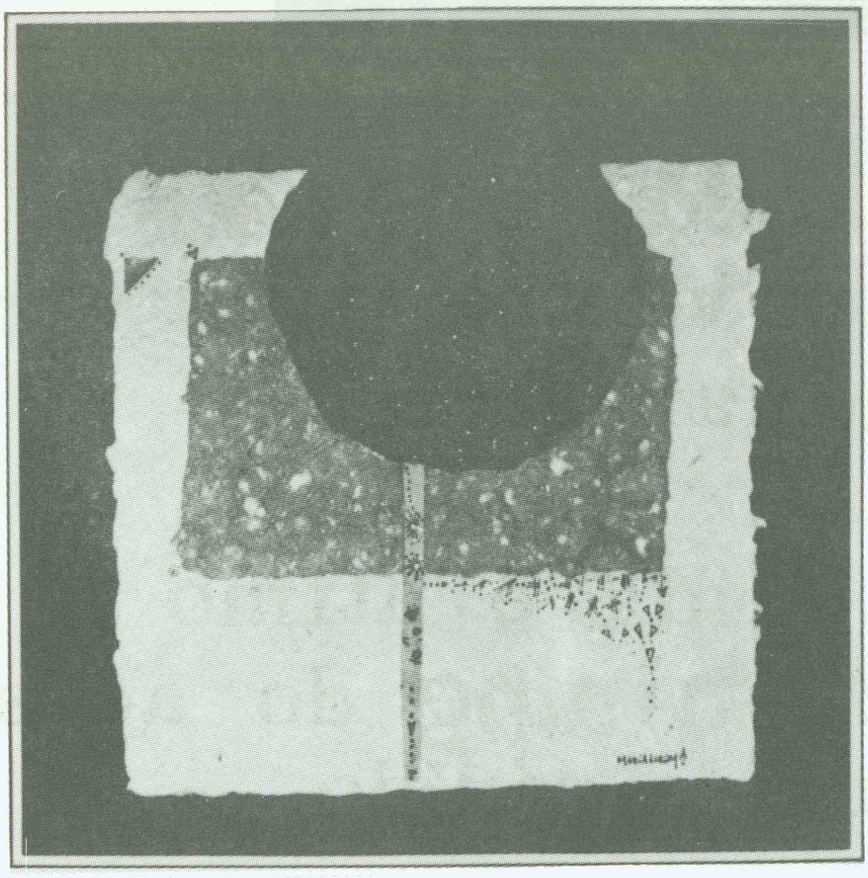
A OFENSA **A PRESS**

A PRESSA IMPRESSA NA IMPRESSA O ALTO PREÇO DA IMPRE

A IMERSA PRENSA DA IMPRENSA

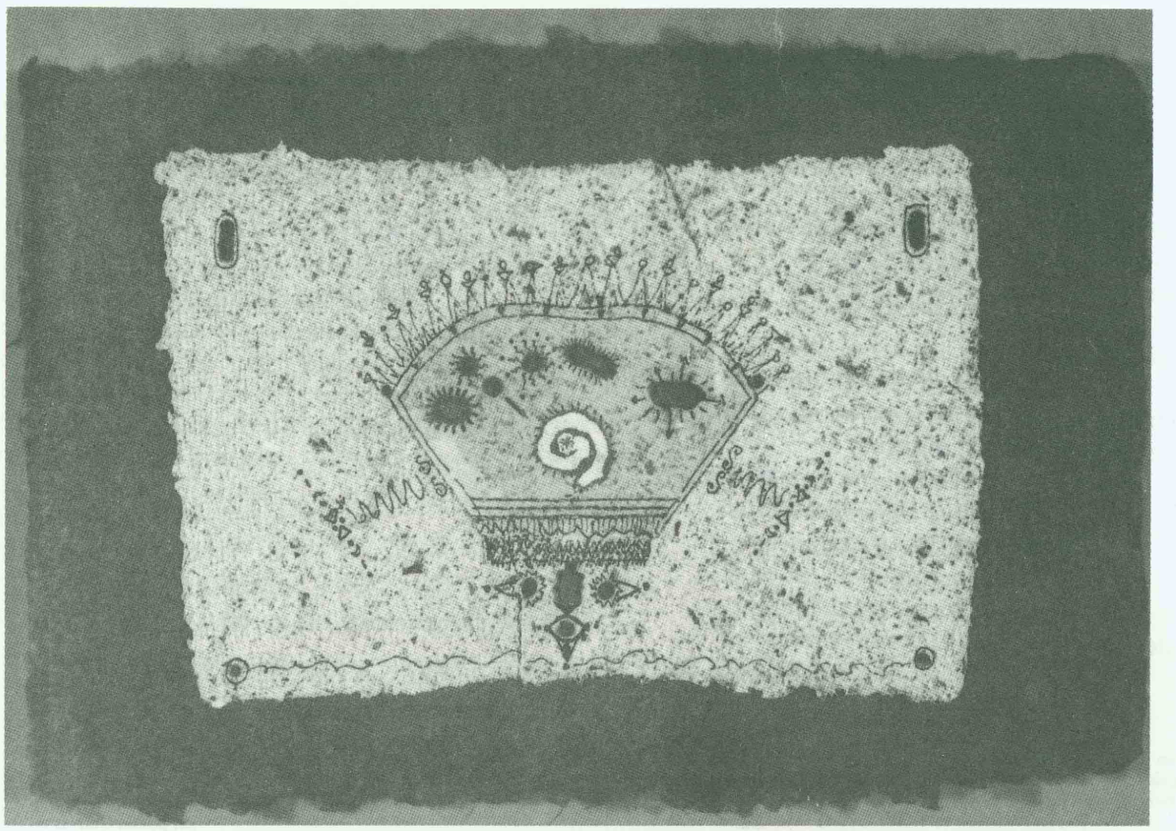
ESSA DA IMPRENSA ESSA PRESSA DE NASCENÇA

A POSE DA IMPRENSA



colagem de maria luedy

ANTONIO RISÉRIO



colagem de maria luedy

POEMA DA CATEQUESE

Uma coisa é a fábula
da vigília. A narrativa da proeza
do homem acordado. (Fragmento épico
ou lírico, lançado à correnteza
do acaso).

Outra coisa é quando
de uma pedra na obra do Maturi
penso nos papéis que o índio estrelou
nos sonhos que o jesuíta
sonhou por aqui.

Trocando símbolos em miúdos,
tudo é possível.
Do bicho morubixaba
convertido à cruz de pau
ao tupinambá colorido
em dançar de amante canibal

Antonio Risério *nasceu em Salvador, Bahia, 1953. Poeta, ensaista, letrista, publicou* A Banda do Companheiro Mágico; Gilberto Gil Expresso 2222; Carnaval Ijexá; Cores Vivas.

MARA DE LA ROCHA

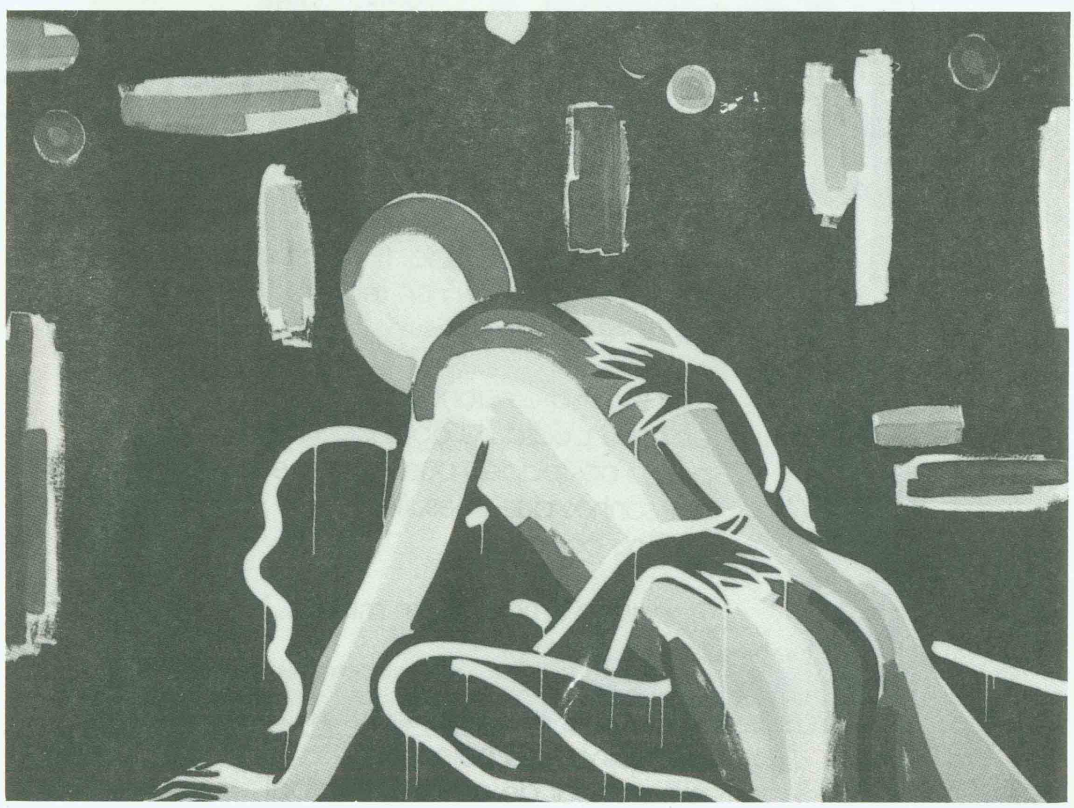
CINZA

Cinza no céu
Cinza na água
Cinza dentro de mim

O cinza é bonito
Mas é forte
E espesso
Como uma cortina de aço
Que se fecha
Ao meu redor.

***Mara de La Rocha** é gaúcha. Bibliotecária, publicou em poesia* Chuvas no Rosto.

pintura de hedi lamar



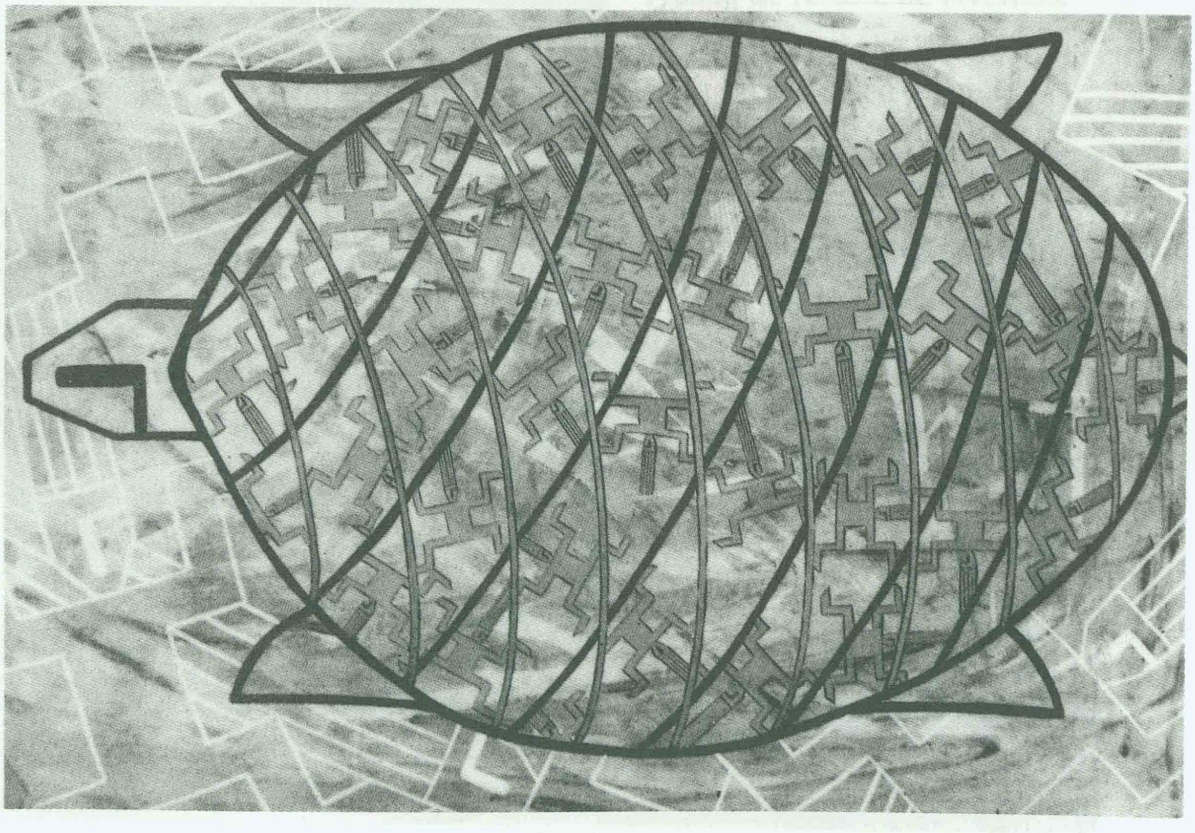
ERÓTIKA

Tú sigues existiendo en esta casa
como una melodía que sale de los libros,
las pinturas, la noche, el jardín, el espejo,
del aroma que sueña el vaso con la rosa,
aquí sigues viviendo, azulado fantasma,
con tu risa charlada y una flor de naranjo
guardada en el armario con unas moneditas
de oro nupcial y en una llamarada
que se alza hasta el cielo más vertiginoso
encendiendo nuevas estrellas...
Estás aquí, este instante, las tres de la mañana,
fantasma enardecido de ojos negros,
reflejada en mi ensueño,
aquí estás, aquí estás!
En una rosa trémula de sangre
que pregunta por ti,
que desvelada, espera
tus dos manos, tu boca, tus cabellos...

ERÓTIKA

Tu continuas existindo nesta casa
como uma melodia que sai dos livros,
das pinturas, da noite, do jardim, do espelho,
do aroma que sonha o vaso com a rosa,
aqui continuas vivendo, azulado fantasma,
com teu riso tagarela e uma flor de laranjeira
guardada no armário com umas moedinhas
de ouro nupcial e numa labareda
que se levanta até o céu mais vertiginoso
acendendo novas estrelas..
Estás aquí, neste instante, às três da madrugada,
fantasma excitado de olhos negros,
refletida em meu sonho,
aqui estás, aqui estás!
Numa rosa trêmula de sangue
que pergunta por ti,
que, insone, espera
tuas duas mãos, tua boca, teu cabelos...

*__Eduardo Carranza__ nasceu na Colombia. Diplomata, poeta e ensaista participou do grupo "*Piedra y Cielo*". Morreu em 1985, em Bogotá. A tradução é de Mara de La Rocha.*



pintura de r.r. costa

ECOLIER DE MÉLANCOLIE

Écolier de Mélancolie,
Des verges de Souci battu,
Je suis à l'étude tenu
Aux ultimes jours de ma vie.

Si j'ai ennui, n'en doutez mie,
Quand me sens vieillard devenu
Écolier de Mélancolie,
Des verges de Souci battu.

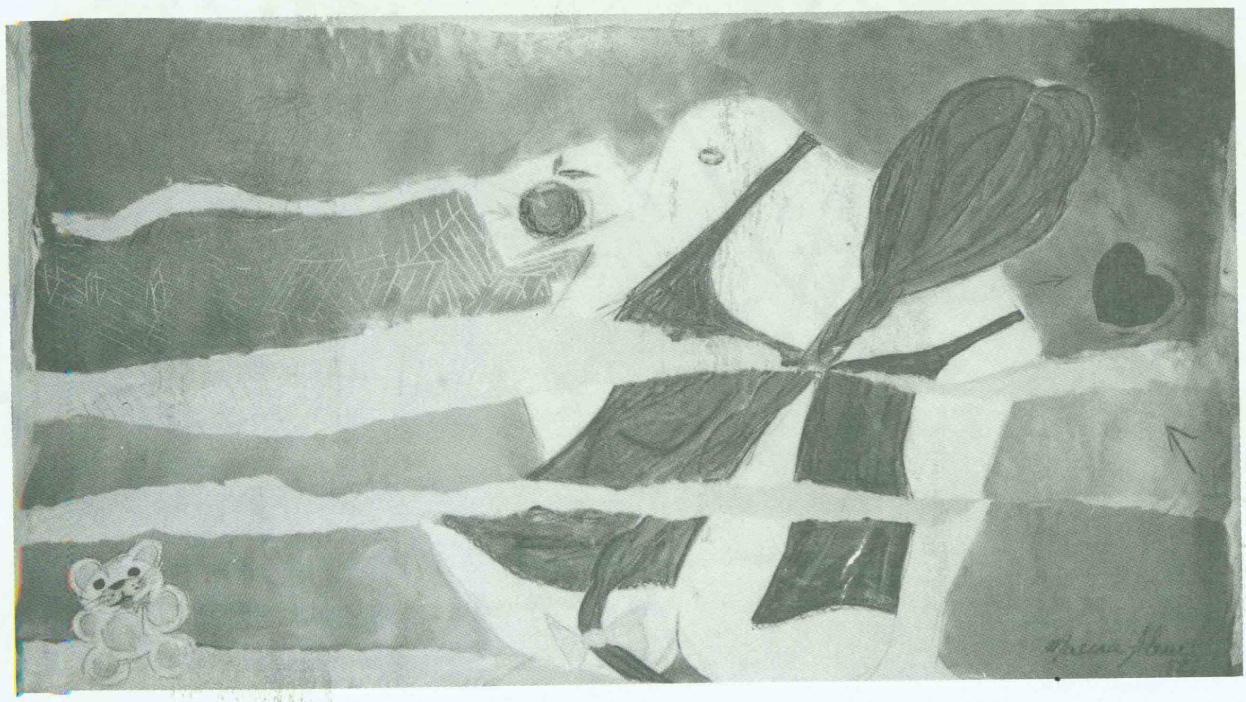
Convient que Pitié pour moi prie,
Qui me trouve tout éperdu;
Mon temps je perds et j'ai perdu,
Comme rassoté en folie,
Écolier de Mélancolie.

EU SOU ALUNO DA TRISTEZA

Eu sou aluno da Tristeza,
Pela Incerteza flagelado,
E nesse estudo, assoberbado,
Quando da morte já sou presa.

Não duvideis que a dor me pesa,
Quando à velhice sou chegado,
Eu sou aluno da Tristeza,
Pela Incerteza flagelado.

O Perdão venha com presteza
A mim que estou desesperado;
Fora de mim, qual dementado,
Foi-se-me a vida sem defesa,
Eu sou aluno da Tristeza.



pintura de marcia abreu

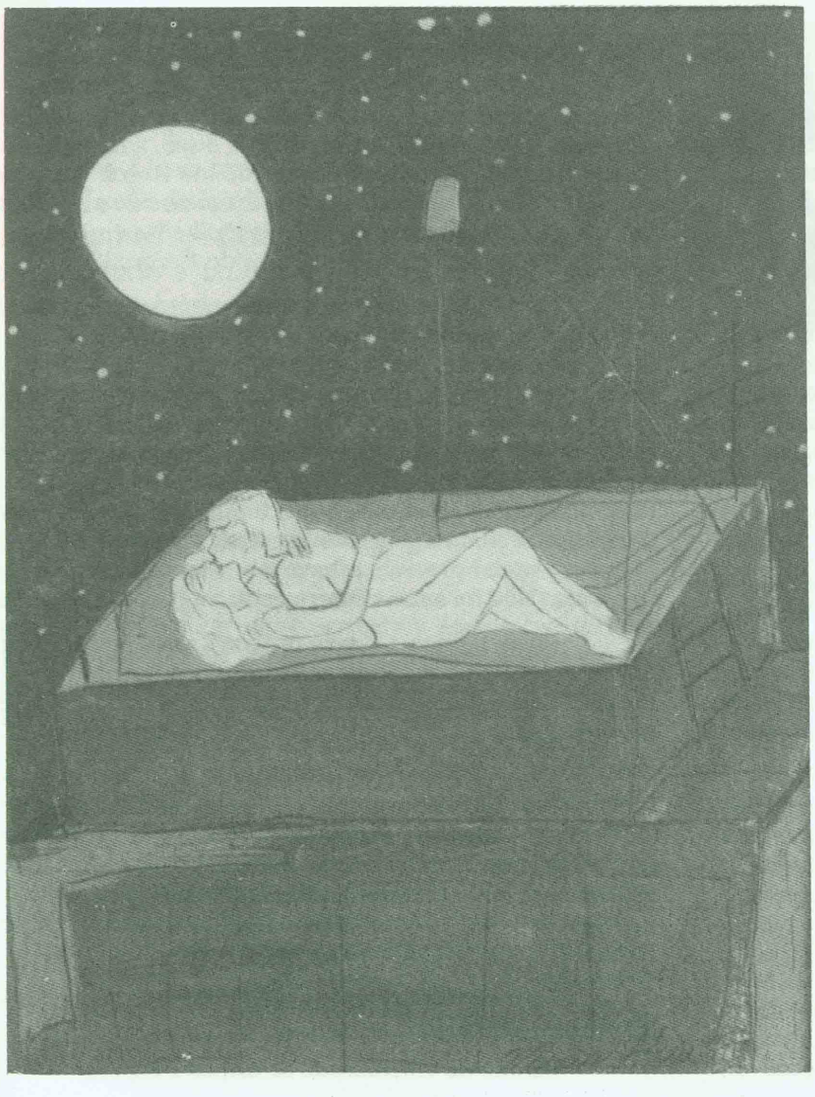
SALUT

Rien, cette écume, vierge vers
A ne désigner que la coupe;
Telle loin se noie une troupe
De sirénes mainte à l'envers.

Nous naviguons, ô mes divers
Amis, moi déjà sur la poupe,
Vous l'avant fastueux qui coupe
Le flot de foudres et d'hivers;

Une ivresse belle m'engage
Sans craindre même son tangage
De porter debout ce salut,

Solitude, récif, étoile,
A n'importe ce qui valut
Le blanc souci de notre toil e.



pintura de marcia abreu

BRINDE

Nada, esta espuma, virgem verso
Tão-só a taça nomeando;
Como além sereias em bando
Se afogam muitas ao inverso.

Navegamos, ó meus fraternos
Amigos, eu já estando atrás,
Na altiva proa vós cortais
Fluxos de raios e de invernos.

Pela ebriez eu sou levado
Sem recear o seu gingado
A erguer de pé a saudação

A toda coisa que revela,
Recife, estrela, solidão,
A inquietação da branca vela.

***Claudio Veiga** é professor de língua francesa, ensaista e tradutor. É o presidente da Academia de Letras da Bahia.*

UMA VEZ EM BRUXELAS

Estava um pouco abatido quando saiu de casa. Sentia que todos estes objetos que povoaram o seu gabinete de trabalho — o manequim da bela garota, os títeres flamengos suspensos das vigas do teto, as máscaras e a mão de cera — haviam-se desviado contra si. Um depois do outro iam adquirindo um ar de escárnio, de desprezo. Não era de se estranhar, pensou; representavam a criação do homem, seu desafio pessoal ao Deus criador. Por que os objetos haveriam de se contentar com sua condição, sem intentar, por sua vez, um desafio ao homem?

Michel entrou por uma estreita rua na parte antiga da cidade. A expressão de seu rosto se desanuviou. Evocava as alegres prostitutas da Idade Média buscando, ansiosas, dentro da noite, uma mão de enforcado recente para escondê-la sob a cama e assim atrair a fortuna e a clientela.

Na mente de Michel já estavam despertar as velhas lendas: a do granjeiro de Kierbeeck, cuja casa foi construída em apenas uma noite pelo diabo; a das noivas de Bruges, que antes de consumar o matrimônio, deviam pagar uma visita aos cisnes do lago, fantasmas dos enforcados, para que protejam o leito conjugal.

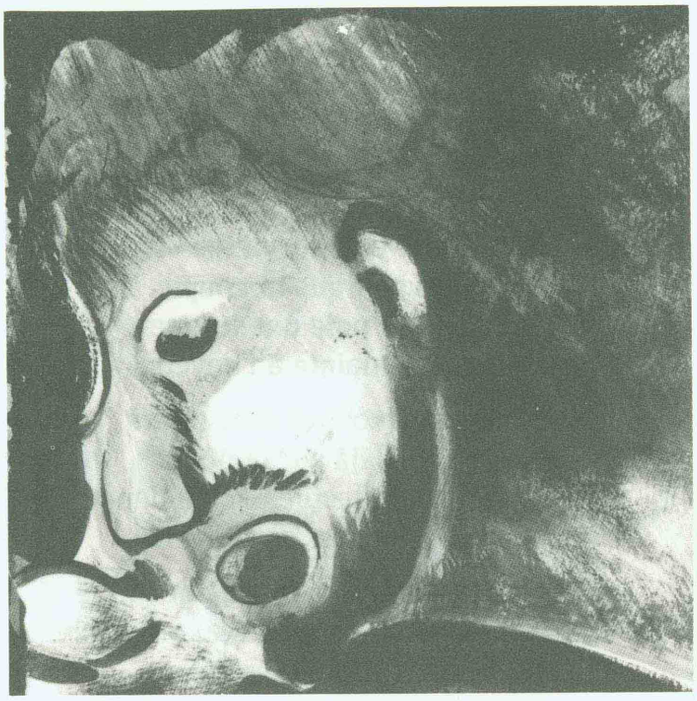
Michel chegou a Praça Grande. Essa luz que refulgia desde o extremo do sol, a mesma que enobrece os quadros dos pintores flamengos, nunca deixara de encantá-lo. Essa tarde se espelhava fria e alucinante sobre os cinzentos e os dourados das fachadas medievais, aureolava seus santos de pedra, seus monstros e suas virgens de altas frontes imaculadas.

Entrou numa taberna. Havia transcorrido muito tempo desde a última vez em que, acompanhado de um amigo estrangeiro, deambulou pela antiga praça, espetacular. Sorriu. Pediu uma cerveja. Os velhos bonecos flamengos que caíam do teto eram iguais aos do Grand-Guignol de sua infância às quintas-feiras a tarde. Aí estavam a traição, a inocência, o amor e a paixão debatendo-se. Nos remotos tempos da infância havia buscado desesperadamente, nos bastidores, ao homem que movia os cordéis e lhes emprestava sua voz. Nunca, porém, o encontrou.

Agora, em meio a taberna, se elevava, vertical, um féretro de espelhos donde ardiam as madeiras em labaredas. Michel via nelas, como se fora dentro de si mesmo, suas persistentes personagens: Felipe II, seu bufão e seu verdugo; mademoiselle de Jaîre e sua corte do inferno; Hop Signor e os mendigos; alguma vez exorbitariam, sando de seus limites, para perseguí-lo?

Ouviram-se os acordes do relógio e com eles chegou a recordação da ternura; a frágil pianista, sua primeira namorada, e ele, Michel, elevando a voz cantante com seu violino pelos cinemas de bairros de Bruxelas. Porém a realidade era remota e inexorável se comparada a magia ao alcance da mão. Bastou uma corrente de ar e o oscilar de um dos títeres para intuir o galope do Cavalo da Morte avançando. Ou seria o tilintar produzido pelas moedas de ouro do avaro e obeso e obsceno alquimista que incubava e revolvia suas esterlinas para incitá-las a procriação?

desenho de saulo



desenho de saulo

O galope fazia-se mais obsessivo. Teria razão Flolial, o príncipe de **Escola de Bufões**, quando explicava que a arte se estriba na crueldade?

Carlos V encontrou consolo apenas em seu papagaio e nos seus andróides. Contra que fantasmas pretendia preveni-lo o velho boneco da taberna? O cerco do bem e do mal era de baixa estatura. Michel tomou de uma vez a cerveja. "Pela saúde de Barrabás!", disse, tentando sorrir. Desde a parede as máscaras de Jerônimo Bosch lhe faziam acenos e sinais. O galope era cada vez mais seco e cortante, Ou seriam as correntes das cadeias molhadas em sangue que se arrastavam nos subterrâneos do Escurial?

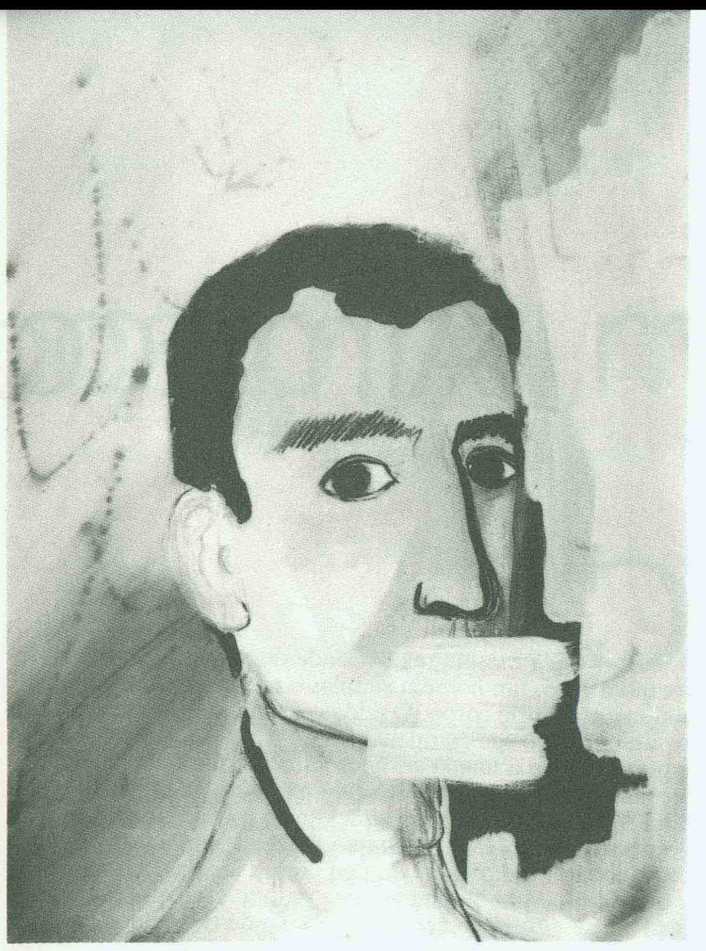
De súbito Michel reconheceu a índole de sua sede; era a mesma de sua infância e que o fazia procurar, desesperadamente, o homem que movia os cordões dos títeres, nas tardes de quintas-feiras. Como seria a aparência do cavaleiro da morte, o que administra as rédeas? Observou as caras indiferentes ou agastadas dos fregueses. Não serviam como modelos. Recorreu sua mente a galeria matizada de Brueghel o Velho. Porém Brueghel não via o mundo tal como era. Dava as costas à paisagem da Flandres, se debruçava e olhava o seu mundo por entre as pernas. Não foi nessa postura que a morte o surpreendeu?

Michel olhou a janela próxima a sua mesa. O largo crepúsculo luminoso sobrevivia as horas noturnas. Possivelmente, num crepúsculo assim, o cavalo houvesse passado diante de sua porta, na rua de la Haute, sem deter-se.

A sede voltou a persegui-lo. Necessitava a todo custo saber como seria esse rosto desconhecido. Talvez fosse essa a natureza da sede que atormentou a Barrabás. De repente teve uma certeza: aquele, num lance, também padeceu de sede; todavia, seu padecimento estava limpo de rancor porque aguardava.

O galope era, agora, ensurdecedor. E se o cavalo não tivesse cavaleiro?

Michel de Ghelderode se dispôs a esperar.



desenho de saulo

LUISA MERCEDES LEVINSON

Tradução de Franklin Jorge

O SONHO VIOLADO

É preciso que se tenha pressa com essa história, porque ela depende, exclusivamente, do tempo que se leva para contá-la.

Elsa Grau teve desejo de ver, pela segunda vez, **El Muelle de las Brumas**. Estava passando num cinema do bairro. Chegou às três e meia da tarde. Um sol pálido e úmido dava vontade de se espreguiçar. O rio corria ali por perto.

Elsa adentrou na obscuridade. Duas fitas preencheram sua espera e sua capacidade de assombro. Na segunda sessão, as tomadas se detinham com insistência insidiosa sobre um catre, usado sucessivamente por um estivador, durante a noite, e por uma mulher, durante o dia. Quando a mulher partia para trabalhar, ao anoitecer, chegava o homem, e pela madrugada chegava ela, e ele partia. E sempre a mesma tensão e a luta e a pressa por estender-se nesse catre. Aparentemente o repouso de ambos era uma trégua entre dois desencontrados disparates, porém Elsa pensou que a câmera, apesar de sua pertinácia nos enfoques, não podia jamais captar o essencial: o sonho que deveria continuar sem pausa, que não podia ser interrompido, o sonho infinito. E se esse homem e essa mulher que ao nascer e ao morrer do dia (ou ao nascer e morrer da noite) se agrediam e se golpeavam pela possessão de um colchão, não foi sem senão os instrumentos dos quais se valia esse sonho que a todo custo deveria prosseguir? Antes de terminar a projeção de **El Muelle de las Brumas**, Elsa se sentiu demasiadamente cansada para fixar sua atenção. Pareceu-lhe que o seu ser vivo havia sido tragado pela penumbra ou pela ficção e o resto, talvez o essencial, flutuava no ar poeirento e corria o perigo de ser devorado pelos espectadores. Os vendedores de pipocas a olhavam demasiado fixamente: Elsa saiu correndo.

Era noite, já. Pelo seu rosto resvalaram algumas gotas de chuva. Resultou estranho ter sensações: como sentir a vida, estando morta.

As coisas de sempre lhe pareceram novas e alucinantes: o rio, o porto, uma luz. Nesse instante era natural que descesse a escadinha até um barco, deixar-se estar sobre a coberta, olhar, e aproximar-se lentamente e olhar outra vez, um pouco mais de perto, a esse homem adormecido. Enquando os pingos de chuva seguiam gotejando o cabelo, Elsa sentiu a delícia dos fios gelados escorrendo pelo pescoço.

Elsa deu um passo e se deteve: depois outro mais: viu o que sempre desejara e sonhara: viu o sonho de um homem, um sonho vivo, de verdade, com figuras que se moviam, atuavam, obedeciam uma lei. Elsa queria saber, saber. A que destino, a que patrão obedeciam as figuras do sonho? Inesperadamente se imobilizaram; esses olhares sabiam algo dela, excessivamente. Depois uma figura agitou um braço; era um sinal. E as demais a imitaram. Chamam-na; por quê? Elsa reconheceu o ensanguentado que se agitava entre elas. Esse ensangüentado era seu, lhe pertencia, havia sido arrancado de seus próprios sonhos.

Esse grupo gesticulante não era sério, beirava ao ridículo, parecia que representava especialmente para ela. Elsa se desarmou. Deu um passo adiante. Foi o suficiente: acabara de penetrar no círculo de um sonho.

As figuras perderam o interesse por ela. O ensangüentado se transformou num lobo. Elsa ficou ali, indecisa. Havia perdido seu antigo destino e ainda não sabia obedecer ao outro.

Em seguida se foi delineando um contorno mais vazio que, afinal materializou uma forma familiar, ela, a forma de Elsa Grau, sua dimensão exata, e o contorno a envolveu, a agarrou, aprisionando-a. E se foi enchendo com seu assombro e com seu modo.

Elsa quis gritar, porém lhe faltou a voz. O contorno afogava, o seu estupor crescia... Elsa Grau soube que já não poderia sair do círculo do sonho.

E se esse homem adormecido despertasse? Talvez as outras figuras do sonho pudesse seguir seu destino sem fazer perguntas, acaso evaporar-se. Porém, Elsa, Elsa Grau...

Está aí nesse círculo de sonho que há violado; está aí, como numa armadilha, dentro dos limites de uma figura de sonho, prisioneira sem saber o que acontecerá depois.

O homem adormecido se move, está prestes a despertar. Falta alguém que o substitua, alguém que e ponha a dormir, logo, logo, e continue o sonho.

Elsa tem medo. Um interrupção até onde poderia levá-la? Prossiga você o sonho, por favor. Pense que isto de violar um sonho é algo que poderia acontecer a qualquer um, até mesmo a você.

Luisa Mercedes Levinson *é argentina. Autora de vários livros, escreveu* La Hermana de Eloisa, *a quatro mãos com Jorge Luis Borges.*

Franklin Jorge *reside no Rio Grande do Norte. Ensaista e poeta, possui vários livros publicados.*

Almoço

Com a mesma regularidade de todos os seus atos, Joaquim José, um homem simples e normal, sentou-se para almoçar o próprio corpo. O relógio da sala marcou doze horas. A mulher viu o seu companheiro de trinta anos colocar sobre o prato branco a língua entre escura e vermelha que ele recém-cortara com gesto decidido e rápido. Se estranhou, não disse. Olhou, porém, para aquele mastigar de sangue, e acompanhou o olhar sereno que desceu sobre a faca, o garfo e o alimento, e depois se ergueu para a janela do fundo e o que ficava além da janela, uma parede caiada. Enquanto isso, ela se indagava mansamente quando devia lembrar ao homem a salada de alface, pepino, tomate e repolho cortado, que ele pedira antes de sair para o trabalho.

Escutava-se o constante ruído de carros na rua em que moravam há muitos anos. Por ser casa baixa e de velha construção, algumas vezes os carros entravam pela parede da frente, dispensando a porta azul e as duas janelas de caixilhos verdes, como se também fossem esses veículos de metal parte dos tijolos, do barro, da cal e das tintas que a completavam. Mas não causavam perturbações (advertia-se a mulher), mesmo porque logo eram retirados, sendo a parede também logo recomposta, tal o nascer das coisas e o seguir das águas.

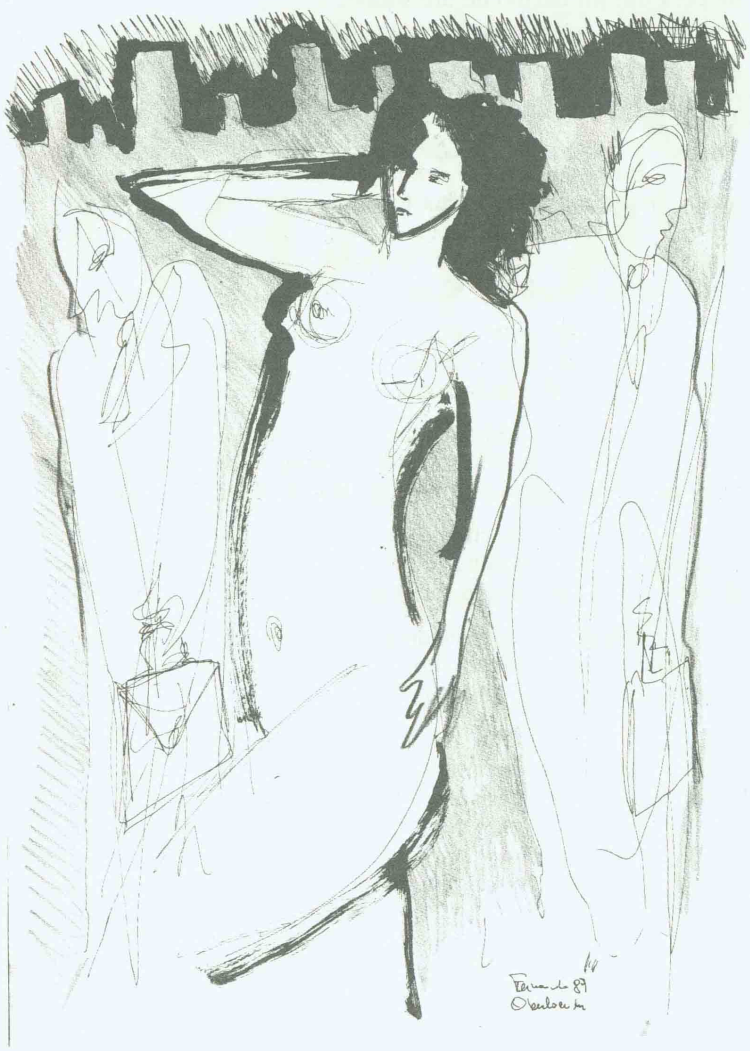
Terminada a língua, como se escolhesse outra papelada burocrática, Joaquim José aspirou o ar, longa e respeitosamente (era homem moderado) e cortou o nariz no ponto de intercessão com o lábio superior. Fez-se logo outro homem, pois o bigode castanho desapareceu sob a fenda vertical aberta no rosto.

— Não quer a salada? indagou a mulher.

Ele suspendeu o garfo com a ponta do nariz e esboçou um sorriso leve. Ela considerou aquiescente. Todavia, reparando a mesa de oito lugares em todo o seu comprido esplendor, notou a falta do saleiro — ah, um vazio inexplicável na seqüência completa dos utensílios que faziam o café da manhã, o almoço e o jantar, os bons e seguros companheiros da vida, iguais à cama, ao guarda-roupa, ao fogão e às panelas compradas no dia mesmo em que firmaram a data do casamento.

— Já trago o sal, disse a mulher.

Levantou-se, vigorosa e eficiente, e foi buscar na cozinha o saleiro em forma de ovo, aquele bonito saleiro que recordava o Natal com os filhos e os netos. Foi rápida. Mas, ao voltar, muito calma observou que o seu homem já se reduzira a um abraço — por sinal, o direito — embora prosseguisse no trabalho de se alimentar, firme e pertinaz, como sempre fora em tudo de sua existência.



desenho de fernando oberlander

LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES

posto na mesa

Joaquim José estava agora sem os olhos, as orelhas e o braço esquerdo.

— Está comendo muito depressa, Quincas — alertou, afetuosa, mas com alguma preocupação.

No mesmo instante dois carros entraram pela parede da casa. Já eram conhecidos, de modo que não perturbaram a honesta mesa do casal. Sem perder o ritmo, Joaquim José trouxe para o prato o pé direito, um pé direito que sempre o atormentara, por ter joanetes e cravos na planta.

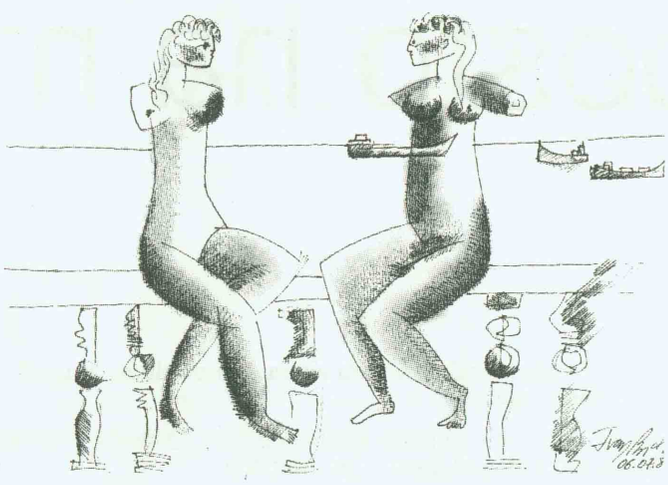
Era mais de meio-dia. Devia estar fazendo nos altos o sol forte e brilhante de todos os janeiros (não precisava verificar). Concluindo, porém, que o homem nascido de suas entranhas consumia-se e se transformava em boca que mastigava abaixo e acima do nada — exclusivamente boca — pelos lugares vazios, o sal, o pão, o paliteiro, as facas, os garfos, as colheres e os pratos no convite normal, lá para as tantas ela também achou que era hora de se alimentar. Mas não começou pela língua, como o homem, e sim pelo escondido do seu meio, porque recordava a mãe avisando que ali estava o começo e o fim.

***Luis Henrique Dias Tavares** é professor, historiador, cronista e contista. Na ficção publicou* O Senhor Capitão e a Heróica Morte do Combativo Guerreiro.

desenho de fernando oberlander



desenho de ivan brandão



COMÉDIA MEDIÚNICA

Astronomia era a minha legítima vocação. Meu pai, homem grave, quis-me para o Direito. Estudei dois anos e cansei. Compulsando jurisprudência, vi-me menos bacharel em preparo, segundo era desejo dele, e mais jogral pelas injunções do desagrado. Brincava com os tratados, transformando-os em anedotas, pois anedota me parecia tudo aquilo.

A primeira vez que de público se mostrou a minha jocosidade, em festa dos rapazes do segundo ano, teve a apadrinhá-la o parecer favorável de um colega de Faculdade: "Teotônio, você é a mais brilhante vocação de palhaço que já vi em minha vida". Quem não cobraria alento ante consagração tal, sabendo sensato e bom juiz o Diogo Novais? Passando perto da cidade nessa época, lá para os lados da Boca do Rio, um "pano-de-roda", tornei-me palhaço de circo e recolhi os primeiros salários do meu fazer-graça. Antes sisudo e severo, não me custou contrair no picadeiro, de uma vez por todas, o hábito da galhofa.

Está dito por que se deu a minha tragédia.

Parte do tempo andava engajado em circos, ganhando o pão com o suor do meu riso. A outra parte, quando estava na cidade, passava nas redações dos jornais, de onde recolhia os trocados, como corretor de anúncios. A bem da coerência profissional, ou — se preferirem — por força do uso do cachimbo, apresentava-me exatamente como se estivesse no picadeiro:

— Respeitável público, boa tarde!

Mas esse respeitável público, a gente de jornal, não ria, apenas murmurava:

— Olha ele aí! Chegou! — Voltavam às suas máquinas, sentava-me e calava-me.

Certa feita, encontrei fechada a carteira de polícia do **Diário da Bahia**. Não viera o Carvalhal, homem trancado e distante, que sempre me desgostara. Disse então, indicando a banca vazia:

— Que é feito dessa toupeira?

Coube a Mendes responder. Mendes, redator da Assembléia e colunista político, fê-lo sem levantar os olhos das laudas que escrevia:

— Que toupeira?

— O Carvalhal. O imbecil do Carvalhal.

— Que imbecil?

— Ora, o Carvalhal.

— Então não sabe? — resmungou, erguendo-me uns olhos carregados.

— Que posso saber? Só sei que amanhã se pode ler o **Diário**. O Carvalhal não escreve...

— O Carvalhal está morto, palhaço! — gritou Mendes, em fúria. Mataram o Carvalhal e você a tripudiar na dor alheia. Se lembra da viúva e dos órfãos do pobre homem. Vá cantar em outra paróquia. Me deixe em paz!

— Mataram o Carvalhal? Não acredito!

Mendes parou a máquina, encarou-me demoradamente e fez a seguinte declaração, pausada e peremptória:

— Seja menos palhaço na vida real, seu... Agora que está morto o Carvalhal, você ri. Quando vivia e lhe punha os cornos à vista de todo o mundo, você vivia a bajulá-lo, aqui mesmo, nesta sala. Sem pudor!

•••

Soube assim que Mariúcha me traía. Quando soube, já morto era o comparsa, irremediavelmente impune na lápide tumular. Calei a injúria e expulsei a mulher.

Esmagado pela vergonha, andei meio mundo, ajuntei certo cabedal fazendo rir tabaréus em lugarejos à margem das estradas. Mas afinal, sentindo impossível afastar-me da terra ingrata, pátria de Mariúcha e das minhas dores, a ela retornei e passei a exibir-me em **shows** de boates, com a perfeita sensação de estar expondo uma fera de conformação rara. Os esgares de gozo das platéias, crentes na vesga fisionomia das minhas faces públicas, entregavam-me o mais perfeito retrato de mim mesmo: personagem de tragédia sem grandeza, arlequim clássico. Tinha também os seus méritos o emprego: não deixar-me noites ociosas para sofrimentos, nem conhecerem-nos os colegas, os músicos dos conjuntos. Saía das boates já dia claro e se era certo que, longe, perdida na cidade, Mariúcha dormia ao lado de outro, minoravam-me a fúria os lenitivos do desembaraço e da ausência.

O tempo, nada obstante, mandou prevalecer o inevitável. Mariúcha voltou a interceptar-me os passos no último dia de um Carnaval. Tornei a vê-la não foi em outra parte; vi Mariúcha lá mesmo, no cabaré onde estava trabalhando, o Tabaris, tendo Mendes a seu lado e sobre a mesa um champa-

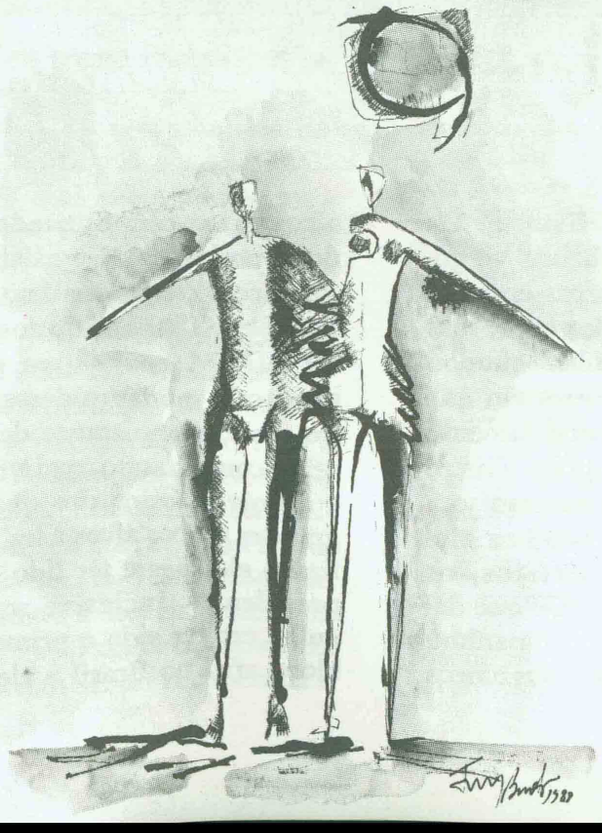
NELSON DE ARAÚJO

nha consumido pela metade. Era ela, não havia dúvida, pois quando a fitei, repetiu o seu bem conhecido gesto de demorar olhando sem nada ver. Ou não era ela? Era ela, sim, e tudo via. Eu é que insistia em enganar-me. Assim que a cumprimentei, voltou o rosto para Mendes e levou a taça à boca. Mariúcha descia a rua da mais consumada amargura, estava escrito no seu rosto prematuramente envelhecido.

Pensam que matei Mariúcha? Enganan-se. 1º) Todo ser humano tem direito à vida, ainda que desonrada ou desonrosa. 2º) Não sou chegado a matar, mato tão-só na imaginação; repugnam-me as cenas violentas. Fiz melhor. Privei o rival da sua presa, impetrando e conseguindo o perdão de minha mulher, numa noite em que apareceu sozinha no Tabaris, sabe-se muito bem fazendo o quê, pois a tal profissão se entregara e nenhuma outra cabia em tal lugar. Recuperamos o nosso apartamento do Rio Vermelho, deserto durante a separação, recolocamos as gaiolas às janelas e as plantas nos cantos da sala. Esquecemos o passado. Hoje, Mariúcha ri de Mendes, pondo-lhe em ridículo a obesidade e o começo de calvície.

Direi somente que foi a desventura, mestra da vida, que atraiu Mariúcha para os mistérios do Além, mistério que a ela trouxeram conforto e repouso e a mim afundaram-me no mais embaciado poço de angústias que ao homem é dado imaginar. Durante a minha ausência, Mariúcha travara amizade com uma costureira de profissão, que nos seus ócios comandava uma sessão espírita, das mais frequentadas pela gente fina. Quando a vida voltou a ser conosco o que outrora fora, decorridos alguns meses de reconciliação, minha mulher tudo fez para conduzir-me a esse banquete de edificação e paz. Tantas e tão convincentes foram as suas razões, que transpus com ela a soleira da sala doméstica improvisada em sala de trabalhos de mesa, de instalação de "aparelhos". Abriu-se a sessão com uma notícia para mim assombrosa:

— Está presente o espírito do irmão Carvalhal!



desenho de ivan brandão

Extinto em noite de farra, sob a adaga de um desafeto, Carvalhal, o meu inimigo, voltava ao mundo firmando-se nas enxúndias da dona da casa — eis o que acontecia, para espanto meu. Seu, definitivamente seu, era o vozeirão que de canto a canto enchia a peça:

— Calúnia, Teotônio — era a mim que interpelava o falecido. Calúnia pura! Tua mulher é honrada. O dedo da malícia penetra no mais virtuoso dos corações. Conserve no lar a tua inocente esposa, como está fazendo. Perdoa aqueles que quiseram macular a tua honra. O nosso Guia ensina o perdão!

Disso à conversão foi um salto. Empenhei todas as minhas forças em fazer avançar a causa do bem, dei adesão ao mais fervoroso dos espiritismos. Fiz propaganda, promovi espetáculos de benefício. E quando a nova crença já era carne da minha carne, ocorreu outro acontecimento não menos extraordinário. Aconteceu depois que o meu instrutor desejou-me fora do ofício de palhaço e colocou-me como funcionário da Prefeitura, porque o fazer graça me estorvava as forças mediúnicas, conforme havia ele advertido.

Com efeito, foi como ele disse. Tendo abandonado as boates, para lá nunca mais voltar expandiram-se dentro de mim, com rapidez espantosa, as potências astrais. Passei a sentir estranhos comichões à flor da pele, a ouvir vozes, a ver vultos. E foi assim que, apenas saído da mesa do jantar, senti-me, numa daquelas noites, como se de repente houvesse contraído uma gripe, estando lá fora, todavia, o verão pleno. Recolhi-me ao leito, tiritante; nada mais vi, nada mais soube, senão que fortes convulsões me agitaram a carne antes do sono e que a espinha dorsal se me revestira de gelo debaixo dos cobertores. Não devo esquecer também a névoa que me encheu a vista, afogando-me, paralisado, dentro da sua substância de sonho. Acordei dia claro, com Mariúcha desperta ao leito. Minha mulher queria saber se o aparelho estava desocupado:

— Que aparelho? Seja clara.

— Pois não sabe?

— Não sei. Adormeci? Perdi a consciência? Que houve afinal?

— Nada, nada. Você agora é médium de incorporação.

Justifico o meu terror: imaginem como se sente um homem que tivesse deixado de ser ele próprio, para dar voz a pensamento de outro, para agir em concordância com uma vontade alheia, para atender aos caprichos de um visitante absolutamente forasteiro, não um conviva comum, de cama e mesa, mas um hóspede absorvente, total, hóspede de corpo e alma. Que fizera, que dissera, como me portara — aí estava o cerne espinhoso das minhas dúvidas.

— Quem veio? — balbuciei ao cabo, apresilhado no medo. Não vi nada, não sei de nada, nada em absoluto. Falei dormindo? Quem veio?

Mariúcha suspendeu a coberta até o nariz, voltou-se para a parede e bocejou em surdina.

— Carvalhal — disse e adormeceu.

Nelson de Araújo nasceu em Sergipe, 1926. Teatrólogo e contista, publicou, entre outros, História do Teatro, Três Novelas do Povo Baiano.

JOÃO JORGE S. RODRIGUES

O ORGULHO, A TRAJETÓRIA, A HISTÓRIA, O PODER, A DINASTIA

De 1979 para cá o país mudou. Todo o Brasil percebeu o quadro de mudanças substanciais, na sensação de caos que a Comunidade Negra experimentava anteriormente. Surgia no cenário das forças da sociedade o *ORGULHO* de ser /pertencer ao OLODUM. Nunca os negros da Bahia tiveram tanto orgulho de si mesmos. Com o OLODUM, todos os seus desejos passaram a ser realizáveis e foi assim que *foi transformada* a comunidade negra e pobre do Maciel, Pelourinho, em um bairro com as pessoas andando de cabeça erguida e lutando por um mundo melhor. A incansável e laboriosa atividade social do OLODUM com as crianças, com os adultos e isenta de qualquer tipo de discriminação, elevou o Pelô à condição de CENTRO CULTURAL irradiador de um novo homem e da recuperação da sua dignidade. Essas pessoas foram marcadas e impulsionadas por exemplos fantásticos como os de Cuba e sua luta pela liberdade, o do Egito e seu esplendor, o de Madagáscar com a força da Rainha Ranavalona e a verdadeira história do Rastafarianismo com a Núbia Axum e a Etiópia.



Até 1984 a pobreza na estética de todos os blocos Afros, inclusive o próprio OLODUM, era notória, apesar de representarem a cultura africana, tão rica em formas, cores e conteúdo. Entretanto, a inquietude, a pesquisa, a busca e vontade de colocar em prática o que foi assimilado pelo OLODUM mudou isso. Deu-se esplendor à nossa própria História. Os carros de som faziam vergonha, os blocos afros eram os primos pobres dos trios, mas o OLODUM também mudou isso. Nas duas vezes em que participou do encerramento do carnaval, na praça Castro Alves, falou no mesmo tom que os demais, recebeu elogios dos demais trios, os aplausos da multidão que delirantemente o acompanhou até o fim do cortejo. Os blocos afros eram despolitizados e desorganizados. Não existiam de direito, não realizavam eleições. Tinham donos. O OLODUM, mais uma vez, provoca a mudança desse outro vício, organizou-se de direito, com estatuto, regimento e é hoje o único dos quatro grandes blocos afros a ter realizado eleições e ter tido três presidentes, inclusive se orgulha em ter sido o primeiro bloco afro no Brasil a eleger

uma mulher negra para presidente.

Os blocos afros, com raras exceções, estavam sempre servindo de currais eleitorais para a direita que oprime o povo e o negro, mas o inquieto OLODUM novamente muda isso, passando a atuar junto com as forças progressistas do país, tendo sido, na campanha de 1988, o único dos quatro grandes blocos afros a participar publicamente de um evento do PT, em Salvador. Os blocos afros expressavam suas idéias através de negrólogos, o OLODUM pesquisador mudou isso. Criou-se um literatura própria para expressar nossas idéias através do JORNAL DO OLODUM (o único jornal de uma entidade político-cultural permanente desde 1984 com 5.000 exemplares semanais. Em ação conjunta com a ENUGBARIJÓ (RJ) o furacão OLODUM tem feito o registro das imagens do OLODUM por onde passa, semeando as suas idéias. A marca do OLODUM está umbilicalmente ligada à música, algumas delas explêndidas, tais como: FARAÓ, MADAGÁSCAR OLODUM e PROTESTO DO OLODUM. Nessa área, além do rebuliço no conteúdo das letras, a criação do samba-reggae (Neguinho do Samba), pelo OLODUM, provocou uma alteração dos ritmos. Aos poucos, o OLODUM está constituindo para o negro, espaços concretos de poder, alguns internos, pois fomos o primeiro bloco afro a ter, a nível organizacional, um Conselho Consultivo. No nível externo, as vitórias são ainda visíveis: Hoje o Pelô é foco de atenções do Governo Federal, Estadual e Municipal, sem a retirada dos moradores locais. Reduziu-se ao mínimo a violência policial na área. A história do povo da área vem sendo recuperada e promovemos o bem estar e o desenvolvimento da área do Maciel-Pelourinho, realizando cursos, debates, seminários, ensaios, trazendo milhares de pessoas ao Centro Histórico.

E por tudo isso que nós do OLODUM estamos felizes de fazer 10 ANOS de luta, de resistência, de criatividade, de alegrias e de tristeza, transformamo-nos em uma *DINASTIA LIBERTADORA*, a serviço do bem comum e dedicamos este grande momento do OLODUM àqueles que já foram embora e transformaram-se em Faraós na Eternidade. Se alguém perguntar quem somos nós e o que fazemos, diremos apenas que somos os descendentes dos Quilombos dos Palmares, os descendentes da Revolta dos Búzios, os descendentes da Revolta dos Malês — chamados pelo povo de OLODUMARÉ e que desejamos apenas três coisas:

LIBERDADE,
IGUALDADE,
FRATERNIDADE.

A cidade do Salvador tem uma relação com a cultura muito mais forte do que a gente às vezes pode imaginar, só que durante a nossa história a cidade do Salvador sempre negou aos nossos filhos o direito de falar dessa cultura. A cultura oficial da cidade do Salvador sempre foi a cultura da opressão, sempre foi a cultura dos vencedores, é por isso que esta CASA não tem tido a tradição de celebrar aqui dentro alguma coisa que diga respeito aos Tupinambás, porque os Tupinambás, que construíram essa cidade, foram dizimados por uma guerra genocida. É por isso que esta CASA não tem por hábito homenagear entidades do Movimento Negro, porque a Comunidade Negra que construiu essa cidade inteira, pedra do pedra, igreja por igreja, continua alijada de poder participar ativamente de um processo que deveria ser civilizatório. Mas em 1989, nós poderíamos dizer que, ao invés de ser um processo civilizatório o que nós assistimos hoje na cidade do Salvador, no que diz respeito à cultura, no que diz respeito à educação, no que diz respeito à política de uma forma geral, é um processo genocida, é um processo de deixar de fora dos direitos mínimos para qualquer povo civilizado, 1.600.000 pessoas que vivem nessa cidade. Estas 1.600.000 pessoas são negras e seus descendentes, e também descendentes de índios, que não têm o mínimo que qualquer nação civilizada tem. Aqui nessa cidade o salário mínimo é de 40 dólares. Angola, que é um dos países mais subdesenvolvidos do mundo e é tido assim como tal, o salário mínimo é 100 dólares, ou seja, nós, através dessa política salarial, continuamos matando o nosso povo de fome. Mas o GRUPO OLODUM está vindo aqui hoje para celebrar junto com os atuais Vereadores da cidade do Salvador, a marca dos 10 anos da nossa atividade, uma entidade negra que, assim como muitas outras nessa cidade, nasceu sob o signo de combater o racismo, mas soube crescer nas nossas atividades e esse país mudou. De 1979 para cá, o Brasil mudou como muitos países não mudaram e todo o Brasil percebeu o quadro de mudanças substanciais para a comunidade negra e surgiu no cenário dessas forças o orgulho de ser do OLODUM, de pertencer ao OLODUM. Nunca antes os negros da Bahia tiveram tanto orgulho de si mesmos. Com o OLODUM, os nossos desejos passaram a ser realizáveis e foi assim que foi transformada a Comunidade Negra do Pelourinho, em um bairro com pessoas andando de cabeça erguida e lutando por um mundo melhor. A incansável atividade do OLODUM gerou fatos novos, nós trouxemos para a história dessa cidade alguns elementos que ela mesma não conhecia. A relação dessa cidade com o Egito, a relação dessa cidade com Cuba, a relação dessa cidade com Madagascar, a relação dessa cidade com a Etiópia, a relação dessa cidade do Nordeste com o deserto de Saara e dizemos isso cantando.

Eu compreendo até porque no dia de hoje, muitos dos 33 Vereadores não estão aqui presentes e alguns deles ligados umbilicalmente à cultura da cidade do Salvador, alguns deles até umbilicalmente ligado à música na cidade do Salvador; é porque tratar da cultura significa tratar do todo, e às vezes para nós é melhor tratar das partes. O principal gênio político do nazismo, Conde Gobineau, toda vez que se falava a palavra cultura, ele pegava na arma.

Na cidade do Salvador, para que o OLODUM pudesse ocupar todas as ruas da cidade, cantando, muitas vezes tivemos que enfrentar a violência policial de uma cidade que não respeita a cultura do outro. E eu acho que é muito importante prá gente estar aqui hoje, não ten-

do tanto tempo quanto os Filhos de Ghandi: 40 anos; não tendo tanto tempo como o Ylê: 15 anos, não tendo talvez tanta expressividade como outras entidades, mas estamos aqui para dizer que a cidade do Salvador precisa, precisa reconhecer no OLODUM, nos nossos filhos, nos nossos netos, guerreiros combativos, guerreiros de uma mensagem de paz, esperança e de um novo mundo.

Nós somos abusados mesmo, cobramos mesmo, exigimos mesmo, porque temos autonomia política para fazer isso. Até bem pouco tempo atrás, era comum as entidades negras desta cidade, servirem de currais eleitorais para a extrema direita e para a direita. Era comum as entidades dessa cidade servirem de passos eleitorais para a dependência de políticos passageiros.

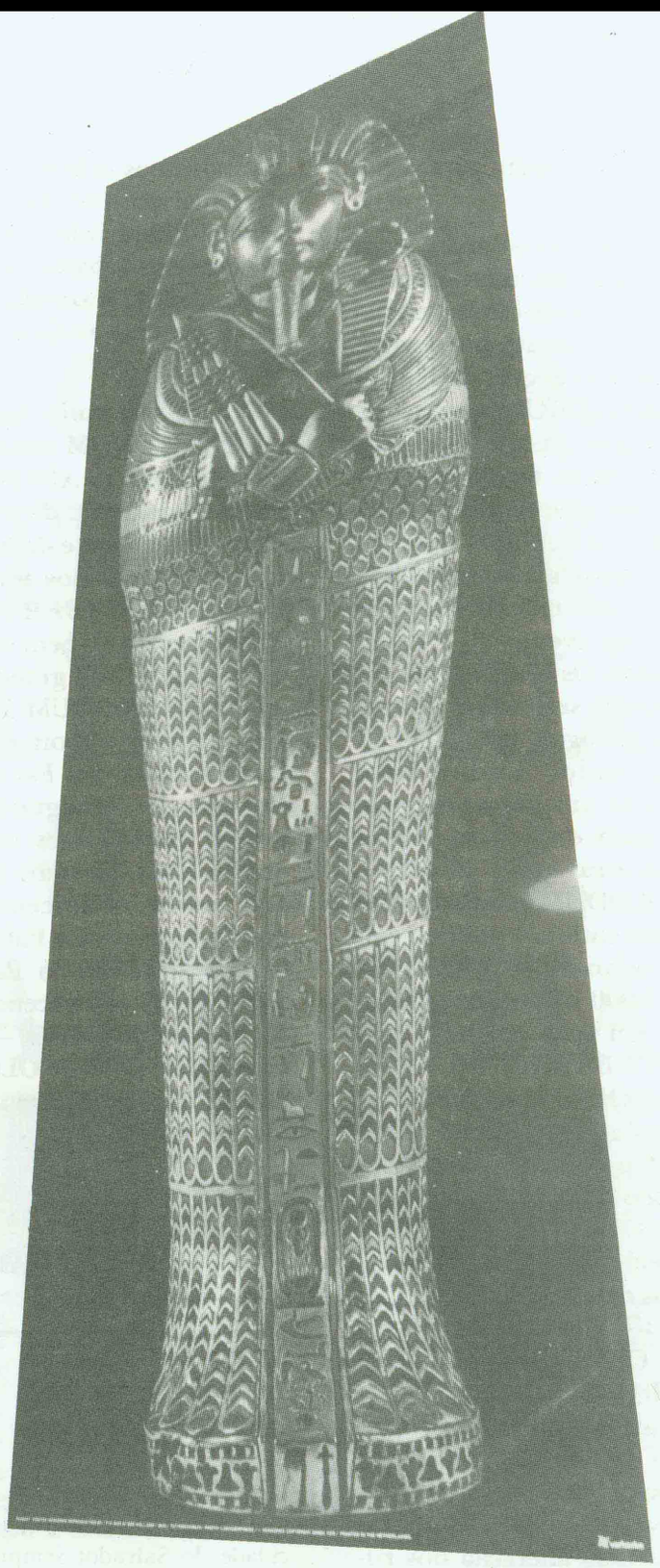
Foi o OLODUM que começou a mudar isto. Nós temos posição política e tomamos essas posições políticas. Assumimos o peso, o ônus, o brilho, a vantagem e a desvantagem disso.

Mas nós entendemos que as entidades negras nasceram e surgiram para serem independentes. Para atuarem politicamente, sim, junto com as greves dos trabalhadores, junto com as reivindicações dos morados dos bairros, junto com as necessidades do povo brasileiro.

Se nós tivéssemos que formar um bloco negro, um grupo negro, para apenas servir de cavalo, de burro, de instrumento de locomoção para políticos passageiros, nós não viríamos aqui hoje, não estaríamos nas ruas fazendo o que estamos fazendo.

E, em nome da Diretoria do GRUPO OLODUM, quero agradecer a todos os Vereadores aqui presentes, alguns companheiros de batalhas, há muito tempo, companheiros de jornada de muito tempo e que, acredito, deverão continuar a ser por um período muito longo, porque nós não acreditamos que os graves problemas que essa cidade, tem, que o estado tem, que esse país tem, sejam resolvidos sem que a sociedade civil participe ativamente da discussão de tudo que diz respeito à cidade, e eu acho que é na área da cultura que nós podemos encontrar soluções permanentes, para essa crise civilizatória.

Se alguém quiser dizer para todos nós que a crise do Brasil vem com a ditadura militar, nós diremos a vocês que é mentira; se alguém disser que a crise vem apenas com a Nova República, nós diremos que é mentira. A crise do Brasil é uma crise civilizatória; ela tem o mesmo tempo da chegada dos Portugueses aqui, para invadir esse país, para saquear a mata atlântica para tirar o ouro, a prata, e pagar a primeira dívida externa que esse país contraiu. E para fazer isso, foi preciso exterminar ou tentar acabar com a população indígena e foi preciso transportar nos navios negreiros a população negra que hoje é majoritária nesse país. Nós não queremos de, forma alguma, que se continue a exaltar, de uma forma exótica, a cultura negra da cidade do Salvador. Nós nos cansamos de ser endeusados como figuras exóticas e não podermos participar politicamente desta cidade que nossos antepassados construíram.



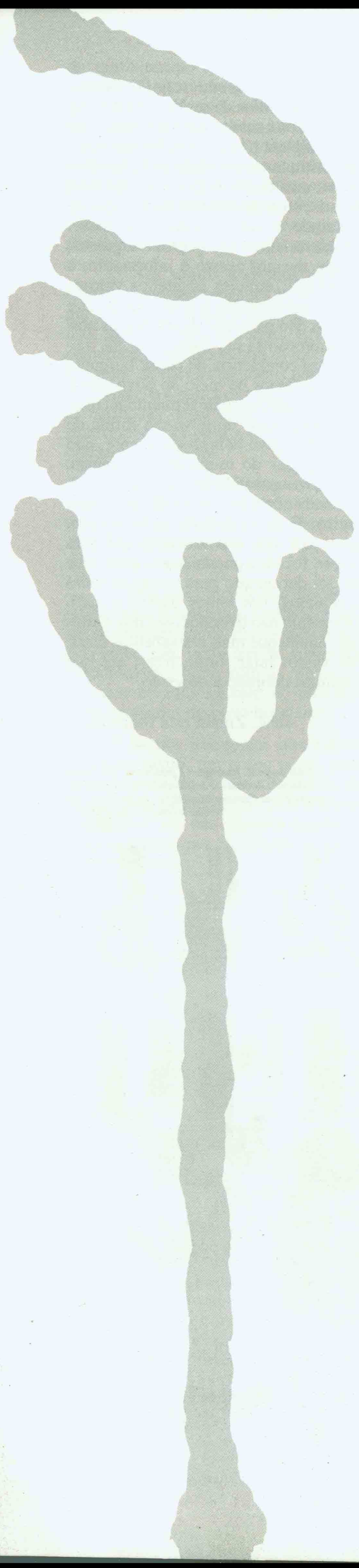
Algumas pessoas fazem tudo para negar a oportunidade de entrar para a história, nós não, fazemos de tudo para entrar para história, nós não pedimos nenhuma benesse à cultura oficial, nem precisamos nos legitimar com um discurso dócil, ou fácil; nós deixamos isso para que alguns poucos façam. a nossa tarefa é histórica, nós somos descendentes do Quilombo dos Palmares, nós somos descendentes da Revolta dos Malês, nós somos descendentes da Revolta dos Alfaiates, nós somos descendentes dos terreiros de camdomblé. Nós não podemos negar nem um minuto à essa história, mesmo que quiséssemos, nós deveremos entrar no ano 2.000 travando um combate duro dentro dessa cidade, para que o racismo, para que o machismo, para que todas as formas de opressão deixem de existir. Nós não queremos mais que essa Praça Municipal, fundada há quase

400 anos, continue a ser palco de rebeldia como foi pela Revolta do Chinelo em 1852, como foi pela Revolta das Aguadeiras em 1873. A cidade do Salvador se cansou de quebra-quebra, no último que teve, em 1981, um negro morreu na Liberdade, porque são os negros que pegam transportes urbanos em nossa cidade, são os negros que não têm acesso à água, à luz à urbanização e eu acho que Salvador precisar tomar vergonha, precisa deixar de ser capital negra da América, a cidade mais africana do mundo ocidental e ser a cidade européia na cultura oficial, ser a cidade mais branca nas idéias, na expressividade dos nossos representantes, nós precisamos ser aquilo que o nosso povo é na rua, que as crianças abandonadas do Pelourinho e do Maciel são, na rua. Se alguém pudesse renascer da guerra mundial, nós diríamos que no Maciel e Pelourinho houve um bombardeio de Berlim, as casas aonde eu quando criança ia comprar carvão, não existem mais, ruas inteiras; só existe agora o chão e um pouco de erva que cresce em cima desse chão. Tentaram destruir o útero dessa cidade, para fazer daqui, uma New York forjada, uma nova Los Angeles, porque essa cidade não queria ver a si mesmo com ela é. E foi no bojo dessas contradições, que uma parcela desse povo surgiu em nome do OLODUM, vestido como OLODUM, pensando como OLODUM, pensando como OLODUM, nós somos talvez uma Tenda dos Milagres moderna, um bando de prostitutas, ladrões, homossexuais, intelectuais, pequenos funcionários, que querem mudar essa sociedade, que desde a história de Jorge Amado ainda é a mesma; a cidade dos doutores, das faculdades de direito, de medicina, faculdade de medicina extremamente racista, geradora das idéias de Ninas Rodrigues e frequentadores dos bordéis. A cidade de Salvador é frequentadora de bordel, tem sido assim em todas as nossas gerações, foi assim comigo e está sendo assim com nossos filhos; nós somos bastante puritanos, mas fazemos a nossa vida política, principalmente dentro dos bordéis, mas essa mesma cidade se atreveu a chamar um pequeno espaço dela, de zona de prostituição, de zona de marginalização, de zona de tráfico, uma cidade prostituída nos seus valores máximos, não pode imputar a uma população ou uma parcela dela, aquilo que é do conjunto da sociedade, ou essa cidade não é da corrupção? não é dos escândalos? não é da ausência? não é das negociatas? Nós gostaríamos de ser mais brandos, mais suaves, nós gostaríamos de ser como luva de pelica, mas a angústia e a ansiedade desses momentos de incerteza pelos quais nós também vivemos, não nos permite isso. Nós criamos o orgulho de ser OLODUM, nós sentimos hoje extremamente orgulhosos de ser do OLODUM, nós criamos também uma trajetória que hoje completa 10 anos, nós fizemos história e instituímos um poder popular alternativo, mas também criamos uma nova dinastia, uma dinastia libertadora que está traindo a sua consciência de classe. Nós deveríamos ser negros burgueses, porque tivemos acesso à informação, à tecnologia, aqueles pequenos valores que a universidade e a escola de 1º e 2º graus dão para que alguns negros possam lutar contra sua classe, mas nós traímos essa consciência de classe burguesa e nos fundimos no meio do povo passamos a ser um pouco de fermento na massa, para emergir de novo em forma de povo; não povo demagogicamente, não povo apenas do momento passageiro, mas povo consolidado. Nós não queremos nada que não seja aquilo que temos direito. E nesta cidade, nesse estado, nesse país nós, nós sentimos que pelo sangue foi derramado aqui, pelo suor que foi derramado para constiuir todas as riquezas, nós temos direito a tudo. E enquanto não tivermos isso, nós vamos fazer aquilo que mais nós sabemos fazer. Nós vamos lutar, lutar, lutar, até que tenhamos dobrado a opressão.

Aché, Zumbi está vencendo.

__João Jorge S. Rodrigues__ é presidente do Grupo Cultural Olodum. O texto aqui reproduzido foi proferido na Câmara Municipal do Salvador, em sessão solene no dia 25/04/89.





Pesquisa

Em março/abril/maio a Pesquisa e Documentação, em suas atividades técnicas, realizou levantamento, seleção e arquivamento com matérias sobre Mestre Pastinha, Glauber Rocha, músicas adaptadas e bibliografia de autores baianos que escreveram sobre Jorge Amado. Na pesquisa externa, alunos de Universidades baianas e Colégios do 2º grau utilizaram do acervo.

Maio

Dia 11, Sérgio Sant'Anna lançou na Fundação Casa de Jorge Amado, às **17h,** seu mais novo livro, **A Senhorita Simpson.**

Do **dia 30 ao dia 8 de junho,** no Palácio Rio Branco, Praça Municipal, foram expostas sessenta **gravuras búlgaras** contemporâneas, como primeiro evento do convênio entre a Fundação Casa de Jorge Amado e a Fundação Ludmila Jivkova, da Bulgária.

Junho

Dias 15 e 16, às 19h, na Fundação Casa de Jorge Amado foi realizado o **Seminário Capoeira de Angola — Resistência Negra,** tendo como temas: A Herança do Bantu na Capoeira de Angola; A Descaracterização da Capoeira de Angola; A situação dos Velhos Mestres. Durante o evento foram apresentados vídeos, slides e uma exposição sobre a Capoeira.

De 20 a 22, no Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, com apoio da Fundação Casa Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Fundação Joaquim Nabuco, Fundação Augusto Franco, realizou-se o **Seminário Nacional Tobias Barreto.**

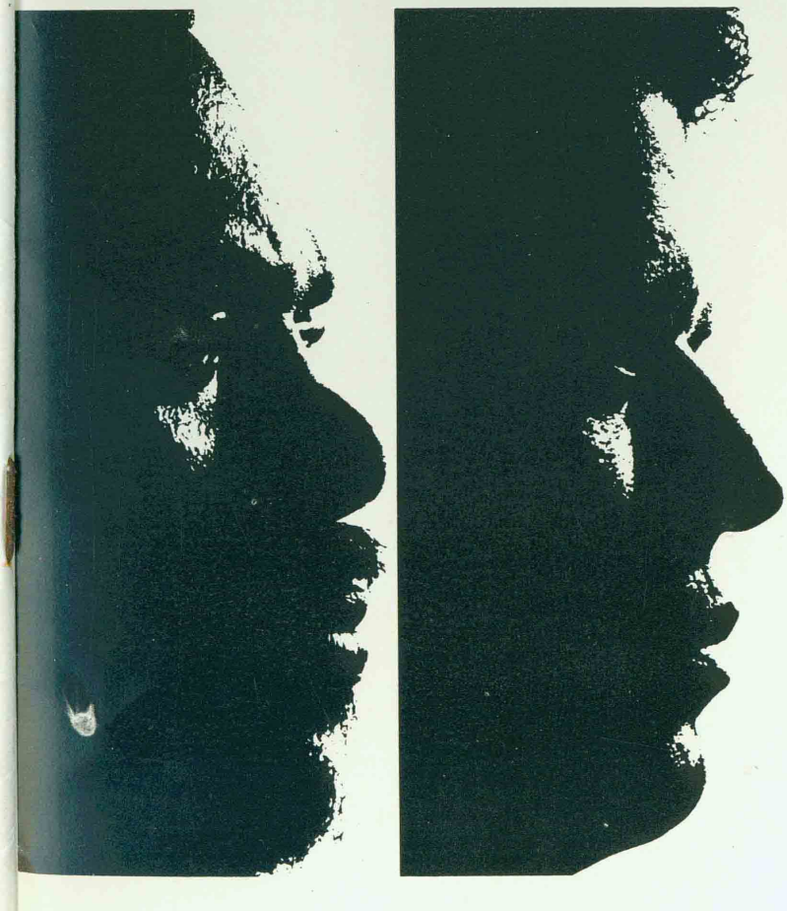
A Programação da
Fundação Casa de Jorge Amado
tem Apoio Cultural

FBB
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

A PREVIDÊNCIA MUDOU. PAGUE PRA VER.





A nova Constituição inaugurou um novo tempo para a Previdência. Um tempo de justiça social e de distribuição da renda onde a palavra-chave é igualdade para todos os brasileiros.

É esta dívida social que a Previdência está resgatando agora, ampliando seus benefícios, modernizando o atendimento e facilitando a vida dos segurados.

Hoje, os valores das aposentadorias e pensões, que estavam defasados pela inflação, foram corrigidos: equivalem agora ao mesmo número de salários-mínimos da época em que foram concedidos.

O atendimento também mudou. Cada pensionista recebe seu benefício sem filas, na agência bancária mais próxima de casa. E ainda uma grande novidade: agora a Previdência é um direito de todos os brasileiros.

Mas para que essas mudanças aconteçam, é preciso que todos paguem a contribuição previdenciária.

Só assim a Previdência vai ter recursos para saldar sua dívida com a comunidade, levando o bem-estar a todos, sem exceção. Faça a sua parte.

Pague à Previdência.

PREVIDÊNCIA MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

IAPAS INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

GOVERNO FEDERAL

TUDO PELO SOCIAL

NÃO QUEIME A VIDA



NINGUÉM PRECISA QUEIMAR PRA PLANTAR.

Os que fazem queimadas precisam saber que são assassinos da própria vida. Os assassinos da natureza estão acabando com as nossas florestas, as nossas aves, os nossos animais.

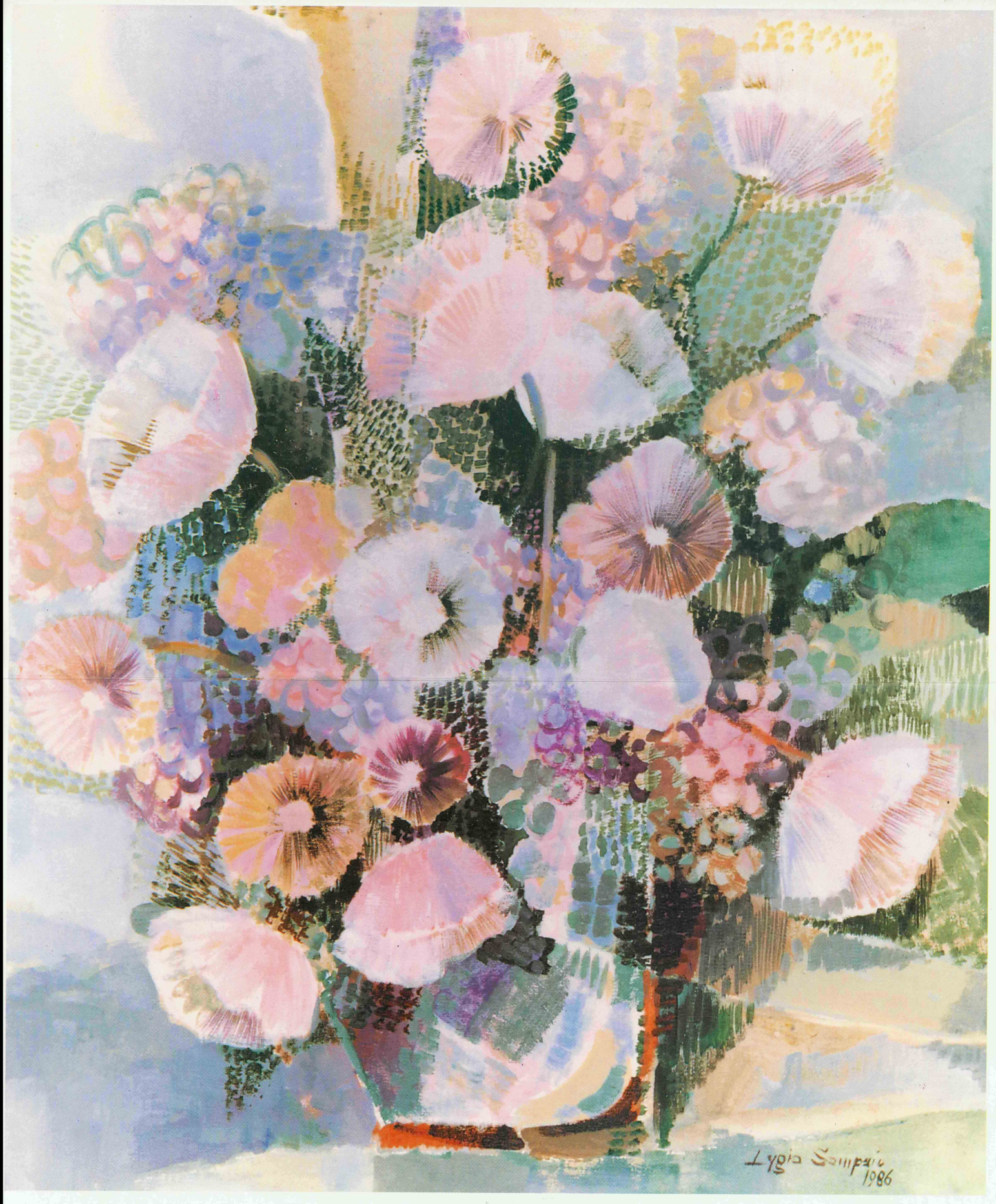
O BRASIL NA DEFESA DO SEU MEIO AMBIENTE.

VEJA COMO PLANTAR SEM PRECISAR QUEIMAR:

1. Antes de tudo, tenha certeza de que o solo é apropriado para desmatar.
2. Roce os arbustos, derrube e pique as árvores pequenas e médias, preservando pelo menos 20 das maiores, por hectare.
3. Pegue a madeira cortada para usar como lenha, para ampliar ou construir a casa, o curral, a cerca, o paiol, ou o que você quiser.
4. Sem nenhuma queimada, a clareira está aberta e a terra prontinha pra plantar.

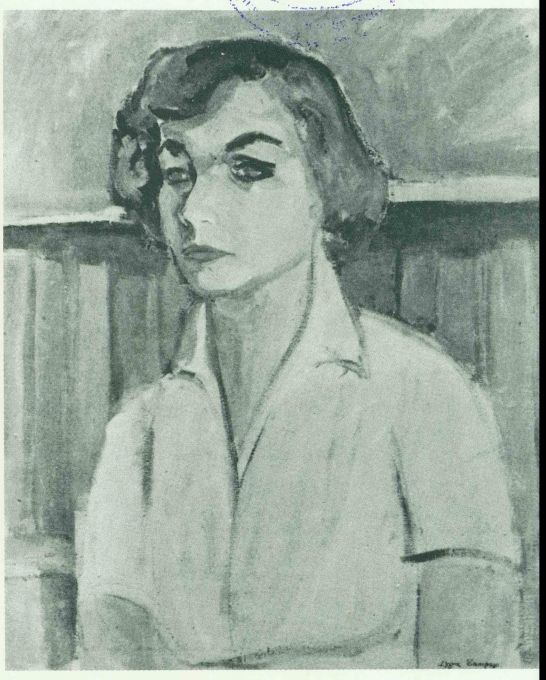
GOVERNO FEDERAL
Tudo pelo social

MINISTÉRIO DO INTERIOR


Lygia Sampaio
1986

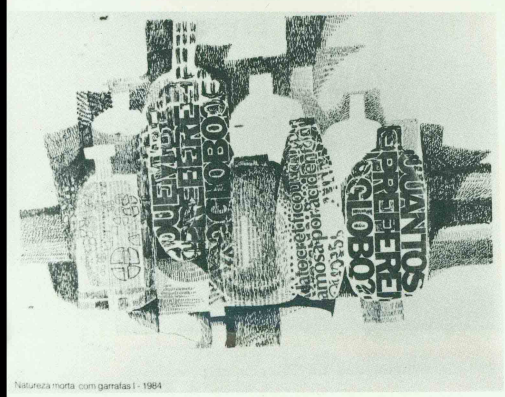
Lygia Sampaio





Sem nenhuma dúvida, um dos nomes mais importantes das artes plásticas na Bahia. Integrante do modernismo entre nós, a renovação que no início dos anos cinquenta movimentou o marasmo da vida artística baiana. Mas por uma rebeldia particular, inexplicável para observadores, ausentou-se de exposições, afastou-se das galerias, fugiu das promoções. Só que isto de nada adiantou para deixá-la no esquecimento. Sua obra não perdeu significação. Ela é o que é, e não como algumas outras que só vivem pela presença em acontecimentos. A arte de Lygia Sampaio é uma das mais importantes em todas as épocas da Bahia.

Para falar de Lygia é bom vermos seu trabalho. Ela própria é de poucas palavras. Nasceu em Salvador, e desenhando desde cedo, realizou o curso livre de Desenho e o primeiro ano da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Isto aos dezesseis anos. Mas foi freqüentando o atelier de Mário Cravo Júnior, no Porto da Barra, que a pintura passou a fazer parte de sua vida. Ali ela teve consciência e consistência. *O atelier de Mário era um lugar de cultura. Discos, livros, tudo. Em lugar de ficar na Escola, optei pelo atelier.*

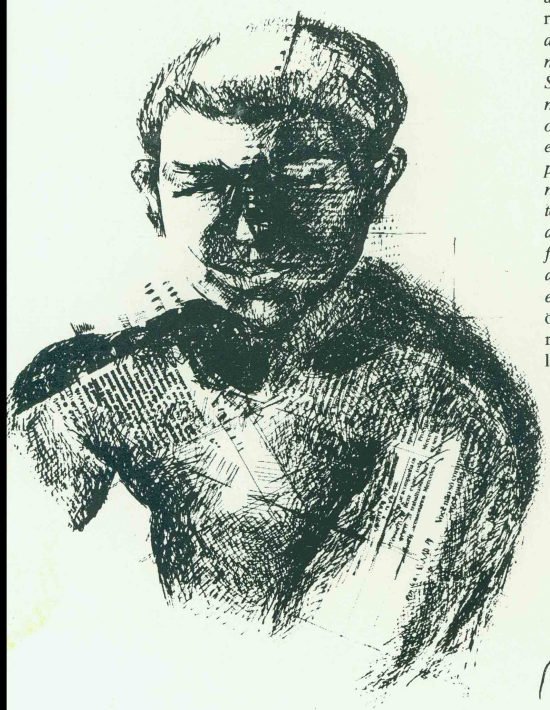


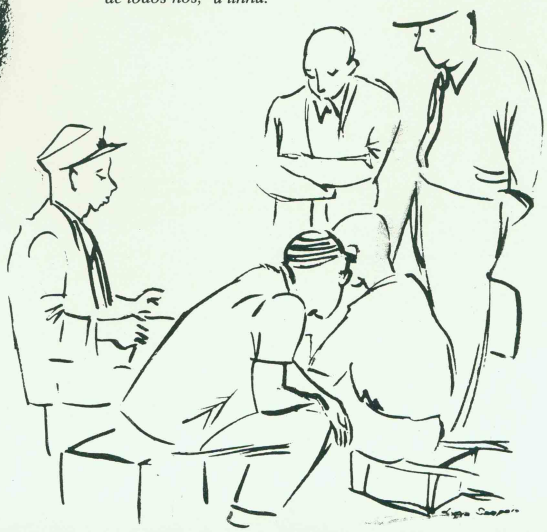
Natureza morta com garrafas I - 1984

Foi bem melhor a escolha, pois Lygia começa a expor — a primeira, uma coletiva com Rubem Valentim, Jenner Augusto, Mário Cravo, no Instituto Histórico —, aí vale uma observação: no livro de presença desta mostra, hoje guardado no acervo do Núcleo de Artes do Desembanco, temos cerca de três mil pessoas visitando a exposição. Seria uma outra Bahia com sua cultura?



O caminho vai seguindo com participações em Salões, o Baiano, o Nacional, até chegar a exposição de 1984, retrospectiva, após vinte e cinco anos fora do circuito de arte. Mas Lygia, sua ausência, sua arte, vivem, e sobre ela reproduzimos esta opinião de Israel Pedrosa. *Nos caminhos abertos por seus artistas residem alguns dos melhores momentos da arte brasileira de todos os tempos. Lygia Sampaio integrou esse grupo que há quarenta anos vem modernizando a arte de sua terra e a visualização de todo o país. Em seu trabalho atual, o fino traço vai construindo em trama variada as formas de sua fantasia. Num clima de perplexidade ou dúvida, entre a estilização e soluções naturalistas, entre o descritivo e o puro impacto visual, o tênue traço contrasta com afirmativas formas escuras, onde as colagens atestam seu apurado temperamento gráfico, fazendo aflorar afinidades muito mais próximas das soluções apontadas por Rauschenberg, do que as criadas por Picasso e Braque.* Poderíamos nos estender com opiniões de muitas outras pessoas, críticos, poetas, outros artistas, mas seria redundante. Todos falariam na qualidade de sua obra e lamentariam sua ausência. Importante é registrar, para concluir, somente uma delas, a de seu amigo, colega e companheiro Rubem Valentim: *a mais pura de todos nós; a linha.*





Fundação Casa de Jorge Amado
Divisão de Pesquisa e Documentação

Texto: Claudius Portugual
EXU nº 9 - Fundação Casa de Jorge Amado
Salvador - Bahia - 1989
Não pode ser vendido separadamente.